MARVEL

© 2022 MARVEL

RONALD L. SMITH

# PANTERA NEGRA

## O JOVEM PRÍNCIPE: ENFEITIÇADO

EXCELSIOR
BOOK ONE

MARVEL

# PANTERA NEGRA
# O JOVEM PRÍNCIPE:
## ENFEITIÇADO

MARVEL

# PANTERA NEGRA
# O JOVEM PRÍNCIPE:
## ENFEITIÇADO

RONALD L. SMITH

SÃO PAULO
2022
EXCELSIOR
BOOK ONE

© 2022 MARVEL. All rights reserved.
*Black Panther: The Young Prince*

Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Primeira edição Marvel Press: setembro de 2021

**EXCELSIOR – BOOK ONE**
TRADUÇÃO ***Leonardo Alvarez***
PREPARAÇÃO ***Bruno Müller***
REVISÃO ***Tássia Carvalho e Silvia Yumi FK***
ARTE, ADAPTAÇÃO DE CAPA
E DIAGRAMAÇÃO ***Francine C. Silva***
TIPOGRAFIA ***Adobe Caslon Pro***

**MARVEL PRESS**
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL ***Marci Senders***
ARTE DA SOBRECAPA ***Josh Talbot***
DESIGN ORIGINAL DA SOBRECAPA ***Catalina Castro***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

| | |
|---|---|
| S648p | Smith, Ronald L. |

Pantera Negra: o jovem príncipe: enfeitiçado / Ronald L Smith; tradução de Leonardo Alvarez. – São Paulo: Excelsior, 2022.

208 p.

eISBN 978-65-87435-62-6

Título original: *Black Panther: The Young Prince: Spellbound*

1. Literatura norte-americana 2. Pantera Negra – Personagem fictício I. Título II. Alvarez, Leonardo

22-1146 CDD 813

Para Chadwick Boseman.
Fique em paz, meu rei.

# PRÓLOGO

As palavras CLUBE MEDO piscavam em neon vermelho-sangue acima da porta de entrada.

Uma gárgula de pedra, ou alguma criatura de pesadelos, empoleirava-se acima dela como se estivesse observando sua presa.

O estranho, que usava um terno branco limpo, sapatos italianos feitos à mão e um chapéu fedora com uma pena, bateu três vezes com a bengala na porta. Ele esperou pacientemente enquanto o som de um baixo pesado, que latejava na espinha, pulsava do lado de dentro.

A pesada porta de ferro se abriu com um gemido.

Uma mulher de cabelo ruivo e batom preto estava diante dele.

– Olá – disse o estranho, com os olhos ocultos pela aba do chapéu.

A mulher estalou o chiclete e deu uma olhada nele.

– Sim? – perguntou ela, não muito gentilmente.

O estranho sorriu, e foi um sorriso largo que parecia ocupar todo seu rosto.

– Estou aqui para ver um amigo – disse ele. – O nome dele é Pesadelo.

# CAPÍTULO UM

T’Challa encostou a cabeça no vidro frio da janela do avião. Estava exausto.

O voo para o Alabama durou extenuantes dezesseis horas, e a última parte da viagem estava chegando ao fim rapidamente.

O comissário de bordo, um homem muito alto com sotaque sulista, entrou na cabine da primeira classe.

– Mais suco de laranja, senhor?

T’Challa sacudiu a cabeça para acordar.

– Não – disse ele, esfregando os olhos. – Hum, não, obrigado.

– Muito bem, senhor. Pousaremos em breve.

*Finalmente*, pensou T’Challa.

Mesmo sendo o Príncipe de Wakanda, uma nação tecnologicamente avançada escondida de olhares indiscretos no continente africano, ele teve que se contentar com um assento na primeira classe de um voo comum, embora as toalhas quentes, chinelos e castanhas de caju salgadas fossem um tratamento inesperado. Claro, ele poderia ter implorado a seu pai,T’Chaka, o Pantera Negra e Rei de Wakanda, que alugasse um jato particular para a viagem. *Mas aí*, pensou T’Challa, *onde teríamos pousado?* Eles não podiam simplesmente ir para um aeroporto comum. O jato atrairia atenção demais. O controle de tráfego aéreo provavelmente pensaria que era um OVNI e o derrubaria.

Infelizmente, seu companheiro de assento, um empresário de um lugar chamado Dover, no estado de Delaware, tentou várias vezes envolver T’Challa em uma conversa.

– De onde na África você disse que era?

– Já viu algum rinoceronte?

– Sua família atua em que tipo de negócio?

*Norte-americanos com certeza fazem muitas perguntas pessoais*, pensou T'Challa.

A única resposta que ele deu, depois de muita insistência, foi que o negócio da família era "mineração".

Um guincho ensurdecedor o despertou totalmente. Ele espiou pela janela. Uma equipe de voo com coletes laranja enxameava a pista, agitando seus bastões. T'Challa suspirou satisfeito. Ele importunara seu pai durante semanas para que lhe permitisse visitar seus amigos Zeke e Sheila nos Estados Unidos. Sheila estava passando o verão no Alabama com sua avó, e Zeke chegara alguns dias antes da data marcada para a chegada de T'Challa. Eles planejaram aquilo durante semanas por meio de videochamadas.

Finalmente, depois de muitas idas e vindas e da insistência de seu pai para que T'Challa fosse cuidadoso, o rei de Wakanda concedeu a ele três semanas de férias. T'Challa estava extasiado. Mal podia esperar para ver seus amigos de novo.

E lá estava ele.

Ele se perguntou, não pela primeira vez, que surpresas a viagem traria.

Do lado de fora do portão de desembarque internacional, T'Challa foi recebido por uma onda sufocante de calor; não o calor seco e agradável de Wakanda, mas um calor sufocante e úmido que fazia a gola de sua camisa grudar na nuca.

Passos soaram atrás dele.

Ele girou rapidamente, seu treinamento de defesa entrando em ação.

Uma garota com pequenas sardas e cabelos cacheados estava diante dele. Ela sorriu, revelando dentes retos e brancos.

– Bem-vindo a Beaumont, Alabama – disse ela.

T'Challa deu um suspiro de alívio.

– Sheila! – disse ele, dando-lhe um abraço estranho. O cabelo dela cheirava a xampu de morango.

– Não acredito que você está aqui – acrescentou seu amigo Zeke, empurrando os óculos para cima. – Quero dizer, que veio lá de Wakanda!

Zeke ergueu a mão para um "toca aqui", e T'Challa correspondeu.

Zeke era magro, com o cabelo cortado rente, óculos grossos e um raciocínio rápido que T'Challa vira em diversas ocasiões.

– Essa é a única mala que você trouxe? – perguntou Sheila, olhando para a bolsa de ombro de couro preto brilhante que ele carregava.

– Hã, sim – respondeu T'Challa. – Não trouxe muita coisa e não queria passar pelo desembarque.

Sheila se abanou com a mão e assumiu um sotaque sulista exagerado:

– Bem, está tão calor aqui que tudo o que você precisa é de uma bermuda e uma camiseta, de qualquer forma.

Zeke acenou na direção dela.

– Ela tem falado assim desde que eu cheguei aqui.

T'Challa riu. Os únicos sotaques sulistas que ele já ouvira eram de antigos programas de TV norte-americanos que assistia em Wakanda.

– Então, quando você chegou aqui? – ele perguntou a Sheila.

– Há cerca de uma semana – respondeu ela. – Faz anos que não venho aqui! A última vez foi com meus pais, e eu tinha cinco ou seis anos.

– E você, Zeke? – perguntou T'Challa.

– Há três dias.Tenho pesquisado vários tipos de alimentos. – Ele lambeu os lábios.

Sheila apontou com o polegar para o lado, na direção de Zeke.

– Tudo o que ele tem feito é comer.

– Sou um garoto em fase de crescimento – disse Zeke, dando um tapinha em sua barriga reta. – Além disso, tem muita comida que preciso experimentar!

T'Challa riu novamente. Ele ouvira falar sobre como a culinária sulista era boa, e mal podia esperar para provar.

Zeke olhou para a bolsa de T'Challa, curioso.

– E então… o que você trouxe? Algumas paradas secretas de alta tecnologia? O traje? Por favor, diga que você trouxe o traje.

T'Challa suprimiu um gemido.

No ano anterior, em sua primeira viagem aos Estados Unidos, Zeke e Sheila descobriram quem ele era na verdade. Seu pai o mandara a Chicago devido a uma ameaça iminente em Wakanda.

Uma vez na Cidade dos Ventos com seu amigo M'Baku, eles foram matriculados na Escola de Ensino Fundamental South Side com nomes falsos. Seu pai não queria que nenhum de seus inimigos soubesse que o filho estava nos Estados Unidos.

Ele logo se tornou amigo de Zeke e Sheila e, juntos, eles detiveram uma força do mal que colocara a escola inteira e o próprio mundo em perigo. Não demorou muito para que seus amigos descobrissem que ele era mais do que um estudante de intercâmbio comum do Quênia, seu disfarce. Quando a ameaça se tornou séria a ponto de T'Challa precisar usar o traje de pantera que seu pai lhe dera para proteção, Zeke endoidou e não parou mais de falar sobre aquilo. Parecia que ainda estava obcecado.

– Sim, Zeke, eu trouxe o traje – confessou T'Challa. – Meu pai insistiu. Mas disse para eu ter cuidado. Ele não quer que eu me envolva em algum tipo de aventura perigosa como da última vez.

Zeke ergueu uma sobrancelha zombeteira.

– Nunca se sabe, não é?

T'Challa lançou a Zeke um sorriso cauteloso.

– Falando nisso – disse Sheila. – Como exatamente você convenceu seu pai a deixá-lo vir para cá novamente?

– Demorou um pouco – respondeu T'Challa. – Mas eu venci pelo cansaço.

T'Challa lembrou do momento. No início, seu pai fora completamente contra a ideia, mas quando ele o lembrou de como lidara com uma ameaça inesperada em sua última viagem, e o fato de que estava um ano mais velho e mais sábio, o rei de Wakanda balançou a cabeça de forma pensativa e cruzou as mãos diante dele. O fato de a rainha Ramonda estar ao lado do jovem também ajudou. "T'Challa precisa ver mais do mundo exterior", dissera ela. "A melhor hora para fazer isso é agora, enquanto é jovem."

Depois daquilo, seu pai finalmente cedeu.

"Lembre-se de quem você é", exigiu ele de T'Challa. "Você é um representante de sua nação. Use a sabedoria e o discernimento que lhe foram ensinados. Não me *desaponte*."

O pai de T'Challa falara baixinho, mas a força por trás das palavras era clara. Não havia outra maneira de interpretar.

*Não se meta em problemas.*

– Vamos – disse Sheila, puxando T'Challa para longe. – O sr. Perkins está esperando.

– Sr. Perkins? – perguntou T'Challa.

– Ele é tipo um faz-tudo – respondeu Sheila. – Faz muitos serviços para minha avó, como aparar grama e consertar coisas. Está esperando a gente no estacionamento.

O sr. Perkins, um homem negro mais velho e com cabelos grisalhos, não falava muito, mas tocava músicas gospel no rádio do carro. T'Challa nunca ouvira nada parecido antes, mas algumas das melodias o lembravam das canções folclóricas wakandanas. Ele fechou os olhos e deixou que a música o envolvesse, o que quase o fez adormecer diversas vezes.

Depois de uma curta viagem de carro, o sr. Perkins os deixou em frente a uma pitoresca casa amarela com um belo gramado verde e magnólias gigantes de cada lado.

– Muito obrigada, sr. Perkins – disse Sheila. – Estamos muito gratos.

– Diga a senhora Rose que voltarei na semana que vem para me livrar daquele toco de árvore nos fundos, certo?

– Claro – respondeu Sheila. – Obrigada novamente.

T'Challa deu ao sr. Perkins um sorriso e um aceno de cabeça, depois saiu do carro.

Sheila avisou T'Challa:

– Prepare-se para um beijo molhado de vó.

Quando ele e seus amigos entraram, foram imediatamente recebidos por um aroma que o deixou com água na boca. Ele não tinha certeza do que era, mas mal podia esperar para descobrir. A sala de estar era grande e de aparência confortável, com um grande sofá, várias poltronas e uma grande área de jantar com um enorme armário de porcelana. Retratos emoldurados de membros da família estavam pendurados nas paredes, e havia flores frescas sobre uma lareira chique. Uma estante de livros ocupava uma parede. T'Challa sorriu. Sheila era uma leitora ávida e, a julgar pelos inúmeros livros à mostra, sua avó também. *Deve ser de família*, pensou ele.

– Alguma coisa está cheirando bem – disse Zeke, farejando o ar.

No mesmo instante, uma mulher apareceu nos fundos da casa.

Tinha tranças curtas e bem entrelaçadas e usava um vestido estampado com padrões geométricos arrojados em verde e amarelo, que lembrava T'Challa das roupas coloridas que as pessoas usavam em sua casa.

– Você deve ser T'Challa – disse ela, se aproximando.

T'Challa engoliu em seco com a menção de seu nome, mas então percebeu que não precisava mantê-lo em segredo. Ela não sabia de onde ele realmente era, é claro, apenas que era amigo de Zeke e Sheila. Alguém que eles tinham conhecido em Chicago como um "aluno de intercâmbio".

Antes que ele percebesse, a avó de Sheila o abraçou e deu um beijo em sua bochecha.

– Prazer em conhecê-lo, T'Challa – disse ela, interrompendo o abraço. – Pode me chamar de dona Rose.

– Prazer em conhecê-la também, dona Rose.

Houve um momento de silêncio. T'Challa enfiou as mãos nos bolsos, sem saber o que mais fazer com elas.

– Bem – disse dona Rose, por fim, recuando com as mãos nos quadris. – Quem está com fome?

T'Challa comparecera a muitos banquetes em Wakanda, mas a mesa de dona Rose era um espetáculo a ser visto. Zeke apontou tudo:

– Temos bagre, muffins, costeletas, macarrão com queijo assado, quiabo frito, amendoim cozido, bolinhos de milho, couve, *succotash*[1], feijão vermelho com arroz e chá gelado.

– E alguns hambúrgueres Wow – acrescentou Sheila. – São feitos de plantas. – Ela era vegetariana, mas estava pensando em se tornar pescetariana depois de provar salmão assado.

– Eca – reclamou Zeke. – Quem vai querer carne falsa?

– É mais saudável – retrucou Sheila.

Zeke balançou a cabeça e pegou outro pedaço de peixe.

T'Challa os observou interagindo daquele jeito por alguns minutos, e sorriu. Os dois sempre foram assim, lembrou-se ele. Discutiam, brincavam e provocavam um ao outro por horas, mas, no

fundo, eram melhores amigos e fariam qualquer coisa um pelo outro se houvesse necessidade. Ambos provaram aquilo na última viagem de T'Challa aos Estados Unidos.

– Isso tudo parece delicioso – disse T'Challa, pegando um pedaço quente de peixe frito. A carne escamosa e suculenta derreteu em sua boca. Ele sorriu e saboreou. A comida em Wakanda era muito boa, mas também um pouco saudável demais para o gosto de T'Challa: muitos grãos, folhas verdes e carnes magras. Qualquer chance que ele pudesse ter de experimentar novos sabores não seria jogada fora. Quando ele e seu amigo M'Baku foram para Chicago pela primeira vez no ano anterior, comeram tudo o que havia no frigobar do hotel, e M'Baku passou mal de tanto chocolate.

Zeke devorava a comida como se não se alimentasse há semanas.

Dona Rose olhou para ele por um bom tempo.

– Menino – disse ela, recostando-se na cadeira e cruzando os braços. – Não sei onde você coloca tudo isso. – Ela balançou a cabeça. – Magro como um varapau.

– Vai tudo para o meu cérebro – respondeu Zeke, com a boca cheia.

– Bom, então é melhor você comer mais – respondeu Sheila. – Porque há um monte de espaço vazio aí.

Até T'Challa teve que rir daquilo, e riu sem hesitar. Zeke resmungou uma resposta, mas Sheila vencera a rodada.

T'Challa suspirou e se recostou na cadeira. Estava feliz por estar lá. O tempo que passava em Wakanda era sempre cheio de reponsabilidades, como se reunir com os conselheiros de seu pai e comparecer a reuniões semanais sobre as preocupações mais recentes do país. Ele também tinha que supervisionar um grupo de alunos talentosos na Academia de Jovens Líderes de Wakanda, meninos e meninas que um dia governariam. De vez em quando, ele acabava ficando um pouco sobrecarregado. Afinal, tinha acabado de fazer treze anos e ainda gostava das florestas exuberantes e dos rios cristalinos de sua terra. Adorava cuidar dos animais velhos e deficientes no santuário, alimentando girafas e rinocerontes que respondiam às suas palavras suaves e toque

gentil. Mas seu pai nunca se esquecia de lembrá-lo de seu lugar e de seu dever na poderosa nação.

*Você vai liderar um dia*, dizia ele, com a voz profunda e cheia de força. *Esse é o nosso destino.*

– Então, o que vocês planejaram para o verão? – perguntou dona Rose, trazendo T'Challa de volta para o presente. – Vocês sabem que as férias não duram para sempre.

Os ouvidos de T'Challa se animaram com o sotaque sulista da senhora. Era o mesmo que Sheila tentara imitar, mas aquele era para valer.

Sheila enfiou a mão no bolso da calça e puxou o telefone.

– Bem, tenho tudo certo aqui.

– Ela é uma planejadora – disse Zeke.

Sheila conferiu seu aparelho.

– Amanhã é a Feira Estadual do Alabama. Então estava pensando em um passeio de canoa no rio Tuscaloosa, depois no jardim botânico…

– Isso é para um dia só – interrompeu Zeke. – Ou para o verão inteiro?

– Vamos começar com a feira estadual amanhã – respondeu Sheila, ignorando a atitude sarcástica de Zeke. – E depois seguimos daí.

– Parece um bom plano – disse dona Rose. Ela se virou para T'Challa. – E você, rapaz? O que está querendo fazer?

T'Challa pensou naquilo por um momento. Esperava poder fazer o máximo possível na viagem, mas a única coisa que eles realmente planejaram de antemão era chegar ao Alabama na mesma época.

– Bem – disse ele, em busca de uma boa resposta. – É divertido ver lugares diferentes. – Ele encolheu os ombros. – Não sei. Acho que estou pronto para qualquer coisa!

Dona Rose inclinou a cabeça.

– Sheila disse que você é do Quênia. Como é lá? Adoraria ver a terra natal um dia.

Zeke e Sheila olharam para T'Challa, imaginando o que ele diria. Ele não queria mentir para aquela senhora simpática, mas achava que deveria manter para si qualquer menção a Wakanda. A maioria dos americanos tinha a impressão de que Wakanda era um país

pobre que precisava de ajuda global, mas aquilo tudo era uma fachada, como Zeke e Sheila bem sabiam. T'Challa acreditava que seria mais fácil simplesmente dizer que era do Quênia, em vez de inventar histórias sobre como Wakanda era pobre. Parecia mais uma mentira do que dizer que era de outro país, em sua opinião. Ele se mexeu na cadeira e coçou a cabeça.

– Bem – disse ele. – Lá sempre faz muito calor, como aqui.

Dona Rose deu uma risadinha.

– Diga-me algo que eu não sei.

T'Challa engoliu em seco.

– Existem animais de todos os tipos. Muitas, hã, coisas para fazer.

Zeke bufou.

– A família de T'Challa é *muito* rica – disse Sheila, o que fez T'Challa ficar rígido. – O pai dele é muito importante no governo.

T'Challa lançou um olhar para Sheila, e Zeke sufocou uma risada. *Pensando bem, porém*, percebeu ele, *ela não está mentindo.*

– Ah, sério? – perguntou dona Rose, aparentemente impressionada. – Bem, isso é muito emocionante. Acho que alguns de nós nascemos com sorte, hein?

– Hã, sim – disse T'Challa calmamente. – Creio que sim.

– Você deveria ver ele lutando – disse Zeke. – No ano passado, T'Challa derrotou o sr. Blevins, nosso antigo professor de educação física, em cerca de trinta segundos! Foi rápido no nível de… reflexos *felinos*.

T'Challa engoliu em seco.

– Não posso dizer que sou fã de luta livre – acrescentou dona Rose. – Por que os meninos sempre querem lutar?

– *Essa* é a eterna questão – disse Sheila.

T'Challa ficou sentado durante todo o episódio, tentando manter um sorriso. Seus amigos estavam realmente o provocando. Ele percebeu que era ótimo vê-los novamente. Realmente sentia falta daqueles dois, mesmo que o estivessem deixando acuado.

– Ufa – disse Zeke, afastando o prato e se ajeitando. – Estou cheio.

T'Challa respirou com mais facilidade, aliviado pela brincadeira finalmente ter acabado.

Os olhos de Zeke percorreram o restante da comida na mesa.

– Hum, o que temos para a sobremesa?

Para a sobremesa, eles puderam escolher entre torta de pêssego ou torta de nozes, coberta com sorvete de baunilha, uma das guloseimas mais saborosas do Sul. T'Challa escolheu a torta de pêssego e comeu cada pedaço até sentir que seu estômago estava prestes a explodir.

Depois, Sheila levou T'Challa e Zeke para o quarto deles.

Era um espaço pequeno com beliches e um tapete laranja felpudo que parecia ter cem anos. Zeke já havia reivindicado a cama de cima. O quarto estava vazio desde que os dois tios de Sheila, os filhos de dona Rose, tinham se mudado há muito tempo. Cartazes desbotados de antigas bandas de soul estavam nas paredes, junto com um pufe, uma lâmpada de lava e alguns brinquedos amontoados em um baú aberto.

– Bem – disse Zeke, esticando os braços atrás da cabeça enquanto se deitava na cama de cima. – O que está achando do Alabama até agora?

Mas a única resposta do Príncipe de Wakanda foi um ronco alto vindo da cama de baixo.

*Succotash* é um prato típico da culinária de alguns povos nativos norte-americanos, e bastante popular na culinária sulista, que consiste em um guisado à base de milho e feijão, cozidos com diversos vegetais e condimentos. O termo provavelmente é derivado da palavra "msickquatash" da língua naragansett, que significa "maçaroca cozida". (N.T.)

# CAPÍTULO DOIS

T’Challa dormiu tranquilo naquela primeira noite. Ele apagou completamente assim que sua cabeça encostou no travesseiro, embora tenha acordado com dor no pescoço por dormir numa posição esquisita.

O trio partiu depois de uma refeição de biscoitos amanteigados quentes, ovos mexidos, batatas fritas, bacon e um prato chamado *grits*[2], que T’Challa nunca tinha provado, mas que gostou de comer com sal e um pouco de manteiga.

A casa de dona Rose não ficava muito longe do limite do condado, e eles pegaram um ônibus para o recinto da feira estadual. T’Challa espiava pela janela enquanto eles rodavam pelas ruas esburacadas. Passaram por hectares de terras agrícolas, onde vacas e cavalos pastavam em campos verdes. Tratores e equipamentos agrícolas pareciam estar diante de cada quintal. Celeiros vermelhos surgiam à distância. Era uma paisagem agradável e o lembrava um pouco da comunidade agrícola de Wakanda. A única diferença era que, em seu país natal, as plantações eram semeadas e irrigadas por pequenos drones flutuantes alimentados por vibranium, o recurso mais valioso da nação, um metal diferente de qualquer outro, poderoso o bastante para sustentar uma cidade e manter sua economia forte. Vibranium também era o principal elemento no traje do Pantera Negra, que fornecia proteção a ataques, absorvendo a energia e a redirecionando para um oponente. T’Challa aprendera o quão poderoso o vibranium era em sua última viagem aos Estados Unidos, quando derrotou uma criatura maligna chamada Obayifo, uma lembrança que queria apagar para sempre.

T’Challa refletia sobre a história de seu país enquanto continuava a olhar pela janela. As lendas diziam que, há muito tempo, milhares de anos antes de nossa época, um meteoro caiu em Wakanda. Bashenga, um guerreiro xamã de grande renome, investigou os destroços e encontrou um metal absorvente diferente de tudo o que ele já vira. Para o desgosto dele, o meteoro também liberou uma carga radioativa, transformando alguns dos membros da tribo em espíritos demoníacos enfurecidos. Bashenga caiu de joelhos e ergueu os braços para o céu.

*Bast, me proteja.*

E a deusa pantera ouviu seu chamado.

Em uma visão, ela o levou para a floresta, onde ele descobriu uma planta mística infundida com a poderosa essência do estranho metal. Eles a chamavam de erva-coração. Logo depois, ele destruiu os demônios e se tornou o primeiro Pantera Negra, estabelecendo a base para as gerações vindouras.

Muitos wakandanos pensavam nas histórias de Bashenga apenas como mito, mas o pai de T’Challa e toda a Tribo da Pantera eram verdadeiros devotos, e seus rituais e cerimônias eram prova dessa devoção. T’Challa pensava naquela história com frequência, principalmente em Bast. Era tudo verdade, ou apenas parte da mitologia de Wakanda?

Aquela mesma mitologia era uma parte constante da vida cotidiana de T’Challa em sua terra natal. Ele cresceu ouvindo contos de magia e feitiçaria, lendas wakandanas que explicavam sua história e lugar no mundo. O Plano Ancestral, onde as pessoas se comunicavam com seus entes queridos mortos, era uma realidade, junto com as outras pessoas, lugares e coisas aparentemente sobrenaturais. *Será que Zeke e Sheila acreditariam em algumas das histórias que eu poderia contar?*, ele se perguntava.

O ônibus entrou em um enorme estacionamento cheio de carros. T’Challa viu centenas de pessoas indo em direção a uma entrada decorada com faixas e bandeiras coloridas, balançando na brisa do verão.

– Aqui estamos – disse Zeke, enquanto todos desciam do ônibus.

T’Challa observou a cena. Uma roda gigante girava lentamente, em um grande círculo contra o céu acima deles.

– São… pessoas, lá em cima?

– Sim – respondeu Sheila. – A roda gigante é meu passeio favorito.

T’Challa piscou. Ele poderia ser o futuro Pantera Negra, mas sua cabeça ainda girava com a ideia de estar tão alto no ar.

– O que vocês querem fazer primeiro? – perguntou Sheila aos dois garotos.

– Cachorro-quente empanado! – gritou Zeke, um pouco alto demais. Sheila fechou os olhos e tornou a abri-los, como se estivesse exausta.

– O que é um… cachorro-quente empanado? – perguntou T’Challa.

– Uma abominação – respondeu Sheila.

Zeke sorriu, afetado.

– Vamos, Tê. Não dê ouvidos a ela. Um cachorro-quente empanado é o que há de melhor na culinária sulista.

– Há! – Sheila jogou a cabeça para trás e riu. – Tenho certeza de que alguns chefs sulistas altamente respeitados discordariam.

Poucos minutos depois, T’Challa se viu parado em uma longa fila em frente ao vendedor de cachorro-quente. Quando finalmente chegou sua vez, o homem atrás do balcão entregou-lhe algo espetado em uma vara de madeira fina. T’Challa olhou para ele com curiosidade.

– O quê... é isso, exatamente?

– Uma linguiça de carne bovina coberta de massa e frita – disse Zeke, com um brilho predatório no olhar.

– Um ataque cardíaco num espeto – acrescentou Sheila.

T’Challa deu uma mordida. Ele mastigou, pensativo, então assentiu lentamente.

– Vamos lá! – disse Zeke. – Não é a melhor coisa que você já provou?

T’Challa engoliu em seco.

– Muito bom. Tem gosto de frango.

Zeke se virou para Sheila, sorrindo, como se tivesse provado que estava certo de alguma forma. Sheila apenas balançou a cabeça, desgostosa.

O sol estava forte enquanto eles observavam a paisagem.T’Challa ficou surpreso com a quantidade de movimento em cada esquina. Crianças em carrinhos colidiam umas com as outras em uma espécie de arena circular. Outras eram giradas em um cilindro enquanto estavam presas à parede. Crianças de braços e pernas para o ar gritavam dentro de uma máquina giratória. Os vendedores tinham de tudo, desde uma guloseima chamada algodão-doce até biscoitos fritos. T’Challa sentia como se tivesse acabado de pousar em algum tipo de planeta alienígena.

– Dê um passo à frente! – gritou um homem de macacão azul quando T’Challa passou por ele. – Teste sua força no Martelo de Força! Você aí, fortinho? Quer tentar? Não é um covarde, é?

Por um momento, T’Challa não soube com quem o homem estava falando:

– Eu? – perguntou ele, apontando para si mesmo.

– Sim, você mesmo, gênio – retrucou o homem.

– Vai lá, Tê – disse Zeke, lançando a ele um olhar penetrante. – Mostre a ele como se faz.

O homem estava parado diante de uma torre de metal com cerca de seis metros de altura. Na parte inferior, um pequeno disco preto repousava sobre uma almofada com um quadrado de metal com mola ao lado. A ideia era erguer a marreta e descê-la com força no quadrado, que faria o disco subir até o topo, onde tocaria uma campainha.

– Apenas cinquenta centavos a tentativa – desafiou o homem.

T’Challa não gostava dele. Seus olhos eram estreitos e negros, como os de um tubarão.

O príncipe deu um tapinha nos bolsos e gemeu por dentro. Ele se esquecera de trocar dinheiro no aeroporto. Dinheiro era algo em que ele não pensava com frequência, porque nunca o carregava. Alguns wakandanos usavam dinheiro, mas a maioria das transações eram feitas através de computadores e dispositivos de dados pessoais, como seus cartões Kimoyo. Às vezes, porém, quando estava fora de casa, um de seus guarda-costas carregava dinheiro de verdade. Ele sabia o quão privilegiado era, e às vezes detestava.

– Hã, não tenho nenhum trocado – disse ele, um pouco envergonhado.

– Há! – Zeke riu. – Uma das pessoas mais ricas de Wak…

Sheila o cutucou com o cotovelo.

– Aaai! – resmungou Zeke, mas então seus olhos se arregalaram. – Ops – sussurrou ele.

– Aqui está – disse Sheila, entregando a T'Challa um punhado de moedas.

T'Challa deu algumas delas ao homem e pegou a marreta. Ele testou o peso, ensaiando alguns golpes.

– Vamos logo, bonitão – disse o homem. – Não temos o dia todo. Tenho outros clientes pagantes.

T'Challa olhou para um lado, depois para o outro. Não havia outros clientes. Ele engoliu uma resposta. O homem certamente era grosso.

– Mostre a ele como se faz, T'Challa – encorajou Zeke.

– *T'Challa*? – zombou o homem. – Que tipo de nome é esse?

O wakandano o ignorou e ergueu a marreta por cima do ombro.

– Um – contou ele. – Dois… três!

Ele desceu a marreta no quadrado com todas as suas forças.

O disco voou. T'Challa esperou pelo toque do sino, mas ele não aconteceu. Em vez disso, o disco atingiu um pequeno quadrado verde que dizia FRACOTE, depois caiu de volta para pousar na almofada com um ruído abafado.

O homem começou a rir.

– Que triste, hein? Aposto que sua namorada consegue fazer melhor do que isso!

Sheila lançou ao homem um olhar que derreteria gelo. T'Challa ficou um pouco envergonhado, mas não ia deixar um idiota como aquele levar a melhor. Apoiou a marreta no ombro e se preparou para outra tentativa.

– Deixe-me tentar – disse Sheila, pouco antes de ele balançar a marreta.

– Com prazer – respondeu T'Challa, entregando a marreta para Sheila. Estava cansado daquela exibição boba de força bruta, de qualquer forma.

– Vamos, Sheila – encorajou Zeke. – Mostre a esse cara quem é que manda.

Sheila sorriu e ficou perto da área com os pés bem afastados, como um jogador de golfe preparando sua tacada. Ela olhou a torre de cima a baixo. Murmurou para si mesma como se estivesse calculando algo em sua cabeça, depois deu alguns golpes de treino no meio do caminho. Por fim, desceu a marreta com força, bem no meio do quadrado de metal.

O disco voou pela torre.

Todos eles olharam para cima, esperando…

DING!

– Você conseguiu! – gritaram os meninos ao mesmo tempo. Zeke levantou a mão para um "toca aqui" e Sheila retribuiu.

A garota fez uma reverência exagerada. O homem sorriu novamente e disse:

– Sorte de principiante.

Ele estudou Sheila por um momento, depois acenou com a mão em direção ao balcão atrás dele, cheio de ursinhos de pelúcia, coelhinhos fofinhos e unicórnios cor-de-rosa.

– O que você quer como prêmio?

Sheila olhou para a espalhafatosa coleção de brinquedos baratos.

– Nada – respondeu ela.

– *Nada*? – retrucou ele. – Achei que todas as meninas gostassem de bichos de pelúcia.

– Desculpe, senhor – disse ela, devolvendo-lhe a marreta. – Não ligo pra essas ideias ultrapassadas.

O homem franziu o rosto, tentando descobrir se fora insultado ou não.

– *Tsss* – disse Zeke, baixinho.

– Vamos, rapazes – disse Sheila. – Vamos pegar algumas maçãs carameladas… tirar esse gosto azedo da boca.

– Sim – disse Zeke. – Vamos deixar esse… safardana pra lá.

– Safardana? – perguntou o homem. – O que é um safardana?

– Leia um livro – disse Zeke, enquanto o trio se afastava.

– Aquilo foi legal – disse T'Challa. – E aí, como foi que você conseguiu? Eu bati com a marreta o mais forte que pude!

– Exatamente – disse Sheila, com um sorriso irônico. – Que é o que a maioria dos homens faria. Não se trata de força bruta,

T’Challa. É uma questão de técnica. A trajetória do martelo junto com a força gravitacional do golpe é a chave.

– Ah – disse T’Challa, ainda um pouco confuso. Ele olhou para Zeke e encolheu os ombros. Lembrou-se de que Sheila era uma especialista em ciência e tecnologia. No ano anterior, quando tiveram o incidente na escola em Chicago, Sheila invadiu um site com senha criptografada no banco de dados wakandano. E aquela era apenas uma das habilidades da garota.

Depois de errarem ao tentar adivinhar o peso de um porco premiado, verem seus reflexos distorcidos em uma casa de espelhos no parque de diversões e comprarem maçãs do amor, que T’Challa não gostou por achar muito grudentas, eles decidiram que já estavam cansados da feira.

– Esperem – disse Zeke, apontando. – Olhem ali.

T’Challa seguiu o dedo de Zeke. Sob uma enorme tenda listrada de vermelho e branco, um homem caminhava por uma corda bamba.

– Vamos dar uma olhada – encorajou Sheila. – Adoro acrobatas!

T’Challa se sentia morto. Percebeu que deveria estar se adaptando ao fuso horário, mas não queria estragar a diversão de seus amigos, então foi junto com eles.

Eles caminharam, mas não sem antes parar em uma barraca onde Zeke comprou algo chamado de massa frita. T’Challa estava começando a achar que tudo no Sul era frito. Ele experimentou um pedaço e logo percebeu que estava coberto de pó branco, o que Zeke achou extremamente engraçado.

Eles abriram caminho no meio da multidão. Uma faixa pendurada no palco dizia:

BOB, O ACROBATA! EXTRAORDINÁRIO
EQUILIBRISTA DA CORDA BAMBA!

O acrobata caminhava suavemente ao longo da corda, com os longos braços estendidos para os lados, para se equilibrar, testando cada passo com seu peso.

– Incrível – sussurrou Sheila.

O homem ficou imóvel como uma estátua por um momento. Soltou um suspiro, depois se lançou de cabeça em uma cambalhota para pousar novamente. A multidão foi à loucura.

T'Challa deu uma olhada no homem mais de perto. Ele era negro, muito alto e magro, com uma pequena mecha de cabelo correndo por sua cabeça. Usava uma calça justa vermelha e dourada, e uma camisa sem mangas, que revelava braços magros e finos. Um pingente preto em forma de círculo estava pendurado firmemente em seu pescoço.

– Agora – disse o homem, ainda equilibrado sobre a corda. – Vou realizar uma manobra que desafia a morte, uma que apenas o mais corajoso acrobata ousaria tentar.

As orelhas de T'Challa estremeceram. O homem tinha sotaque. Oeste africano, supôs ele.

Um assistente entregou um lenço preto ao homem, que se abaixou, o pegou e amarrou em volta da cabeça, cobrindo os olhos. A multidão murmurava de expectativa. O acrobata ficou com os braços ao lado do corpo. Ele colocou o pé direito à sua frente, depois se curvou para trás em um ângulo impossível.

– Deve ter articulações super flexíveis – sussurrou Zeke.

O acrobata respirou fundo e deu um salto mortal para trás.

Houve um suspiro coletivo.

O tempo pareceu desacelerar naquele instante, e T'Challa observou com a respiração entalada na garganta. Os segundos pareciam durar minutos até que o acrobata pousou de pé novamente, com a agilidade de um gato. Ele tirou a venda e estendeu os braços em um grande gesto. O público aplaudiu descontroladamente mais uma vez. O acrobata espiou por cima da multidão que o adorava, como se procurasse alguém em particular. Por fim, os olhos dele encontraram os de T'Challa. Ele fixou o olhar no garoto por um longo momento, e então a coisa mais estranha aconteceu. Ele deu a T'Challa um sorriso largo, quase malévolo.

Sheila bateu palmas freneticamente.

– Isso foi muito legal!

– Nada mal – disse Zeke.

Mas T'Challa se sentia diferente.

Porque alguma coisa naquele homem lhe dava calafrios.

Um prato típico norte-americano à base de milho, similar à polenta. (N.T.)

# CAPÍTULO TRÊS

T’Challa esticou as longas pernas diante de si e recostou-se na cadeira de jardim. Colocou as mãos atrás da cabeça. O quintal de dona Rose era um oásis agradável. O sol luzia em raios dourados, aquecendo seu rosto. Os pássaros dançavam e cantavam nas magnólias. Ele aguardara o verão o ano todo, e agora os deveres e responsabilidades em Wakanda pareciam estar a um milhão de quilômetros de distância. *Finalmente*, pensou ele. *Não preciso fazer nada além de me divertir.*

Era bom estar de volta aos Estados Unidos, percebeu ele, longe das exigências de seu pai. O rei de Wakanda era um homem rígido que governava com força e, às vezes, intimidação, e não era do tipo que demonstrava suas emoções.

*Serei assim também,* T’Challa se perguntou, *quando chegar a minha hora de governar?*

Ele sabia que aquele dia chegaria em poucos anos. Seu pai conquistara o trono muito jovem. Talvez esperasse que o filho fizesse o mesmo. *Estarei pronto? Serei capaz de ocupar o lugar de meu pai?*

Os pensamentos sobre o pai deram lugar a sua madrasta, Ramonda. Ela era a rainha de Wakanda, e enquanto os outros tremiam com sua força, T’Challa a achava uma presença tranquilizadora e podia falar sobre qualquer coisa com ela, muitas vezes buscando seus conselhos antes de conversar com o pai. T’Challa sentia que ela conseguia ver as coisas com mais clareza do que o rei, e as palavras dela sempre eram levadas a sério. Ela falava suavemente, mas às vezes T’Challa achava que aquela era uma manobra para ganhar a confiança de alguém. Ele uma vez

ouviu dizer que a rainha Ramonda poderia enfiar uma faca entre as costelas de alguém que a pessoa não saberia até ser tarde demais.

A mãe biológica de T'Challa, N'Yami, morreu de uma doença rara logo após seu nascimento. Ele não tinha nenhuma memória dela, apenas hologramas e histórias de seu pai. Gostaria de tê-la conhecido, e frequentemente a procurava em seus sonhos e preces à Bast.

Mesmo assim, amava Ramonda ternamente, já que ela era a única mãe que conhecera.

T'Challa despertou de sua reflexão quando Zeke saiu de casa com dois copos de limonada fresca. Ele pegou o copo frio e suado na mão e o levou aos lábios. Não sabia o que era melhor, chá gelado ou limonada, e concluiu que deveria experimentar mais vários copos de cada antes de fazer seu julgamento final.

– Então, quais os planos para hoje? – perguntou T'Challa.

Sheila, sentada ao lado dele, ergueu os olhos do livro que estava lendo.

– Bem – disse ela –, antes de você chegar aqui, Zeke só falava em encontrar o verdadeiro churrasco sulista.

– Eu fiz algumas pesquisas antes de vir – disse Zeke. – Tem um lugar chamado "Churrasco do Hatcher" que parece muito bom.

T'Challa deu um tapinha na barriga.

– Bem – disse ele. – Estou de férias.

Zeke sorriu.

– Onde fica? – perguntou T'Challa.

– Fica lá em Selma – respondeu Sheila. – O ônibus demoraria uma eternidade. Vovó disse que nos levaria.

– Para mim está ótimo – disse Zeke.

T'Challa se lembrou de que Selma era uma pequena cidade histórica que vira sua parcela de protestos e mudanças durante a era dos direitos civis. Ramonda contara a ele que Selma foi fundamental para dar aos negros americanos o direito de votar, e atualmente era considerada uma prova do que poderia acontecer quando as pessoas realmente trabalhassem juntas pelo bem do país. Ele pensou novamente nas diferenças entre Wakanda e os Estados Unidos. Era algo que ele não conseguia descartar.

Pouco depois, eles estavam a caminho no sedã Audi A4 prateado de dona Rose.

– Massa! – exclamou Zeke, acomodando-se no banco de trás.

– Posso ser uma avó – gabou-se dona Rose, colocando o carro na última marcha. – Mas isso não quer dizer que eu preciso dirigir como uma senhorinha.

T'Challa ficou surpreso, para dizer o mínimo. Dona Rose dirigia como uma profissional, e lidava com facilidade com os buracos e rachaduras na estrada. Quando Sheila dissera a eles que ficariam com a avó, ele ficara um pouco apreensivo. T'Challa esperava que ela fosse muito mais velha, como as avós que vira em programas de TV e filmes americanos. Na verdade, ela estava bem longe daquele estereótipo. Claro, em Wakanda, respeitar os mais velhos estava enraizado na cultura. Ninguém jamais pensaria em desrespeitar um ancião ou demiti-lo por causa de sua idade. Eram os transmissores de conhecimento, contadores de histórias e guardiões dos contos e lendas, e T'Challa escutava todas as lições que compartilhavam e sempre ouvia seus conselhos.

Poucos minutos depois, o carro parou em um estacionamento de cascalho cheio de outros carros. Uma placa vermelha e branca acima da porta anunciava: O MELHOR CHURRASCO DO ALABAMA.

As narinas de T'Challa se dilataram no momento em que pôs os pés lá dentro. Nunca tinha sentido um cheiro tão delicioso em sua vida.

Ele não conseguia identificar exatamente do que o cheiro o lembrava, mas por fim decidiu que remetia a conforto.

Um cardápio escrito à mão estava afixado no alto da parede atrás do balcão, e estava repleto de pratos atraentes: carne grelhada, sanduíches de porco desfiado, pratos de bagre, macarrão com queijo, vagem e todos os tipos de combinações. T'Challa achou que os olhos de Zeke saltariam para fora da cara.

Depois que todos fizeram seus pedidos, encontraram uma mesa e começaram a comer. T'Challa comeu um sanduíche de carne de porco desfiada que tinha tanto recheio que estava caindo do pão. Zeke foi contra seu primeiro desejo e pediu costeletas de porco no bafo, em vez de churrasco, assim como dona Rose. Sheila, sendo

vegetariana, olhou o cardápio e escolheu macarrão com queijo assado, couve do sul e biscoitos amanteigados quentes.

– Bem – disse dona Rose, olhando para o banquete servido diante deles. – Isso é o que eu chamo de uma verdadeira churrascaria sulista.

T'Challa deu outra mordida em seu sanduíche. O gosto era doce, picante e quente ao mesmo tempo. Ele concordava com dona Rose, mas estava com a boca muito cheia para falar. Zeke e Sheila grunhiam satisfeitos enquanto devoravam suas refeições. Eles terminaram com bolo de chocolate, que T'Challa decidiu ali mesmo ser a coisa mais indulgente que já provara.

Pouco tempo depois, todos eles se recostaram e suspiraram com vontade.

– Valeu a viagem? – Sheila perguntou a Zeke.

Zeke fechou os olhos e balançou a cabeça em um gesto de apreciação.

– Melhor. Lugar. Do. Mundo.

T'Challa concordou. Ele olhou para o prato vazio e pensou em Themba, seu preparador físico em Wakanda, que dissera a ele que precisava manter seu treino diário se quisesse se tornar o próximo Pantera Negra.

*Sempre teremos tempo para isso*, pensou T'Challa, pegando a última fatia de bolo.

# CAPÍTULO QUATRO

A cabeça de T’Challa sacudia para cima e para baixo enquanto ele dormia no carro, no caminho de volta para casa. Ele estava exausto, cheio de comida e com sono por causa do fuso horário. Só acordou quando Zeke saiu do carro e bateu a porta. T’Challa deitou-se na parte de baixo do beliche e dormiu de novo imediatamente.

Durante a noite, em algum momento, ele teve um sonho estranho. Ouvia uma voz atrás de um véu escuro que não podia ser perfurado. Não conseguia entender as palavras sussurradas, mas sentia como se fossem dirigidas a ele, e somente a ele. A voz era calma e baixa, mas forte ao mesmo tempo.

T’Challa acordou e continuou imóvel na cama, tentando organizar seus pensamentos e relembrar mais do sonho. Imagens vagas flutuavam em sua mente, mas nenhuma nítida ou definida o bastante. Ele afastou o sonho ao se levantar e se preparar para mais um dia quente no Alabama.

Ele e seus amigos passaram a maior parte da manhã relaxando no quintal e tomando banho de sol. T’Challa ainda se sentia cheio do banquete da noite anterior, no churrasco. Espreguiçando-se, inalou a fragrância agradável de plantas e flores vindas dos cestos pendurados de dona Rose.

Sheila as apontara:

– Begônias, flor-da-lua, rosas-trepadeiras e jasmim-carolina.

T’Challa adorava jardins e caminhadas ao ar livre, na natureza, respirando ar fresco. Em casa, um de seus lugares favoritos para relaxar era um brejo salgado cercado por juncos selvagens. Era um dos poucos lugares onde poderia estar realmente sozinho, sem um guarda-costas acompanhando cada movimento seu.

Uma conta em sua pulseira pulsou, vermelha.

*Pai*, pensou ele. *Esqueci de avisar que cheguei em segurança.*

Por um momento, T'Challa não soube o que fazer e cobriu a conta brilhante com a mão, mas depois se deu conta de que Zeke e Sheila já tinham visto sua pulseira Kimoyo antes.

Ele se levantou e caminhou para mais longe no quintal, ficando sob a sombra de uma magnólia e de costas para os amigos. Deu uma batidinha na conta. Uma pequena tela apareceu e ficou suspensa no ar. Para sua surpresa, não era T'Chaka, o rei de Wakanda. Em vez disso, uma jovem garota olhava para ele, com uma trança espiralada sobre a cabeça.

– Shuri? – perguntou ele.

– Ei, irmãozão – respondeu sua irmã. – Como está aí nos Estados Unidos?

T'Challa não deveria ter ficado surpreso com o contato de Shuri. Em sua visita aos Estados Unidos no ano anterior, ela ficou brava por ele não ter ligado para ela uma única vez. Daquela vez, ela resolveu ligar primeiro.

Shuri olhou ao redor da imagem holográfica, como se procurasse por algo em particular.

– O que está fazendo? – perguntou T'Challa.

– Quero vê-los – disse ela. – Seus amigos cafonas. Zeke e Sheila.

T'Challa virou a cabeça para olhar seus amigos. O rosto de Zeke estava enterrado em um livro, e Sheila estava sentada em posição de ioga, com os olhos fechados.

– Hã, eles estão ocupados agora.Terei que apresentá-los mais tarde.

Shuri sorriu.

– Promete?

– Eu prometo – disse T'Challa.

Shuri deu um suspiro.

– Papai disse que eu poderia usar seu drone flutuante, já que você não está aqui.

– O quê? – perguntou T'Challa, espantado.

Um drone flutuante era um pequeno veículo movido a tecnologia maglev, popular entre os adolescentes em Wakanda. T'Challa não conseguia imaginar seu pai deixando a filha dirigir um deles sem supervisão.

– Bem – disse Shuri, como se tivesse lido os pensamentos do irmão mais velho. – *Preciso* usá-lo junto com o tio S'Yan, mas ele já me deixou pegar o volante algumas vezes. Tive uma ideia para deixá-lo mais rápido. Já fiz o projeto.

T'Challa não pôde deixar de sorrir. Shuri certamente faria descobertas científicas e tecnológicas antes mesmo de obter a carteira de motorista.

– Bom – disse T'Challa. – Só tome cuidado, maninha.

– Eu vou. – Shuri fez uma pausa e baixou a voz. – Escute. Veja se consegue me trazer alguma tecnologia antiga daí. Como telefones celulares e coisas do tipo. Gosto de desmontá-los para ver como funcionam.

T'Challa riu.

– Vou tentar, Shuri. Preciso ir. Diga ao Pai que cheguei em segurança, está bem?

Shuri assentiu com a cabeça.

– Vou dizer, mas você vai ligar de volta para que eu possa falar com os seus amigos?

– Pode apostar – respondeu ele.

Shuri mostrou a língua e a imagem desapareceu.

T'Challa balançou a cabeça.

Ele voltou e se jogou na cadeira do gramado. Sua pele pareceu aderir ao material no mesmo instante.

Zeke fechou o livro que estava lendo.

– Então, estava pensando que poderíamos ir ver o Homem de Ferro.

T'Challa ficou surpreso.

– Não *aquele* Homem de Ferro – esclareceu Zeke.

Sheila se levantou, saindo da posição de ioga.

– Ele está falando do Vulcano.

– Vulcano? – repetiu T'Challa, ainda perplexo. Não fazia ideia do que seus amigos estavam falando.

– O deus romano do fogo e da forja – disse Zeke.

– Ah – disse T'Challa, lembrando-se da mitologia greco-romana. – *Aquele* Vulcano.

– Precisamos dar uma olhada – disse Zeke entusiasmado, arrumando os óculos no nariz. – Este guia diz que é a maior estátua

de ferro fundido do mundo. Sua cabeça pesa quase cinco toneladas!

– Um pouco menos que a sua – acrescentou Sheila.

– Tô dentro – disse T'Challa. – Vamos dar uma olhada.

Havia pontos de ônibus para passeios turísticos e históricos, e um deles ficava a apenas uma curta caminhada da casa de dona Rose. Depois de comprar garrafinhas de água em uma loja de conveniência próxima da estação (e de Zeke comprar vários doces chamados MoonPies), T'Challa e seus amigos entraram no ônibus. Havia muitas famílias e turistas a bordo, mas o trio encontrou lugares na mesma fileira. Por sorte, o ônibus estava com o ar-condicionado ligado no máximo, o que era um alívio comparado ao intenso calor do lado de fora.

– Quer um? – perguntou Zeke, entregando um MoonPie a T'Challa. Ele estava experimentando tantas comidas novas que sua cabeça girava.

– Não – disse T'Challa. – Eu provavelmente não deveria.

– Vamos – pressionou Zeke. – Você não disse que estava de férias?

T'Challa cedeu e abriu o pacote. O doce parecia uma pequena torta redonda com chocolate em cima e embaixo.

– Tem recheio de marshmallow – disse Zeke.

– O que é marshmallow? – perguntou T'Challa.

Zeke abriu a boca, com uma surpresa exagerada.

– Minha nossa, Sheila! O menino nunca comeu marshmallow!

T'Challa piscou.

– Acho que ele também nunca deve ter provado *s'mores* – disse Sheila. – Triste.

– O que são *s'mores*? – perguntou ele.

– Talvez a gente leve você para acampar, e aí você descobre – respondeu Zeke, em tom de mistério.

– *S'more* – repetiu T'Challa, confuso.

– Prove o MoonPie – encorajou Zeke. – Vá em frente.

T'Challa deu uma mordida cautelosa. Mastigou por um momento.

– Hmm – murmurou ele. – Isso é muito bom!

– Se continuarem comendo assim, vocês vão passar mal – avisou Sheila.

T’Challa terminou o doce e queria mais, mas decidiu não pedir. Percebeu que Sheila poderia estar certa. Em vez disso, ele se recostou e tentou aproveitar o passeio, mas sempre que fechava os olhos, Zeke o cutucava e apontava para a janela. Da última vez que Zeke o cutucou, T’Challa ficou surpreso ao descobrir que o amigo queria que ele olhasse para uma vaca. Uma *vaca*.

– Nós também temos isso, sabia? – advertiu T’Challa. – Vacas.

Depois daquela, Zeke o deixou em paz por alguns minutos.

Não demorou muito para chegarem a Birmingham, onde o Parque Vulcano estava localizado. T’Challa lembrou que Birmingham e Selma estavam no centro do movimento pelos direitos civis na década de 1960. Pessoas como Rosa Parks, John Lewis, Martin Luther King Jr. e outras almas corajosas passaram suas vidas lutando contra o racismo e a injustiça. Aquilo tinha sido há muito tempo, ele percebeu. O que Wakanda estivera fazendo enquanto os Estados Unidos passavam por tudo aquilo? Seu país ajudou, ou apenas ficou parado enquanto a roda da história girava? Ele fez uma nota mental para perguntar a seu pai sobre aquilo quando voltasse para casa.

T’Challa avistou a estátua de Vulcano antes mesmo de eles descerem do ônibus.

– Uau! – disse ele, esticando o pescoço. – É incrível!

E realmente era. Ela se elevava a pelo menos cento e oitenta metros no ar, estimou o wakandano. A gigantesca figura segurava o que parecia ser uma lança em uma enorme mão estendida, com dedos tão longos quanto postes de telefone. Um rosto barbado espiava por cima de Birmingham.

– Aqui diz que ela tem quinze metros de altura e pesa cinquenta toneladas – leu Sheila em uma placa, quando chegaram. – E é a estátua mais alta depois da Estátua da Liberdade.

– Legal – disse Zeke. – Vamos entrar.

Depois de conversarem com um guia turístico, eles descobriram que podiam subir uma escadaria ou pegar um elevador até a plataforma de observação.

– Escadas – disseram todos ao mesmo tempo.

O círculo sinuoso de degraus deixou a cabeça de T’Challa um pouco tonta. Eles eram os únicos ali dentro, e suas vozes ecoavam

no espaço vazio. T’Challa enxugou o suor da testa.

– Este é um bom treino – disse Sheila, enquanto subia a escada interna, checando sua frequência cardíaca no relógio. Zeke arfou e bufou, mas não reclamou.T’Challa não achou nada difícil. Estava no auge de seus exercícios e treinamento em Wakanda. O trio chegou ao topo nem um instante antes do previsto. Zeke estava suando e seus óculos escorregavam de seu nariz. Uma brisa quente acariciou o rosto de T’Challa.

– Ah – disse ele, inspirando.

Uma plataforma circular circundava o pedestal da estátua para que as pessoas pudessem andar ao redor da escultura e absorver tudo. T’Challa e seus amigos correram para a grade e olharam para a cidade. T’Challa notou algumas famílias, bem como um homem com um garotinho que gritava e batia palmas enquanto seu pai o segurava nos ombros.

– Incrível – disse Zeke, sem fôlego.

A vista era espetacular. A cidade inteira podia ser vista do pedestal de Vulcano na famosa Red Mountain. Zeke e Sheila tiraram fotos com seus telefones enquanto T’Challa continuava a admirar a vista. Ele tinha que admitir que era muito legal. T’Challa se virou ao ouvir o som de vozes altas.

– O que…? – começou Sheila.

Um homem vestido de maneira estranha chegara à plataforma de observação.

– Aquele é…? – disse Sheila.

– Bob, o acrobata – completou Zeke.

T’Challa olhou para o homem de perto. Era ele, definitivamente, o mesmo homem da feira estadual. Havia algo nele que T’Challa achava inquietante. Quando era mais jovem, Ramonda lhe dera um livro infantil chamado *Alice no País das Maravilhas*, onde um personagem chamado Gato de Cheshire exibia um sorriso largo demais. Era naquilo que ele pensava quando olhava para o acrobata.

– O que ele está fazendo aqui? – sussurrou Sheila. – Algum tipo de apresentação?

Eles não tiveram que esperar muito para descobrir.

Muito rapidamente, e sem olhar para ninguém em particular, o homem estendeu as mãos por cima do ombro esquerdo e puxou um longo rolo de corda de sua mochila. Os turistas assistiram com expectativa, subitamente em silêncio.T'Challa não via nenhum tipo de segurança na plataforma.

– Senhoras e senhores – disse Bob, e sua voz era forte e um tanto profunda, se elevando da plataforma de observação para o céu azul. – Peço um minuto de sua atenção.

T'Challa não tinha dúvidas de que o homem era da África Ocidental. Percebera aquilo na pronúncia da palavra *atenção*.

– Considerem-se muito sortudos – continuou ele. – Pois este será um dia especial, de que vocês sempre se lembrarão. Estão nos melhores lugares da casa.

As pessoas pegaram seus telefones celulares e começaram a gravar.

T'Challa olhava com curiosidade. Bob chamava sua atenção. Ele poderia jurar que o homem piscou o olho, como se os dois estivessem em algum tipo de piada interna. *Ele definitivamente está me seguindo*, pensou T'Challa. *De que outra forma poderíamos estar aqui ao mesmo tempo?*

*Não*, retrucou outra voz em sua cabeça. *Você só está sendo paranoico.*

O acrobata desenrolou a corda e fez um laço, depois girou-a sobre a cabeça como um caubói americano e jogou-a para o alto, na direção da lança que Vulcano segurava. T'Challa ficou surpreso ao ver que a corda acertou a lança na primeira tentativa. Bob sorriu, então deu um puxão curto, testando a corda, para ver se estava presa. Depois, para espanto de T'Challa e de todos os outros, ele começou a subir na estátua, plantando os pés no corpo dela como um alpinista.

– Ele vai até o topo – gritou Zeke.

Um surto de estática chegou ao ouvido de T'Challa. Um homem corpulento, de uniforme, apareceu da escadaria, arfando e bufando.

– Ei, você! – gritou o segurança. – Desça já daí!

Mas Bob não deu atenção e continuou sua escalada.

T'Challa se perguntava por que o acrobata estava fazendo aquilo. Lembrou-se de uma aranha gigante enquanto o acrobata subia. À

medida que ficava cada vez menor, T'Challa protegeu os olhos com a mão, tentando bloquear o sol e manter Bob à vista. As pessoas apontavam e cochichavam, animadas e amedrontadas ao mesmo tempo.

– O que diabos aquele cara está fazendo? – perguntou um.

– Ele é doido – acrescentou outro. – Alguém vai se machucar!

E enquanto continuavam assistindo, Bob, o Acrobata, alcançou o topo da cabeça de Vulcano. Ele respirou fundo…e então… plantou bananeira.

Mas o que veio a seguir foi o grande final.

Enquanto se apoiava nas mãos, as pernas de Bob balançaram para a frente e ele se deixou cair.

Uma mulher gritou.

– Alguém chame uma ambulância! – gritou um homem.

– Deus do céu! – gritou Sheila, pegando o telefone.

As pessoas correram para a grade.

T'Challa estava atordoado, mas quando estava prestes a pedir ajuda, viu, junto com todos os outros, um par de asas, como as que um parapente usaria, saltar do corpo de Bob e alçá-lo acima com grandes rajadas de ar.

– Vejam – Zeke apontou para o céu.

– Inacreditável – sussurrou Sheila, enquanto Bob ficava cada vez menor.

T'Challa semicerrou os olhos. Algo estava flutuando no ar. A princípio ele pensou que fosse um bando de pássaros, mas depois percebeu que eram folhas de papel caindo como flocos de neve gigantes.

Outro segurança apareceu e começou a fazer perguntas.

– Bob deve ter tirado isso da mochila – sugeriu Sheila.

– Talvez seja apenas uma grande propaganda para seu espetáculo na feira estadual.

– Meio exagerado se for só pra isso – disse T'Challa. – Um belo exagero.

Seja por acaso ou por algum aviso extrassensorial desconhecido, T'Challa se afastou do espetáculo para ver um menino de quatro ou cinco anos de idade, com uma perna montada sobre a grade de proteção. O coração de T'Challa acelerou.

– Não! – gritou um homem apontando para a criança.

As barras entre as vigas estavam a menos de trinta centímetros uma da outra, estreitas demais para alguém passar, mas o menino tinha escalado as barras e estava prestes a cair.

Um surto de adrenalina percorreu o corpo de T'Challa. Ele precisava agir, e rápido.

T'Challa voou para a frente como uma flecha lançada por um arco tensionado. Em seu esforço para escalar, o menino derrubou uma estátua de Vulcano de brinquedo, que caiu nas profundezas abaixo. O jovem príncipe tinha apenas alguns segundos… milissegundos.

Precisava ser cuidadoso. Não queria assustar a criança, mas precisava ser rápido.

Com reflexos felinos, ele agarrou o garotinho pela cintura e o ergueu. Em seguida, puxou-o para longe das grades, em direção a um lugar seguro. T'Challa suspirou aliviado ao colocar o menino no chão.

– Matthew! – gritou um homem.

Um jovem de cabelo castanho-claro correu e caiu de joelhos, derrubando no chão os dois refrigerantes que carregava. Ele abraçou seu filho com força.

– Eu queria ver se conseguia voar, papai! – disse o menino, sem perceber o perigo do qual escapara por pouco. – Como o homem com asas!

O pai do garotinho, chorando, abraçou o filho com força e finalmente percebeu T'Challa de pé ao lado dele.

– Obrigado, amigo. Obrigado. – Seu rosto era uma mistura de alarme e medo. – Só me afastei por um segundo. Eu… – Ele parou, sem palavras.

– De nada, senhor – disse T'Challa.

Zeke e Sheila estavam boquiabertos, surpresos com o pensamento rápido e os reflexos de T'Challa.

– Pantera Negra ao resgate – sussurrou Zeke.

– Pensou rápido! – disse Sheila. – Aquilo foi uma loucura.

– Qual parte? – perguntou Zeke. – O garotinho ou Bob, o Acrobata?

– Os dois – respondeu Sheila.

– Eu tinha que fazer alguma coisa – disse T’Challa. – Não podia perder tempo.

Eles caminharam na direção da saída. T’Challa ainda estava um pouco abalado com o acidente que quase acontecera com a criança. Deu um suspiro pesado.

– Olha – disse Sheila, se abaixando para pegar alguma coisa do chão.

T’Challa e Zeke olharam por cima do ombro dela. Era um panfleto impresso com a silhueta de uma forma humana com braços e pernas estendidos dentro de um círculo.

T’Challa estudou a imagem.

– Parece o Homem Vitruviano.

– Você está certo – disse Zeke. – Isso é o que Bob deve ter derrubado de sua mochila.

T’Challa viu que outras pessoas também estavam pegando os panfletos, como se Bob os tivesse deixado para trás de propósito, para que fossem encontrados.

– O que Leonardo da Vinci tem a ver com Bob? – perguntou Sheila.

O segurança agora estava direcionando as pessoas para longe do monumento. A polícia chegara e estava fazendo perguntas.

Mas os pensamentos de T’Challa estavam em outro lugar.

Quem era Bob, o Acrobata, e por que de repente ele parecia estar em todos os lugares que T’Challa estava?

# CAPÍTULO CINCO

Na manhã seguinte, as notícias da aventura voadora de Bob, o Acrobata, estavam nos jornais locais e em toda a internet.

ACROBATA ESCALA ESTÁTUA DE VULCANO E SALTA

– Bem, se ele queria chamar a atenção, com certeza conseguiu – disse Sheila.

O trio se sentou ao redor da mesa da cozinha enquanto comia rolinhos de canela no café da manhã. Sheila disse a eles que dona Rose estava na igreja, seu refúgio todas as manhãs de domingo. T'Challa também estava interessado em ir, mas Sheila disse que, se fosse, ele nunca mais sairia de lá. Ela o alertou de que os sermões eram longos, e que as pessoas no Sul iam à igreja no sábado e duas vezes aos domingos. T'Challa decidiu que teria de vivenciar aquilo em sua próxima viagem, se tivesse a chance.

T'Challa se lembrou da manobra voadora de Bob.

– Acho que aquele cara está tramando alguma coisa, mas não sei o quê. Sei que ele é de algum lugar da África. Pude ouvir o sotaque dele quando estávamos na feira.

– Você não está sendo um pouco paranoico? – sugeriu Sheila.

T'Challa hesitou. Será que estava suspeitando sem um bom motivo? No entanto, o homem *sorrira* para ele. Aquilo não era sua imaginação.

– Hmm – murmurou Zeke. – Você estava comentando algo sobre o sotaque dele. Mas não é de Wakanda, é? Você saberia se fosse de lá.

– Ele não conhece *todo mundo* em Wakanda, Zeke – disse Sheila, e então, voltando-se para T'Challa: – Conhece?

– Não – respondeu o wakandano. – Mas existe algo familiar nele.

– *Bob* – sussurrou Zeke. – Quem se chama Bob?

– Hã, um monte de gente – disse Sheila.

– Certo – retrucou Zeke. – Mas o nome não combina com a aparência dele. Deve ser algum tipo de nome falso. Ele provavelmente se chama Cascavel ou, sei lá… o Acrobata Louco! Sabe, algum nome mais dramático. Temos que descobrir quem ele realmente é.

Sheila olhou para o amigo como se ele tivesse três cabeças.

– Isso não é um filme, Zeke. Ele realmente não fez nada para causar alarme. – Ela fez uma pausa. – Bem, além de pular de uma estátua gigante.

– Então como esse panfleto do Homem Vitruviano se encaixa? – perguntou Zeke. – O que isso tem a ver com ele?

T'Challa estava se perguntando a mesma coisa. Sheila pegou o celular e fez uma busca rápida.

– Escutem – disse Sheila. – O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci é conhecido como a conexão divina entre a alma humana e o universo. É a humanidade existindo no paraíso e na natureza ao mesmo tempo, e em perfeita harmonia.

– É exatamente o que eu ia dizer – disse Zeke, categoricamente.

Houve um momento de silêncio.

T'Challa pensou no que Sheila acabara de ler. *Uma conexão divina entre a alma humana e o universo.* Era um pensamento bonito, percebeu ele, e queria investigá-lo mais a fundo.

– Bem – disse Zeke, engolindo o último pedaço de seu rolinho de canela. – Cansei de falar sobre o Bob, seja ele quem for. Precisamos fazer algo divertido.

T'Challa ouviu a porta da frente se abrir e, em seguida, passos.

– Quem é? – perguntou Zeke.

Sheila se levantou e olhou para o relógio.

– Ainda são dez horas. Vovó ainda está na igreja.

T'Challa trocou um olhar cauteloso com Sheila.

– Vovó? – chamou ela.

– Sou eu, querida – respondeu uma voz, e dona Rose entrou na cozinha.

T'Challa deu um suspiro de alívio.

– Você me deu um susto – disse Sheila, voltando a se sentar. – Achei que estava na igreja.

– O pastor não estava se sentindo bem. Lembra do sr. McGuire?

– Ah sim – disse Sheila. – Ele também é dono daquela livraria, não é? Aquela que mamãe costumava me levar quando vínhamos visitar?

Dona Rose se sentou.

– Ele mesmo, querida. Ele deu o sermão e depois se desculpou. Disse que estava pegando alguma coisa.

– Espero que esteja bem – disse Sheila.

Dona Rose pegou um rolinho de canela.

– Tenho certeza de que vai ficar bem. Deve ser um daqueles resfriados de verão. – Ela observou a todos por um momento. – O que vão fazer de bom hoje?

– Ainda não sabemos – disse Zeke.

– Sério? – respondeu dona Rose. – Quer dizer que não estão procurando um lugar novo para ir comer?

T'Challa riu.

– Não importa o que fizermos, haverá comida envolvida – disse Zeke, despreocupado.

Dona Rose balançou a cabeça.

– Crianças comem mais do que ursos se preparando para hibernar.

Sheila abaixou a cabeça e riu. T'Challa tentou segurar o riso, mas achou que fosse explodir a qualquer momento. Dona Rose tinha um jeito só dela.

– Alguma sugestão sobre o que fazer hoje, vovó? – perguntou Sheila, depois de recuperar a compostura.

Dona Rose deu uma mordida no rolinho de canela, largou-o e mastigou pensativa. Depois assentiu com a cabeça para si mesma.

– Bem, quando seus tios ainda estavam aqui, havia apenas um lugar para onde eles iam no final de semana.

– Onde? – perguntou Zeke.

– O Arcadium – respondeu dona Rose.

– Ar… *quê*? – perguntou Zeke.

– É um fliperama – disse dona Rose. – Sabe? *Pac Man* e *Space Invaders*? Eles vieram antes de todos esses jogos que vocês jogam

nos computadores.

– Ah! – disse Zeke, com os olhos brilhando. – Meu pai me contou sobre esses jogos.

– O Arcadium é um dos últimos fliperamas do país – explicou dona Rose.

– Parece divertido – disse Sheila.

– Tô pra jogo! – acrescentou Zeke. E depois disse: – Entenderam? Tô pra *jogo*?

Sheila revirou os olhos.

Depois de uma curta viagem de ônibus, T'Challa se viu diante de uma máquina com luzes piscantes e música de desenho animado em volume alto, pontuada por estrondos, apitos e batidas. O barulho era insuportável e reverberava por todo o lugar. Várias crianças e adultos se debruçavam sobre as antigas máquinas, fazendo caretas e resmungando enquanto apertavam os botões freneticamente.

– Vai! – encorajou Zeke, entre um nacho gorduroso e outro. – Acabe com eles!

T'Challa curvou-se sobre a máquina, seus reflexos extremamente rápidos. O jogo se chamava *Space Invaders* e Zeke fazia um comentário a cada vez que ele atirava nos pequenos alienígenas que flutuavam no topo da tela.

Enquanto isso, Sheila desafiava outra garota em um jogo chamado *Bubble Bobble*, onde o jogador precisava prender os inimigos dentro de bolhas.

T'Challa atirava furiosamente enquanto os últimos invasores espaciais lançavam lasers contra ele.

– Só falta um! – gritou Zeke. – Vá para a direita! Não, esquerda! T'Challa destruiu o último inimigo da rodada e ergueu os braços em triunfo.

– Novo recorde! – parabenizou Zeke, quando as luzes piscaram e o alarme da máquina tocou.

T'Challa se afastou do barulho, seus olhos arregalados de adrenalina.

– Que foi? – perguntou Zeke.

– Quero ir de novo! – disse T'Challa, quase gritando.

Duas horas mais tarde, depois que T'Challa e seus amigos tinham jogado praticamente todos os jogos do fliperama e gastaram todo o dinheiro de Sheila e Zeke, a garota sugeriu que era melhor voltarem.

– Mais uma partida – disse Zeke. – Nunca te desafiei no *Frogger*.

– Tem certeza? – respondeu Sheila.

A cara de jogador determinado de Zeke não precisava de respostas.

Vinte minutos depois, ele ainda dizia que podia ter vencido se a máquina estivesse em um piso mais nivelado.

– Chega de desculpas esfarrapadas – brincou Sheila. – Eu derrotei você de forma justa.

– E eu exijo uma revanche – retrucou Zeke.

Sheila sorriu com afetação.

– Talvez no ano que vem, mané.

Zeke balançou a cabeça, descrente, enquanto eles se dirigiam para a saída.

T'Challa deu um passo para o lado quando um homem de terno verde com uma cabeleira preta quase trombou com ele.

– Com licença, amigo – disse o homem.

– Toda – respondeu T'Challa, quando passaram um pelo outro.

Eles saíram pela porta. Por alguma razão,T'Challa foi compelido a se virar. Havia algo no homem que ele achara… singular. Era o terno verde? Ou o cabelo preto espetado, que parecia ter sido conectado a uma tomada?

Quando se virou, T'Challa descobriu que o outro também o fizera. Foi então que o homem fez um gesto estranho. Ele inclinou a cabeça para o lado, depois juntou as duas mãos como se rezasse e as colocou ao lado da cabeça, fazendo o gesto universal para dormir.

– Estranho – sussurrou T'Challa, virando-se rapidamente antes que seus amigos percebessem.

– O que foi? – perguntou Sheila.

– Nada. Só um cara de aparência estranha.

Zeke e Sheila se viraram para olhar, mas o homem desaparecera.

– Beaumont não é a maior cidade de todas – explicou Sheila. – Mas temos gente de todos os tipos: góticos, hipsters, nerds. Você escolhe.

– Certo – disse T’Challa.

Mas ele ainda se sentia inquieto.

Não achava que o Homem de Terno Verde se encaixava em nenhuma daquelas descrições.

# CAPÍTULO SEIS

T’Challa se deitou na cama. O brilho da lâmpada de lava gerava um efeito tranquilizante, uma miríade de tons de vermelho, azul e verde girando lentamente. Ele pensou em Bob, o Acrobata, e no Homem de Terno Verde. Na última vez em que viera para os Estados Unidos, ele descobriu que estava sendo seguido. Daquela vez, tinha sido Nick Fury, enviado por seu pai para ficar de olho nele.

Ele estava sendo seguido novamente?

T’Challa se virou e bateu em seu travesseiro, afofando um ponto para descansar a cabeça. *Sheila está certa. Só estou sendo paranoico*. Ele apagou a lâmpada e adormeceu ao som do ronco leve de Zeke.

O dia seguinte amanheceu claro e ensolarado, como todos os outros desde a chegada de T’Challa. Ele finalmente estava começando a se adaptar ao fuso horário.

– Já era hora – disse ele em voz alta, enquanto se espreguiçava e bocejava.

Depois de um rápido café da manhã, o grupo partiu em uma pequena excursão turística nos arredores de Beaumont. Era uma cidade pequena e pitoresca, com uma rica história. Tinha uma velha estação ferroviária transformada em museu, algumas lojas onde artistas vendiam suas pinturas e esculturas e vários pequenos negócios que vendiam de tudo, desde cestos tecidos manualmente a roupas de inspiração africana.T’Challa ficou contente em encontrar uma conexão com sua terra natal naquela cidadezinha, a milhares de quilômetros do mundo que conhecia. Comprou uma pequena pantera esculpida em madeira para dar de presente a Shuri.

T’Challa se lembrou de quando deixou Wakanda, e de como Shuri estava enciumada por ele ter recebido permissão de visitar os Estados Unidos. “Sua hora vai chegar”, seu pai dissera a ela. “Talvez um dia você e seu irmão possam ir juntos.”

Shuri sorrira com relutância e desejou ao irmão uma boa viagem. Ela era daquele jeito, como ele bem sabia: gentil, inteligente e determinada. Na maioria das vezes, podia ser encontrada nos laboratórios científicos de Wakanda, absorvendo informações como uma esponja. Sendo a princesa, ela tinha controle do lugar, e sua busca por conhecimento era insaciável. T’Challa sabia que o futuro da irmã seria brilhante.

Enquanto continuavam explorando Beaumont, T’Challa viu que, assim como em Chicago, algumas áreas estavam degradadas e precisando de renovação. Prédios fechados com tábuas e vitrines abandonadas pontilhavam as ruas. Ele achou estranho que os Estados Unidos possuíssem tantas riquezas, mas que alguns de seus cidadãos não conseguissem sair da pobreza. Fez a si mesmo uma promessa de ajudar um dia, se pudesse.

Pensou novamente na riqueza e na prosperidade de Wakanda. *O que podemos fazer para tornar nossas nações vizinhas melhores? Quando eu subir ao trono, meu reinado será de fronteiras abertas, compartilhando a riqueza e a tecnologia de Wakanda.*

*Mas*, interrompeu outra voz em sua cabeça, *como você fará isso? O poder de Wakanda reside em seu sigilo. Você abriria mão disso em prol de uma causa humanitária?*

– Nem todos os lugares recebem o mesmo tratamento que a bela parte histórica – disse Sheila.

T’Challa despertou de seus pensamentos.

– Muitos negócios fecharam – continuou ela. – Vovó disse que a mineração costumava ser a principal indústria da cidade, mas a última mina fechou há décadas. Era onde meu avô costumava trabalhar, antes de morrer.

O wakandano pensou no Grande Monte, em sua terra natal, onde o vibranium era extraído nas profundezas do Monte Bashenga. Em sua infância, seu pai o levava para ver como a extração era feita a bordo da aeronave pessoal do rei, a *Caça Garra Real*. Drones flutuavam ao redor do monte, localizando com seus lasers onde os

ricos veios do metal sobrenatural podiam ser encontrados. Carrinhos de mina subterrâneos movidos por tecnologia maglev corriam para as profundezas, para retornar com um carregamento enorme e brilhante.

T'Challa sabia que o avô de Sheila ficaria maravilhado com aquela tecnologia.

– Agora é tarde demais – murmurou ele.

– O quê? – questionou Sheila.

– Nada – disse T'Challa.

Enquanto caminhavam para o ponto de ônibus, T'Challa viu um grupo de três ou quatro pessoas vindo em sua direção. Elas ocupavam a calçada inteira e colavam panfletos em postes de luz e de telefone.

– Pegue um – disse um homem quando o grupo passou por eles. – Um grande protesto em breve.

Ele entregou um folheto a T'Challa e continuou andando. Enquanto o grupo seguia adiante, T'Challa olhou o panfleto.

– O que diz aí? – perguntou Sheila.

Os amigos se amontoaram ao redor dele. Era um panfleto impresso em papel vermelho, que eles já tinham visto antes.

– O Homem Vitruviano de novo – disse Zeke.

Mas, naquele, havia uma mensagem:

PROTESTO PELA JUSTIÇA
9 DE JUNHO
20H NO PÁTIO DA CIDADE
CONHEÇA BOB, O BOM DOUTOR

– Acho que o panfleto do Parque Vulcano foi um *teaser*, como dizem na publicidade – disse Sheila.

– Quem é o Bom Doutor? – perguntou Zeke. – Que tipo de nome é esse?

– Não sei – disse ela. – Mas esse protesto é amanhã.

Agora T'Challa estava realmente intrigado. O que esse tal de Bob estava tramando? Ele olhou diretamente para T'Challa em duas ocasiões, e aquilo era mais do que simples coincidência.

– Devíamos dar uma olhada – sugeriu Zeke.

– Tudo bem – disse Sheila. – Mas eu realmente não acho que esteja acontecendo alguma coisa estranha.

T’Challa assentiu, mas não tinha certeza se Sheila estava certa.

# CAPÍTULO SETE

T’Challa se sentou para comer uma tigela de chili sulista quente. Por mais calor que estivesse no Sul, as pessoas ainda comiam a comida daquele jeito, mesmo nos dias mais quentes.

– Então, crianças, o que planejaram para a noite? – perguntou dona Rose, colocando na mesa um prato de pão de milho.

Sheila raspou sua tigela com uma colher. Ela também comera o chili, mas sem a carne.

– Tem algum tipo de protesto acontecendo no Pátio da Cidade. Estávamos pensando em dar uma olhada.

– Ah, sério? – disse dona Rose. – Que tipo de protesto?

Zeke colocou um bocado de creme azedo em seu chili.

– Alguma coisa relacionada a justiça social. Acho.

Dona Rose sorriu.

– Ainda lutando por mudanças. Fazíamos isso também, antigamente. Às vezes parece que ainda estamos travando as mesmas batalhas.

Um brilho pensativo faiscava nos olhos dela.

– Quando sua mãe era apenas um bebê, eu a carregava nos protestos. Acreditávamos que podíamos mudar o mundo.

– Vocês mudaram o mundo, vovó – disse Sheila a ela. – O que fizeram naquela época foi incrível! Mamãe me contou que você e o vovô costumavam ir a lojas e restaurantes e exigir que os servissem. Isso é coragem de verdade.

– Obrigada, minha jovem – disse dona Rose. Ela inclinou a cabeça. – E pensar que fizemos tudo isso sem a internet.

Zeke ergueu os olhos de sua tigela.

– Ainda não entendo como isso funcionava. Como vocês conversavam se não podiam enviar mensagens de texto?

Dona Rose fechou os olhos e tornou a abri-los. T'Challa vira Sheila fazer a mesma coisa várias vezes nos últimos dias.

– Zeke – disse ela. – Existiam umas coisas chamadas de *telefones*.

– Ah, é mesmo – disse Zeke, fingindo surpresa. – Vocês realmente precisavam memorizar números de telefone. – Ele voltou para a comida. – Esquisito.

– Quer ir também, vovó? – perguntou Sheila. – Para o protesto?

– Vocês, jovens, vão em frente e lutem contra o poder por si mesmos – respondeu ela. – Já fiz a minha parte.

– Nós vamos, vovó – disse Sheila, com um sorriso. – Nós vamos.

O Pátio da Cidade era um lugar histórico semelhante a um parque que abrigava a prefeitura, a antiga câmara estadual, uma biblioteca e mais alguns prédios do governo. Uma área verde bem cuidada com altos olmos e magnólias proporcionava muita sombra para as pessoas se sentarem ou se reunirem durante eventos. T'Challa e seus amigos foram andando da casa de dona Rose até lá, e ele estava suando quando chegaram.

– Bem – disse Sheila –, aqui estamos.

– Certo – disse T'Challa. – Agora vamos poder descobrir mais sobre esse tal de Bom Doutor.

– Se é que esse é mesmo seu nome real – acrescentou Zeke.

Houve um momento de silêncio. O cheiro de carne grelhada pairava no ar.

As narinas de Zeke se dilataram.

– Estou com fome.

– E quando é que você não está? – disse Sheila.

Zeke seguiu o cheiro de churrasco e deixou Sheila e T'Challa sozinhos. O wakandano observava os pontos turísticos. O Pátio da Cidade estava repleto de pessoas, a maioria homens e mulheres mais velhos, que estavam conversando ou comendo reunidos em pequenos grupos. Um palco improvisado havia sido montado com um palanque de madeira no meio e alto-falantes de cada lado. Uma música gospel pairava sobre a multidão. T'Challa sentia algo dentro dele se agitar enquanto ouvia a música. Era triste e edificante ao mesmo tempo. Uma combinação de emoções o percorreu enquanto

ele estava ali. Em sua mente, ele viu gerações de homens e mulheres negros trabalhando na terra e tendo negados os princípios humanos mais básicos. Ele achou aquilo, no mínimo, preocupante.

T'Challa despertou de seu devaneio para encontrar Zeke parado ao lado dele, comendo um cachorro-quente. Uma mancha de mostarda amarela escorria em seu queixo. Ele entregou uma limonada gelada a T'Challa.

– Obrigado – disse T'Challa, pegando a bebida. Ele levou o canudo aos lábios e puxou um longo gole. Em algum lugar próximo, o distinto som de tambor soou em seus ouvidos. – De onde está vindo isso? – perguntou ele. – Os tambores.

– Ali – disse Sheila, apontando para um grupo de pessoas reunidas em torno de uma grande estátua de um homem montado em um cavalo, com uma espada estendida à frente. Alguém tinha ligado os alto-falantes e uma faixa de baixo pesado soou por toda a área. T'Challa viu que várias pessoas seguravam cartazes pintados à mão.

– O que está acontecendo? – perguntou ele.

– Uma manifestação – respondeu Sheila. – Ouvi dizer que estão aqui o tempo todo. Querem que aquela estátua seja removida. Está no Pátio da Cidade há anos. Eu acho que…

– É a senhorita Sheila que eu vejo? – gritou a voz de um homem.

T'Challa se virou para ver um homem branco mais velho e de barba branca se aproximando. Ele o lembrava de um personagem sobre o qual já tinha lido, chamado Papai Noel.

Os olhos de Sheila brilharam.

– Sr. McGuire?

– O próprio – respondeu o homem.

Sheila estendeu os braços e deu a ele um pequeno abraço.

– Como você me reconheceu?

– Como eu poderia esquecer da neta da dona Rose? – disse o sr. McGuire. – Ela costumava levar você até a loja quando era pequena. Junto com a sua mãe.

– Oh – disse Sheila, voltando-se para os amigos. – Zeke,T'Challa, este é o sr. McGuire. Eu tinha seis anos da última vez que o vi e ainda o reconheço!

O sr. McGuire segurou o queixo.

– Deve ser a barba.

– Ele é dono de uma loja de antiguidades, com livros e muitas coisas legais – explicou Sheila.

O homem grande ofereceu a mão e T'Challa a apertou. Ele era forte como um urso.

– Prazer em conhecê-lo, T'Challa – disse ele.

– O prazer é meu – respondeu T'Challa.

– Como vai, sr. McGuire? – perguntou Sheila. – Vovó comentou que você não estava se sentindo muito bem na igreja.

O sr. McGuire exalou profundamente.

– Muito melhor. Deve ter sido um daqueles resfriados de vinte e quatro horas.

– Que bom – disse Sheila.

O barulho de um microfone interrompeu a conversa.

– Parece que estão se preparando para começar – apontou ela.

T'Challa se virou na direção do palco. Ele ficou surpreso. Alguns homens e mulheres, que pareciam seguranças de algum tipo, usavam camisetas com o símbolo do Homem Vitruviano. Eles ficaram de ambos os lados do palco, com braços cruzados e expressões vazias.

– Estranho – disse T'Challa, baixinho.

Zeke também olhou.

– Esquisito – sussurrou ele.

– Melhor procurar lugares – disse o sr. McGuire, passando por eles. – Prazer em conhecê-los. Mande um oi para a dona Rose por mim, Sheila.

Eles se despediram e Sheila, Zeke e T'Challa se sentaram nas cadeiras dobráveis. T'Challa se viu sentado atrás de uma senhora com um chapéu que parecia um pássaro enorme. Por sorte, ele era alto o bastante para ver por cima.

– Certo – sussurrou Zeke. – Vamos ver do que esse… *Bob* se trata. Um estrondo como o de um trovão chamou atenção do público. T'Challa olhou para o céu. Nuvens escuras surgiam na distância.

Um silêncio caiu sobre a multidão. A música gospel foi desaparecendo lentamente para ser substituída pelas notas profundas e agourentas de um órgão, que fizeram a cadeira de

T’Challa vibrar. Ele sentia as notas do baixo ondularem ao longo de sua espinha. Depois de um momento, um homem entrou pela lateral esquerda do palco.

Zeke cutucou T’Challa.

O homem chamado Bob usava um terno vermelho e uma camisa branca. *Extravagante*, pensou T’Challa. *Um showman.*

Um chapéu, que T’Challa acreditava se chamar fedora, estava colocado de um lado da cabeça do homem. Ele calçava sapatos pretos e elegantes, com bico fino e pontudo.

Bob caminhou até o palanque, e T’Challa ouviu os sapatos do homem clicando no palco. Ele se inclinou para o microfone e ergueu os braços.

– Bem-vindos – disse Bob.

A voz dele era tão profunda que T’Challa a sentiu em seu peito. A multidão murmurou uma saudação, em resposta.

Bob ser ergueu em toda sua altura. Era ainda mais alto do que T’Challa se lembrava. Uma rápida visão do acrobata saltando da estátua de Vulcano passou por suas lembranças.

Bob olhou para o público. Ficou em silêncio por um longo momento, como se esperasse por algo, mas T’Challa não sabia o quê.

– Cidadãos de Beaumont – começou ele, finalmente. – Estou aqui hoje para falar sobre… *poder*.

– Amém – gritou alguém.

O olhar de Bob percorreu a plateia até encontrar quem gritara.

– Sim – disse ele, em tom quase de zombaria. – *Amém*.

A multidão estava quieta, e T’Challa achava estranho que fosse tão solene.

– O poder é o que leva homens e mulheres a realizarem grandes feitos – continuou Bob.

Várias pessoas na plateia concordaram com a cabeça.

– Mas às vezes – Bob puxou o microfone do pedestal. – Poder é usado para manter as pessoas… *abaixo*.

– Isso mesmo! – disse a mulher na frente de T’Challa, depois se abanou com um leque de igreja.

– Onde ele quer chegar? – perguntou Zeke.

– Xiu! – Sheila sussurrou alto.

– Tomemos, por exemplo – disse Bob –, esta grande cidade de vocês. Beaumont. Todos vocês sabem quem foi Beaumont, não sabem? Vocês têm uma estátua em sua homenagem bem ali. – Ele apontou um dedo comprido para trás do público. T'Challa se virou para ver o monumento que notara antes, os manifestantes ainda reunidos ao redor dele.

– Isso mesmo – disse Bob, gesticulando para os manifestantes. – Eu os vejo. Precisamos de mais pessoas como vocês, dispostas a se posicionar.

Várias pessoas na plateia se viraram para olhar os manifestantes.

– Para aqueles de vocês que não sabem – prosseguiu Bob –, aquilo é um monumento ao general Clifford Beaumont. Um dos filhos favoritos do Sul. Há quantos anos está ali como uma lembrança da Confederação?

As pessoas se mexeram em seus assentos.

– Tempo demais! – gritou de volta um dos manifestantes.

T'Challa olhou com curiosidade e escutou. Ele tinha ouvido falar sobre as recentes revoltas nos Estados Unidos em torno da bandeira confederada. Mas aquele Bob era da África. Quanto ele realmente sabia da história norte-americana? Estava usando aquilo como uma forma de incitar o povo de Beaumont?

Bob fez uma pausa e deixou o momento descansar. T'Challa se lembrou de repente de um filme americano que vira há muito tempo, onde um pregador batista levava sua congregação a aplaudir em pé com suas palavras inflamadas. Bob tinha exatamente os mesmos maneirismos.

Bob olhou para a multidão.

– Eu diria que é hora de a abominação cair! – gritou ele.

Os manifestantes ergueram seus cartazes e gritaram em apoio. Bob aguardou pacientemente até que os aplausos diminuíssem. – Mas seu governo local não faz *nada* – sibilou ele, espreitando pelo palco, como um leão atrás de sua presa. – Eles a querem lá… como um lembrete. Sabem o que dizem: fiquem nos seus lugares. Não causem problemas…

T'Challa lançou um olhar furtivo para Sheila, que concordou com a cabeça.

– Mas às vezes – continuou Bob. – Problemas são o que precisamos para causar *mudanças*. Olhem para as escolas de vocês… todas degradadas. A última mina de ferro fechou há anos, e agora até o crime está aumentando!

O estrondo de um trovão fez T'Challa pular em sua cadeira. A multidão ficou quieta de repente. As nuvens de tempestade estavam se aproximando, pulsando com relâmpagos irregulares.

Bob olhou para o céu, depois de volta para seu público.

– Mas hoje, meus amigos, o Bom Doutor está aqui para ajudar. Hoje, quero que se juntem a mim em um novo movimento. Um movimento que trará *mudanças*. Um movimento que chamo… Almas Ascendentes!

Com a deixa, uma faixa se desenrolou de uma barra elevada atrás de Bob, exibindo o Homem Vitruviano e as palavras ALMAS ASCENDENTES em negrito.

As pessoas se levantaram e aplaudiram furiosamente.

– Almas Ascendentes – sussurrou Sheila.

– Afinal, o que isso quer dizer? – perguntou Zeke.

Bob espiou por cima da multidão, com a cabeça erguida, depois ergueu a mão pedindo silêncio, que se fez imediatamente.

– E nosso primeiro ato… – Ele apontou para a estátua novamente. – Será… colocar… aquela… coisa… *abaixo*!

– Sim senhor! – gritou alguém.

– Amém! – disse outra pessoa.

Os manifestantes cantavam, batendo tambores e soprando apitos.

– A propósito – disse Bob, esticando o pescoço como uma cobra se preparando para o bote. – Por que estão esperando? Digo para a derrubarem… *agora*!

Para o espanto de T'Challa, as pessoas se levantaram de seus assentos. Bob saltou do palco e pousou graciosamente no chão. Ele começou a caminhar em direção à estátua.

– Eita – disse Sheila.

– Isso pode dar ruim – acrescentou Zeke.

Mas T'Challa e seus amigos tinham sido arrebatados pela multidão que acompanhava Bob.

Antes que T'Challa percebesse, várias pessoas do público escalaram o pedestal de granito da estátua e começaram a balançá-

la em sua base. Os manifestantes aplaudiram e gritaram, despejando todas suas frustrações naquela única missão.

– Vejam! – gritou Sheila, puxando Zeke para longe do cavalo e do cavaleiro gigantes.

Bob de repente estava no topo do pedestal, seus pés separados e plantados firmemente.

– Um! – gritou ele, e empurrou a estátua com força. – Dois! – gritou, e as pessoas se juntaram a ele. – Três!

A estátua do General Clifford Beaumont, o filho favorito do Sul, foi ao chão com um baque tremendo, criando uma grande marca na terra macia. As pessoas gritavam e erguiam as mãos para se cumprimentarem. Telefones celulares foram tirados dos bolsos para registrar o momento.

E o tempo todo Bob ficou triunfante, com o pé sobre o general de pedra caído, enquanto a chuva caía das volumosas nuvens acima.

– Bob! – gritava a multidão. – Bob! Bob! Bob!

– Vamos – disse T'Challa. – É melhor sairmos daqui.

O trio saiu rapidamente, com o som das sirenes de polícia uivando ao longe.

# CAPÍTULO OITO

– Ele levou a multidão ao frenesi – exclamou Zeke, com a boca cheia de bolo de limão.

– Almas Ascendentes? – perguntou dona Rose. – Soa… interessante.

Eles se sentaram à mesa da cozinha e contaram tudo a dona Rose.

– O que você acha disso tudo, T'Challa? – perguntou dona Rose. – Alguma vez aconteceu algo assim no Quênia? Protestos e coisas do tipo?

T'Challa se mexeu na cadeira. Engoliu em seco.

– Bem, algo do tipo. Existem diferentes facções políticas tentando ganhar o poder. Meu pai sempre diz…

Os olhos de Sheila se arregalaram.

– O quê? – perguntou dona Rose. – O que tem seu pai?

A boca de T'Challa ficou seca.

– Hã, meu pai, sim. Bem, ele sempre diz que as pessoas podem ser influenciadas com muita facilidade. Tudo o que você precisa fazer é encontrar alguém para culpar, alguém em quem elas possam despejar todos os seus medos e ansiedades.

– E não é que é verdade? – disse a avó de Sheila.

– Ah – disse Sheila. – O sr. McGuire também estava lá.

A avó inclinou a cabeça.

– O sr. McGuire?

– Ele disse que deve ter sido algum tipo de resfriado – explicou Sheila. – Mas já está se sentindo melhor agora.

Dona Rose assentiu.

– Acho que ele ainda tem aquele espírito de luta. Naquela época, ele *estava* na linha de frente.

Eles ficaram sentados juntos em um raro momento de silêncio. T'Challa olhou para o bolo de limão, mas não estava com fome. Estava pensando em como tudo era estranho. Aquele homem, Bob, tinha surgido do nada e agora parecia estar em todos os lugares que ele e seus amigos estavam. Aquilo tinha que significar alguma coisa.

– Bem – acrescentou Sheila. – Quem quer que seja esse homem, Bob, Bom Doutor, seja o que for… O que ele disse era verdade, sobre a estátua e tudo mais. Mas era como se estivesse fazendo aquilo apenas para provocar, sabe?

– Mas aquela estátua precisava mesmo ser derrubada – disse Zeke. – Sério.

– Concordo – disse dona Rose. Sheila também acenou com a cabeça, concordando.

T'Challa absorveu toda aquela conversa em silêncio. Se ele quisesse, poderia descobrir exatamente quem Bob realmente era. Ele trouxera com ele alguma tecnologia de Wakanda, mesmo que não tivesse dito a Zeke e Sheila, e poderia usá-la para fazer algumas pesquisas. Mas, verdade seja dita, ele não queria fazer aquilo, exatamente. Como pensara várias vezes antes, era para ser apenas uma divertida folga de verão.

– Bem – disse Sheila. – Todo esse drama me deixou exausta. Vou nessa.

Sheila se levantou da mesa, bocejou e se espreguiçou. T'Challa também teve vontade de bocejar, mas tentou resistir. Alguns minutos mais tarde, porém, não conseguia mais esconder o cansaço e depois de desejar boa noite para dona Rose, ele e Zeke seguiram Sheila.

Mas não sem antes Zeke pegar outra fatia do bolo de limão.

T'Challa rolou na cama.

Ele estava acabado. Talvez ainda não estivesse acostumado com o fuso horário. Ou então podia ser que toda aquela comida que estava comendo o deixava lento. Ele disse a si mesmo que faria suas flexões diárias no dia seguinte.

– Ei. Tá acordado?

A voz de Zeke estava baixa, mas alta o suficiente para tirar T'Challa de seus pensamentos.

– Sim – respondeu ele.

Zeke suspirou.

–Estava pensando sobre esse tal de Bob.

– O que tem ele?

– Almas Ascendentes. O que acha que isso significa? Talvez esteja tentando começar algum tipo de culto ou algo assim.

T'Challa considerou o comentário de Zeke. Ele realmente não tinha a sensação de que Bob estava começando um culto.

– Que tipo de culto?

Zeke se mexeu na cama de cima.

– Não sei. Um culto de acrobatas voadores?

T'Challa riu e fez barulho de porquinho. Depois bocejou. Seus olhos estavam pesados.

– Estou cansado, Zeke. Vamos conversar sobre isso amanhã, tudo bem?

– Tudo bem – disse Zeke, um tanto desamparado. – Boa noite, T'Challa.

– Boa noite, Zeke.

T'Challa virou para se deitar do outro lado. Mesmo que estivesse morto de cansaço, sua mente continuava a mil. Será que Zeke estava na pista certa? Bob estava tentando começar algum tipo de culto? Por que estava usando o Homem Vitruviano como seu símbolo? E o que ele estava fazendo no Alabama, para começo de conversa? T'Challa continuava pensativo. Bob estava tentando fazer o povo de Beaumont confiar nele e, se sim, por que motivo?

T'Challa suspirou e olhou para a lâmpada de lava, o que já estava se tornando um ritual noturno. Seus olhos abriram e fecharam lentamente. As cores pareciam lhe dar algum tipo de paz interior, como se ele estivesse caindo em uma paisagem onírica brilhante e colorida…

*A escuridão assomava à frente.*

*Não a escuridão da noite, mas uma escuridão mais profunda. O tipo de escuridão da qual não se pode escapar, um vazio sufocante.*

*O solo estava macio sob os pés de T'Challa. O ar frio e úmido pairava ao seu redor. Ele não sabia onde estava, mas uma voz gritou em sua cabeça, uma voz que ele nunca ouvira antes, que fez um arrepio percorrer todo seu corpo:*

Jovem príncipe. Vamos nos encontrar onde a areia corre como sangue.

*A voz parecia penetrar em seu crânio, uma declaração aguda que também era um aviso.*

*T'Challa fez uma pausa.*

*Algo diante dele brilhou, apenas por um momento. Um rosto.*

*Uma risada maníaca de repente soou em seus ouvidos. Ele sacudiu a cabeça para a esquerda, depois para a direita e finalmente para cima.*

*O rosto sem corpo de Bob, o Acrobata, pairava no ar acima dele, sorrindo de orelha a orelha. Ele se aproximou cada vez mais, rindo loucamente o tempo todo, seus dentes tão largos quanto postes de cercas brancas.*

T'Challa acordou de repente, com gotas de suor pontilhando sua testa. Por um momento, achou que estava de volta a Wakanda, até que ouviu o ronco constante de Zeke. Ele afundou de volta na cama. Uma luz cinza aparecia através da cortina. Ele olhou para o relógio: 3h30 da manhã. T'Challa virou o travesseiro e tentou acalmar sua mente.

Mas não conseguiu.

# CAPÍTULO NOVE

T’Challa se sacudiu para acordar. Sua cabeça estava confusa. Ele olhou para o relógio de cabeceira: 9h30. *Como dormi tanto?*

Lentamente, uma imagem do sonho da noite passada voltou à sua mente: o rosto malicioso de Bob sorrindo para ele. E a voz chamando seu nome. *Vamos nos encontrar onde a areia corre como sangue.*

*Bob não está mesmo falando comigo em sonhos, está?*, T’Challa se perguntou. Aquilo faria de Bob uma espécie de ser sobrenatural, e isso era algo que ele não queria considerar, não depois de sua última aventura nos Estados Unidos.

Ainda assim, tinha acontecido.

*O que isso significa?*

Ele deu um suspiro pesado, vestiu-se e desceu as escadas.

Para sua surpresa, a cozinha estava em silêncio, embora Sheila, Zeke e dona Rose estivessem ao redor da mesa. Dona Rose apoiava a testa em um punho fechado e balançava a cabeça. Sheila e Zeke tinham rostos taciturnos.

– O que houve? – perguntou T’Challa com a voz suave? – Sheila empurrou o tablet para a frente dele, e T’Challa o olhou.

PASTOR LOCAL / PROPRIETÁRIO DE ANTIQUÁRIO DESAPARECIDO

A Polícia de Beaumont iniciou uma busca por Charles McGuire, respeitado e admirado pastor e proprietário do Empório de Antiguidades McGuire. A loja não foi vandalizada, mas a polícia suspeita de roubo. McGuire foi visto pela última vez em uma manifestação coordenada por uma nova organização chamada

Almas Ascendentes, chefiada por um homem que atende pelo nome de Bob, o Bom Doutor. Um pequeno tumulto estourou após o evento em que a estátua do General Clifford Beaumont foi destruída. A polícia local também está investigando esse distúrbio. Qualquer pessoa com informações sobre o desaparecimento do sr. McGuire deve ligar para a Polícia de Beaumont.

T'Challa terminou de ler e olhou para Sheila.

– Este é o homem que conhecemos ontem à noite? Aquele no protesto?

– Sim – disse Sheila. – Não consigo acreditar. Acabamos de vê-lo.

Dona Rose ergueu a cabeça, e T'Challa viu que os olhos dela estavam úmidos.

– Charles é um amigo querido e um bom homem – disse ela, fungando. – Eu o conheço há vinte e cinco anos! Quem no mundo iria querer machucá-lo?

– Não sei, vovó – consolou Sheila, estendendo a mão para ela. – A polícia vai descobrir. Tenho certeza.

– Eles chamaram de tumulto – queixou-se Zeke. – Longe disso.

– O que vocês acham que estavam procurando? – perguntou T'Challa. – As pessoas que invadiram a loja.

Sheila encolheu os ombros.

– Ele tem todo tipo de coisas valiosas lá: livros antigos, moedas, selos, pequenos cacarecos.

– Onde esse mundo vai parar? – disse dona Rose, em tom exausto. – Bem aqui em Beaumont! – Ela balançou a cabeça de novo e olhou para os três com um olhar cuidadoso. – Quero que vocês fiquem por perto. Entendeu, Sheila?

– Sim, senhora – respondeu Sheila, pesarosa.

T'Challa afundou em sua cadeira.

Sua viagem ao Alabama estava começando a parecer muito estranha.

Os próximos dias passaram sem intercorrências, e o trio ficou perto de casa por insistência de dona Rose. T'Challa achava que ela estava sendo excessivamente cautelosa. O que acontecera ao sr.

McGuire fora horrível, mas não era prova de algum tipo de esquema de sequestros em massa. T'Challa ainda estava preocupado com o rosto de Bob em seu sonho.

*Onde a areia corre como sangue*.

O que poderia significar uma mensagem tão estranha?

O dia estava tranquilo, e o trio jogou um jogo no quintal chamado croqué, do qual T'Challa nunca ouvira falar. Ele não era muito bom naquilo, mas Zeke era e venceu todas as rodadas que eles jogaram.

Depois, eles se sentaram e se refrescaram com limonada. Houve um longo momento em que não falaram nada, como se estivessem perdidos em seus próprios pensamentos. Por fim, T'Challa quebrou o gelo.

– Tive um sonho – disse ele.

– Parabéns – respondeu Zeke.

Sheila ergueu os olhos do tablet e perguntou:

– Que tipo de sonho?

T'Challa se mexeu na cadeira, tomou outro gole de limonada e pousou o copo.

– Bob estava nele. Era o rosto dele olhando para mim.

– Isso não é muito estranho – disse Zeke. – Quer dizer, temos falado muito sobre ele. Deve ser o seu subconsciente. Eu estava lendo uma história em quadrinhos sobre uma raça alienígena que se alimenta de nossas mentes quando dormimos…

– Interessante – disse Sheila, o que fez Zeke se sentar e sorrir.

– Só que havia algo mais – disse T'Challa. – Algo muito estranho.

Zeke e Sheila se inclinaram.

– Ele disse: "Jovem príncipe. Vamos nos encontrar onde a areia corre como sangue".

Ninguém falou nada. Um pássaro pousou sobre a mesa e saiu voando rapidamente.

– Ele disse "jovem príncipe?" – perguntou Zeke. – Isso *é* estranho.

– Você disse que o sotaque dele parecia familiar – disse Sheila. – Tem certeza de que ele não sabe quem você é? Parece muito estranho que ele diga isso, mesmo em um sonho.

– Eu sei – disse T'Challa.

– Onde a areia corre como sangue – murmurou Sheila.

T'Challa franziu a testa.

– Na minha cultura, os sonhos sempre são presságios. Eles nos dizem o que precisamos saber e os levamos a sério. Às vezes, são mensagens dos ancestrais, nos avisando do perigo.

– Como Bob pode falar com você em sonhos? – perguntou Sheila.

– Como eu disse – insistiu Zeke. – O subconsciente. Já vi coisas assim nos gibis. Os bandidos sempre podem invadir os seus sonhos.

– Isso aqui não é uma história em quadrinhos – repreendeu Sheila.

– Bem – disse Zeke. – Você tem alguma explicação?

Sheila olhou para seu tablet e começou a digitar. Zeke trocou um olhar com T'Challa. Um minuto depois, Sheila disse:

– Não vejo nenhuma referência a algum lugar onde a areia corre como sangue. Há alguma coisa sobre a Normandia e a Segunda Guerra Mundial, mas só isso.

– Então vamos ter que continuar procurando – disse T'Challa. – Tem que significar alguma coisa.

– Parece sobrenatural – disse Zeke suavemente, como se realmente não quisesse que os amigos ouvissem.

Mas T'Challa ouviu. E aquilo o preocupava.

O rosto de Sheila estava sério.

– Vamos esperar que não – disse ela.

O aspersor de água ligou de repente, assustando a todos.

T'Challa olhou para Sheila e Zeke.

– Precisamos procurá-lo – disse ele.

– Quem? – perguntou Zeke.

– O sr. McGuire – respondeu T'Challa.

Sheila olhou para ele, o estudando.

– Bem, ele é amigo da sua avó, certo? – apontou T'Challa. – E seu também, Sheila.

A garota ficou quieta por um momento, tamborilando os dedos na mesa.

– T'Challa está certo. Vovó o conhece desde sempre. Temos que pelo menos tentar.

– Então está resolvido – disse Zeke, recostando-se. – O Time Pantera Negra entra em ação novamente!

T’Challa deu um suspiro. Depois de tudo o que dissera a si mesmo sobre se envolver em outra aventura, lá estava ele, prestes a fazer exatamente aquilo. Porém, não havia escolha, argumentou consigo mesmo. Claro, a polícia estaria procurando pelo sr. McGuire, mas ele e seus amigos não podiam fazer o mesmo? Quanto mais gente procurando, maiores as chances de ele ser encontrado.

T’Challa deu outro gole longo e pousou o copo.

– Então – disse ele. – Por onde começamos?

# CAPÍTULO DEZ

– A primeira coisa que precisamos fazer é ver se podemos entrar na loja do sr. McGuire – disse T'Challa.

– A cena do crime – acrescentou Zeke.

O trio transformou o porão da casa da avó de Sheila em sua Base de Operações. Era uma grande sala com uma velha mesa de bilhar com tampo de feltro danificado, uma caldeira que arrotava, chacoalhava e balançava, um sofá esfarrapado e uma coleção desorganizada de cadeiras velhas e mesinhas laterais.

Zeke levou seu notebook e Sheila, seu tablet. Debaixo de uma tapeçaria desbotada na parede, longe de olhares curiosos, especificamente de dona Rose, Sheila imprimiu e fixou fotos da internet que mostravam Bob pulando da estátua de Vulcano e da multidão derrubando o monumento. O artigo que descrevia o desaparecimento do sr. McGuire foi preso na parede junto com o panfleto das Almas Ascendentes. T'Challa não sabia se eles estavam ou não conectados, mas precisava partir de algum lugar. E, uma vez que Bob também aparecera em seu sonho, não parecia um grande salto imaginar que estavam conectados. T'Challa se recostou na cadeira e estudou a parede.

– Então – começou ele. – Existe alguma conexão entre o sr. McGuire e Bob?

– Acho que não – disse Sheila. – Quer dizer, nós o vimos no protesto, mas é só isso.

T'Challa assentiu, pensativo.

– Há mais alguém que trabalhe com ele na loja?

– Deixe-me verificar – disse Sheila. Ela ativou o tablet e começou a digitar. T'Challa balançava a perna para cima e para baixo como um pistão.

– Bem – disse Sheila, após um minuto. – Além de um gato de loja chamado Fred, há uma garota chamada Mika que está fazendo um estágio de verão. Veja. Há uma foto dela.

Zeke e T'Challa se inclinaram sobre o tablet para dar uma olhada. Mika tinha pele escura, cabelo curto platinado e uma pequena joia em sua narina esquerda. Seus olhos eram de um verde-claro incomum.

– Talvez possamos encontrá-la – disse Zeke. – Ela pode saber se alguém estranho entrou na loja recentemente.

Sheila balançou a cabeça.

– Eu não quero acusar ninguém.

– Eu também não – disse Zeke. – Só estou dizendo que podemos, tipo, fazer umas perguntas e ver o que ela sabe.

T'Challa ponderou sobre aquilo por um momento, depois coçou o queixo.

– Acho que vocês dois estão certos. Não queremos presumir nada sobre ninguém, mas se perguntarmos sobre quem tem frequentado a loja recentemente, pode ser que ela nos dê algumas pistas.

– Então vamos para a loja do sr. McGuire – disse Sheila, fechando a capa de seu tablet. – Ver o que podemos descobrir.

– Certo – concordou Zeke. – Vamos lá.

Sheila prometeu a dona Rose que não iriam longe e que eles só precisavam sair de casa por um tempo. A avó permitiu, hesitantemente, mas deu um aviso sério sobre manterem contato e avisá-la caso fossem se atrasar para o jantar.

O Empório de Antiguidades McGuire ficava situado em Beaumont's Antique Row, um dos bairros mais antigos da cidade. Ao longo da rua, T'Challa viu lojas com vitrines que exibiam de tudo, desde tapetes persas e móveis reformados a pratarias elegantes e globos terrestres antigos. As pessoas caminhavam apreciando a vista. T'Challa fez uma nota mental para voltar e fazer compras, se tivesse a chance.

Depois de outro quarteirão, eles chegaram a uma loja com uma enorme vitrine repleta de livros empilhados uns sobre os outros.

Uma placa de um tinteiro e pena pintada à mão acima da porta dizia: EMPÓRIO DE ANTIGUIDADES MCGUIRE.

Zeke tirou uma foto da vitrine com seu telefone.

– Vamos lá – disse T'Challa, e eles entraram.

Um sino tocou quando ele abriu a porta. O lugar estava escuro e um pouco empoeirado, mas ainda tinha uma atmosfera acolhedora e agradável, com uma espécie de caos organizado. O cheiro de livros antigos preenchia todo o espaço. Pinturas a óleo turvas estavam penduradas nas paredes e escadas altas apoiavam-se em estantes de livros que iam até o teto. Objetos decorativos enchiam mesas e estantes: relógios velhos, elefantes de jade, pequenos bustos de figuras gregas e romanas, fotografias em tons de sépia, frascos de perfumes antigos e Fred, o gato, descansando sobre uma pilha de livros esfarrapados e ignorando a todos.

T'Challa notou uma jovem atrás do balcão. Seu cabelo era mais prateado do que na foto. Ela usava uma camiseta que dizia O LIVRO ERA MELHOR QUE O FILME. Sheila foi a primeira a se aproximar dela.

– Oi. Você é Mika, certo?

Depois de explicar que ela e dona Rose eram amigas do sr. McGuire, Mika abriu um sorriso resplandecente.

– Ah, *oui*! – disse ela. – Sua avó veio aqui antes. É uma mulher adorável. *Très chic*.

Sheila sorriu educadamente.T'Challa percebeu o sotaque de Mika.

– *Êtes-vous Française?* – perguntou ele.

Os olhos verdes de Mika brilharam.

– *Ah, oui! Ma famille est de Saint-Martin.*

– *Ah, très bien* – disse T'Challa. – *Je suis em vacances d'Afrique.*

– Oh – disse Mika. – De que parte da África?

T'Challa engoliu em seco.

– Hã, do Quênia.

– *Ah, très jolie* – respondeu Mika.

Sheila e Zeke se entreolharam e ergueram as sobrancelhas.

– Exibido – murmurou Zeke.T'Challa fora o animal de estimação do professor de francês no último verão, por ser fluente. O único verbo que Zeke conseguia conjugar em francês era *manger*, que significava "comer".

– Sentimos muito pelo sr. McGuire – disse Sheila. – Isso é terrível.

Mika suspirou.

– É sim, Sheila. A polícia veio, olhou ao redor, tirou fotos, mas disse que eu poderia manter a loja aberta.

Sheila olhou para T'Challa rapidamente e pegou o telefone. Ela navegou pelas fotos antes de exibi-lo para que Mika pudesse ver.

– Você viu alguém com essa aparência nos últimos dias?

Mika se aproximou para ver melhor a foto de Bob pulando da estátua de Vulcano.

– *Oui* – disse ela. – Eu lembro dele. Veio procurando um livro.

T'Challa sentiu seu estômago embrulhar. *Bob esteve aqui*. Sheila deu a ele um olhar astuto.

– Livro? – repetiu ela. – Que livro?

Mika levantou-se de seu banquinho atrás do balcão e se virou para observar uma fileira de livros em uma prateleira, a maioria deles velhos e quase caindo aos pedaços. T'Challa viu várias lombadas quebradas e alguns livros que pareciam capazes de virar pó se fossem tocados. Mika sussurrava para si mesma em francês enquanto procurava e depois voltou para o inglês:

– O sr. McGuire mantinha todos os livros valiosos atrás do balcão – disse ela. – Primeiras edições e tal. – Ela correu o dedo ao longo de uma fileira de lombadas. – Hmm – murmurou.

– O que foi? – perguntou T'Challa.

– Estava bem aqui – disse Mika, baixinho, enquanto continuava a procurar. – Sumiu.

O estômago de T'Challa se embrulhou de novo.

– Que… livro era?

Mika respondeu, mas baixou a voz, como se estivesse falando sozinha:

– *Monsieur* McGuire achava que era valioso, mas não tinha certeza. Ele o encontrou no bazar de um comerciante no Marrocos. Era um livro grande com… como se diz… símbolos?

– Sim – disse T'Challa. – Tinha símbolos na capa.

– *Oui*. – Mika se virou. – Pequenos… desenhos.

Algo se agitou dentro de T'Challa. Um livro com símbolos estranhos na capa. Ele precisava saber mais.

– O sr. McGuire não queria vender, sabe? – continuou Mika. – Ele disse que era, como se diz… uma obra-prima.

– Então – pressionou T'Challa. – Qual era o título?

Mika encolheu os ombros.

– Não sei.

T'Challa sentiu suas esperanças diminuírem.

– *Un moment* – disse Mika.

T'Challa, Sheila e Zeke se entreolharam, esperançosos.

Mika pegou uma folha de papel do balcão e uma caneta.

– Esses… símbolos – começou ela, enquanto desenhava. – Eram assim.

A língua de Mika foi para o canto da boca em concentração, enquanto ela desenhava.

– Pronto – disse ela, depois de um momento. – *Voilà.*

Ela ergueu o papel.

T'Challa viu o que parecia ser uma corrente quebrada, uma lua crescente e uma estrela.

– Isso estava no livro – disse Mika.

– Estranho – sussurrou Zeke.

– Podemos ficar com isso? – perguntou T'Challa.

Mika deu a ele um olhar inquisitivo.

– Só para o caso de o encontrarmos – disse T'Challa, um pouco nervoso.

Mika encolheu os ombros.

– Tudo bem, já que são amigos do *Monsieur* McGuire.

– Obrigada – disse Sheila.

Eles se despediram e foram para a porta.

Do lado de fora, Zeke disse:

– Que tipo de livro poderia ser?

– Não sei – disse T'Challa. – Mas vamos descobrir.

# CAPÍTULO ONZE

T’Challa se sentia incomodado enquanto eles voltavam para a casa de dona Rose. A rua estava cheia de pessoas passeando com cachorros, ou correndo, ou distraídas por seus celulares. Ele teve que desviar várias vezes para não trombar com ninguém.

Alguma coisa estranha estava acontecendo. Ele ainda não conseguia definir o que era, mas era uma sensação que já experimentara antes, uma sensação de ameaça, distante, dirigida a ele. Ele experimentara a mesma premonição quando esteve em Chicago no ano anterior.

– Precisamos descobrir mais coisas – disse Sheila, incisiva. – Está começando a ficar muito estranho. Pensem: o sonho de T’Challa, Bob indo até a loja, e agora um livro estranho desaparecido?

– Todos os ingredientes de uma aventura – disse Zeke.

– O sr. McGuire sumiu, Zeke – disse Sheila. – Nem tudo é uma brincadeira, sabia?

Zeke murchou um pouco.

– Eu sei – disse ele, na defensiva.

T’Challa olhou para ele, solidário.

Sheila fez uma pausa.

– Desculpe, Zeke. Eu não queria ser grossa. É só que… o sr. McGuire é um amigo da família. Vovó está preocupada, e eu também. – Está tudo bem – disse Zeke. – Eu entendo. Faremos o que for possível para encontrá-lo. Certo, T’Challa?

– Certo – respondeu o wakandano.

Depois que dona Rose viu que todos chegaram em casa com segurança, o trio desceu para a Base de Operações. T’Challa pegou a folha de papel de Mika e alisou-a sobre a mesa. Ficou olhando

para ela por um longo tempo, como se fosse algum tipo de quebra--cabeça lógico.

– Uma corrente, uma lua e uma estrela – sussurrou ele.

Zeke jogou um punhado de ursinhos de goma na boca e digitou furiosamente em seu notebook por vários minutos.

– Afe – disse ele. – Nunca vi isso antes.

– O quê? – perguntou Sheila.

– Tentei todas as combinações de termos de pesquisa: livro antigo, estrela, lua, corrente quebrada, Marrocos, e não apareceu nada. O que esses símbolos significam? Que tipo de livro não tem nome?

– Um que não quer ser descoberto – disse Sheila, com uma voz terrível.

T'Challa continuou encarando os símbolos de Mika. Ele sabia o que precisava fazer, mas ainda estava hesitante.

– O que foi? – perguntaram seus amigos ao mesmo tempo. Eles o conheciam bem o bastante para saber quando algo o incomodava ou quando estava tentando guardar um segredo.

– Já volto – disse ele, e disparou escada acima, deixando Zeke e Sheila se entreolhando, estarrecidos.

Ele voltou um momento depois, carregando a bolsa de couro preta com que chegara. Remexeu no interior dela e tirou uma caixa de prata, que logo em seguida colocou sobre a mesa.

– O que você tem aí? – perguntou Zeke, com a voz cheia de expectativa.

T'Challa não respondeu, mas colocou o polegar em um pequeno círculo no centro da caixa. Depois de um momento, o círculo começou a brilhar em vermelho.

– Uau! – exclamou Zeke.

O círculo lentamente passou de vermelho para verde. T'Challa esperou um momento e então o apertou. A parte superior deslizou como um painel secreto para revelar uma caixa forrada de veludo preto.

– Preciso de uma dessas – disse Zeke.

Os dois amigos olharam mais de perto. Vários itens estavam aninhados dentro da caixa.

– Então você *trouxe* equipamento – disse Zeke, com os olhos brilhando.

T'Challa pegou uma pulseira de prata com cerca de cinco centímetros de largura. Uma tela preta estava embutida no centro.

– O relógio maneiro! – disse Zeke. – Como o que recebemos depois que você foi embora!

T'Challa sorriu e se lembrou de uma memória agradável. Quando ele voltou para Wakanda no ano anterior, seu pai pediu a Nick Fury para fazer uma entrega especial para Zeke e Sheila. Era um relógio holográfico, assim como o de T'Challa, para que eles pudessem manter contato. A única regra é que não podiam mostrá-lo para ninguém, o que, de acordo com Zeke, era metade da diversão de ter um deles.

– Deixamos os nossos em Chicago – disse Zeke, com o rosto sombrio.

– Segurança do aeroporto – acrescentou Sheila. – Achamos que eles poderiam ser confiscados ou algo do tipo. Eles provavelmente pensariam que era algum tipo de tecnologia de espionagem.

– Espere um pouco – disse Zeke, inclinando a cabeça. – Como *você* conseguiu passar com essas coisas pela segurança?

T'Challa sorriu.

– Zeke, meu amigo. Há algumas tecnologias em Wakanda das quais não posso nem contar para vocês.

Zeke ficou olhando, com expectativa.

– O que isso significa? – perguntou Sheila, com a curiosidade atiçada.

– Bem – disse T'Challa. – Vou dar uma pista. Isso se chama ilusão de camuflagem, e é tudo o que vou dizer.

O queixo de Zeke caiu.

– Camuflagem? Tipo invisibilidade? – Ele olhou para Sheila. – Ah, cara! Você tem que contar…

– Talvez um dia – disse T'Challa, interrompendo-o e devolvendo o relógio à caixa logo depois. Zeke parecia um cachorrinho cuja guloseima acabara de ser retirada.

T'Challa enfiou a mão na caixa e pegou uma pulseira de contas.

– Bracelete Kimoyo – disse Sheila.

Zeke olhou para o bracelete. Parecia uma pulseira de contas comum, mas era muito mais do que um acessório de moda. Cada conta era marcada com um glifo de prata, um símbolo de seu propósito. Os cidadãos de Wakanda as recebiam ao nascer, equipadas com uma Conta Primária, que armazenava seus registros médicos e outras informações vitais. Outras contas eram usadas para comunicação móvel, geolocalização e projeções de telas audiovisuais.

T'Challa a colocou no pulso, ao lado da que usara antes para entrar em contato cm Shuri.

– Duas delas? – perguntou Zeke.

– Uma é apenas para comunicações holográficas simples – disse T'Challa.

Sheila se virou para Zeke.

– Comunicações… holográficas… simples – disse ela, sem emoção. – Só isso. Nada demais.

Zeke balançou a cabeça diante da maravilha tecnológica de Wakanda.

T'Challa bateu em uma das contas. Um rastro tênue do que parecia fumaça branca saiu da conta e se transformou em uma pequena tela de luz azul quente, que pairava no ar. Zeke olhava fixamente.

– O que você vai fazer?

– Bem – disse T'Challa. – Vamos descobrir do que se trata esse livro.

Zeke se virou para a amiga e sorriu, tonto de entusiasmo.

T'Challa acenou com o pulso sobre a folha de papel, que de repente apareceu na tela, ainda pairando no ar.

– Vou tentar uma pesquisa aprofundada em todos os bancos de dados do mundo – disse T'Challa. – De VPNs a servidores *onion* e à *dark web*. Tem que haver algo sobre ele em algum lugar.

– Servidores *onion*? Tipo *cebola*? – perguntou Zeke. – O que é um servidor *onion*? Um garçom que traz anéis de cebola para você?

T'Challa deu risada. Sheila sorriu e se virou para o amigo.

– Um servidor *onion* é como… a casca de uma cebola. É uma rede criptografada. Existem camadas, camadas e mais camadas, e quando você descasca a última, obtém o resultado.

– Uau – disse Zeke. – Você deveria ir em um daqueles programas de perguntas na TV algum dia.

– Eu quero – disse Sheila.

T'Challa girou uma conta em sua pulseira.

– Não entendo como funciona sua função de busca – disse Sheila. – Ela usa lógica booleana?

– Boo-o quê? – perguntou Zeke. – Pera aí. Primeiro cebolas e agora boo qualquer coisa. Vocês estão falando em outra língua.

Sheila entrelaçou os dedos.

– A lógica booleana, ou álgebra booleana, foi inventada no século XIX por um matemático chamado George Boole. Basicamente, ela usa três operadores, *e*, *ou* e *não*, para determinar se os valores são verdadeiros ou falsos.

Zeke olhou para Sheila e disse:

– Oh.

– Você entende disso melhor do que eu – confessou T'Challa. – Tudo o que sei é o que os técnicos de Wakanda me disseram. Que é basicamente o que você acabou de dizer. – Ele coçou a cabeça. – Acho.

Zeke encolheu os ombros.

– Bom, então faça isso. Hã, a *boo* qualquer coisa.

T'Challa acenou com a mão sobre a pequena tela, que então flutuou até a parede e se expandiu para o tamanho de um grande monitor.

– Isso. É. Tão. Maneiro – disse Zeke.

T'Challa deu alguns passos curtos e tocou a tela com o indicador. Houve um zumbido, e depois uma voz agradável perguntou.

Qual é a sua dúvida?

T'Challa olhou para Zeke, depois para Sheila.

– Decifre os símbolos – disse ele. – Corrente, lua, estrela. Adicione livro antigo, Marrocos, valioso. Utilize operadores booleanos.

Os desenhos de Mika de repente ficaram maiores, com uma borda vermelha ao redor de cada um. Abaixo dos desenhos, a tela

se transformou em um círculo preto. Uma lasca vermelha apareceu ao longo da parte inferior curva e começou a pulsar.

– Está procurando, certo?

– Isso mesmo – disse T'Challa. – A tecnologia não verifica apenas os termos da pesquisa, mas qualquer coisa já associada a ele. Depois, filtra os resultados mais relevantes.

O círculo já estava quase completamente vermelho. T'Challa esperou nervosamente. Um bipe soou, e então a voz respondeu.

Resultado. Termos de pesquisa encontrados. Os símbolos estão associados a um antigo tomo conhecido como *O Livro dos Malditos*.

– *O Livro dos Malditos* – sussurrou T'Challa.

De repente, a sala ficou mais fria, para ele, e um arrepio percorreu sua nuca.

A voz continuou:

Também conhecido como *Livro dos Pecados*. Acredita-se que tenha sido criado a partir de matéria escura por Chthon, o Arquidemônio do Caos, o primeiro deus demônio.

– Não – sussurrou Sheila. – Ai, meu deus.

T'Challa congelou onde estava. Zeke olhava para a tela como se estivesse arrasado.

Um talismã lendário e raro. Alguns afirmam que o livro nem mesmo existe. Foi escrito primeiro em carne, depois em pedra, e depois em um pergaminho indestrutível. Há rumores de que ele contém todas as maldições e feitiços malignos do universo.

O círculo se apagou.

O peso do silêncio preencheu a sala.

T'Challa sentia como se pudesse escutar o próprio batimento cardíaco. Uma sensação de pavor caiu sobre seus ombros. *O Livro dos Malditos*, pensou ele. *Criado a partir de matéria escura.*

– Isso soa… mais do que assustador – disse Zeke.

– O que o sr. McGuire estaria fazendo com esse livro? – perguntou Sheila.

T'Challa hesitou.

*Pare agora*, ele disse a si mesmo. *Vá mais longe e você se envolverá em algo perigoso.*

– Chthon – disse Zeke. – Procure por isso.

– Não – disse Sheila imediatamente. – Talvez… talvez não devêssemos.

Todos eles se entreolharam.

T'Challa ouviu a voz do pai em sua cabeça. *Use a sabedoria e o discernimento que lhe foram ensinados. Não me decepcione.*

Mas sua voz interior tinha uma opinião diferente. *Precisamos continuar. O sr. McGuire está em perigo.*

Ele olhou para Zeke e Sheila, a apreensão evidente em seus rostos.

– Se fizermos isso, não poderemos voltar atrás. Estamos todos de acordo?

Zeke assentiu, e Sheila fez o mesmo, de olhos fechados.

T'Challa respirou fundo e tocou na tela.

– Chthon… deus demônio. Pesquisar.

Ele sacudiu a cabeça, sem conseguir acreditar que estava procurando informações sobre algo tão… horrível.

Demorou apenas um momento para que o resultado da pesquisa retornasse, mas pareceu uma eternidade para o jovem príncipe. Ele não percebeu que suas mãos estavam cerradas em punhos até que as afrouxou.

Resultado: pronuncia-se *ka-thon*. Um Deus Antigo que se acredita ser tão antigo quanto o universo conhecido. Primeiro praticante de magia sombria. Diz-se que é o pai de todas as coisas malignas do mundo. Existe em uma dimensão alheia a este mundo e não pode assumir forma física na Terra. Em vez disso, usa uma entidade chamada "o Outro" para realizar seus desejos.

Ninguém falou.

T’Challa se sentia como se tivesse acabado de ser sugado para um buraco negro e estivesse procurando por algo em que se agarrar.

– Tudo isso realmente existe? – perguntou Zeke. – Quero dizer, deuses demônios e essas coisas?

– Você viu o que passamos no ano passado, Zeke – disse Sheila. – Enfrentando aquela… aquela criatura em nossa escola.

T’Challa respirou de forma irregular. Ele se lembrava do encontro com mais clareza do que gostaria.

– Há muitas coisas no mundo que as pessoas não conhecem, Zeke. Coisas que são mantidas longe da humanidade por…

– Heróis! – disse Zeke, e seus olhos brilharam. – Como… como Thor! E… bem, como o Homem de Ferro! O verdadeiro, não aquele no Parque Vulcano.

– A Terra sempre teve protetores – disse T’Challa a seus amigos. – Mantendo as pessoas a salvo… de ameaças terrenas e sobrenaturais.

T’Challa sabia de uma dúzia de histórias que Zeke e Sheila não conheciam. Contos sobre como seu pai e outros heróis salvaram a Terra inúmeras vezes. O rei de Wakanda contara a ele coisas que fariam a cabeça de Zeke girar. Mas ele não podia contar tais coisas a seus amigos. Era melhor deixá-los continuarem seguros e despreocupados. Pelo menos por enquanto.

T’Challa estava entorpecido. O *Livro dos Malditos* parecia algo capaz de causar grande destruição. O que seu pai faria se soubesse que acabara de ser roubado? Os pensamentos varreram sua mente, em busca de respostas.

– T’Challa – disse Sheila.

Ele se virou para a amiga.

– Bob. Procure por Bob – disse ela.

Zeke sorriu, afetado.

– Deve haver milhões de resultados para Bob.

– Não necessariamente – respondeu T’Challa. – A lógica booleana deve ser capaz de eliminar nomes irrelevantes e comuns.

Ele tocou a tela novamente.

– Nova pesquisa: Bob. – Ele olhou para a foto de Bob no Parque Vulcano. – Bob, o Acrobata, e Bob, o Bom Doutor. Utilize

operadores booleanos.

– Procurando – respondeu a voz.

O trio observava enquanto o círculo passava de preto para vermelho mais uma vez.

– Isso vai demorar um pouco – previu Zeke.

Mas assim que ele falou, a voz retornou com o resultado.

Bob, ou Bob, o Bom Doutor. Pseudônimos para o Reverendo Doutor Michael Ibn al-Haij Achebe, PhD. Outrora um pobre agricultor do país chamado Ghudaza, vizinho de Wakanda, frequentou a Universidade de Yale e obteve vários diplomas. Acrobata treinado e artista marcial, seu verdadeiro dom é espalhar discórdia e desordem. Altamente habilidoso em hipnose, explosivos e oratória, mas também instável, à beira da loucura. Dizem que vendeu sua alma a uma entidade chamada Mefisto em troca de poder.

O silêncio se fez mais uma vez.

– Mefisto – disse Zeke. – Esse é outro nome para o diabo. – Ele afundou em sua cadeira. – Que bom.

– O que ele está fazendo aqui? – perguntou Sheila. – Bob?

Ninguém tinha uma resposta.

– Eu disse que Bob não era o nome verdadeiro dele – disse Zeke.

– Seu pai – interveio Sheila, de repente. – Você poderia perguntar a ele o que ele sabe sobre Bob… ou Achebe.

– Ou… O *Livro dos Malditos* – disse Zeke, baixinho, como se dizer o nome em voz alta fosse convocar uma horda de demônios.

Um lampejo de dúvida passou pelo rosto de T'Challa.

– Não, essa é a última coisa que quero fazer. Se ele descobrisse que existe algum tipo de problema aqui, provavelmente me colocaria em um avião de volta para casa imediatamente.

T'Challa pensou naquilo por um momento. Aquilo em que eles estavam se metendo importava mais do que as férias, mas também sabia que, se fosse para casa, Sheila e Zeke poderiam correr ainda mais perigo. Ele se lembrou da pergunta que fizera a si mesmo antes, sobre Wakanda e o movimento pelos direitos civis. Como as

coisas poderiam ter sido diferentes se Wakanda tivesse ajudado de alguma forma.

*Bem*, pensou ele. *Não vou ficar parado enquanto meus amigos estão em perigo.*

– Se Bob realmente tiver o livro… – começou Sheila.

– Ele tem acesso a todos os feitiços malignos do universo – concluiu Zeke.

T'Challa olhou para Zeke, depois para Sheila.

– Só há uma coisa a fazer – disse ele.

– O quê? – perguntou Zeke.

– Temos que encontrar aquele livro.

# CAPÍTULO DOZE

Naquela noite, o trio comeu como se estivesse atordoado. Tudo o que descobriram sobre o *Livro dos Malditos*, Chthon e Achebe os deixou abalados. Sheila insistira em saladas verdes depois de suas últimas noites se empanturrando de comida caseira sulista. Zeke estava desamparado e mexia a comida em seu prato sem entusiasmo.

T'Challa espetou um tomate cereja fresco, colhido do jardim de dona Rose, e o deixou estourar dentro da boca. Era bom comer algo fresco e saudável, percebeu ele.

Dona Rose os observou atentamente.

– Não quero vocês jovens zanzando pela cidade, está bem? Eu os deixei sair mais cedo, mas ainda estou preocupada. Pode haver sequestradores por aí, procurando sabe-se lá o quê. – Seus olhos percorreram cada um deles, pousando, por fim, em T'Challa. – Quero que fiquem perto de casa nos próximos dias, entendeu, Sheila?

– Pode deixar, vovó – disse Sheila. – Vamos ter cuidado.

O olhar de dona Rose parou sobre sua neta.

– Estou falando sério, Sheila. Não vou permitir. Já vi esse mesmo olhar em sua mãe. Vocês duas são iguaizinhas. Curiosas como um gato.

*Então ela puxou da mãe*, pensou T'Challa.

Sheila ergueu os olhos do prato e deu um grande sorriso.

– Não precisa se preocupar comigo, vovó – disse ela. – Sério.

Mas T'Challa não achou que dona Rose acreditava muito.

– T'Challa? – disse Sheila, pela segunda vez.

T’Challa mudou de posição em sua cadeira na Base de Operações. Sua mente estava vagando novamente. Saber que havia um livro por aí capaz de causar tanto mal o deixou apreensivo e nervoso.

– Desculpe. O que foi?

Sheila olhou para ele, preocupada, sua boca se apertando rapidamente.

– Você disse que teve um sonho com Bob, quero dizer, Achebe, outro dia, certo?

– Sim – respondeu ele, com relutância.

Sheila mordeu o lábio, como se não quisesse dizer algo.

– Que foi? – pressionou T’Challa.

– Bem… Como você acha que se encaixa nisso tudo? Quero dizer, ele disse que iria encontrá-lo… Onde a areia corre como sangue.

T’Challa estremeceu com a frase misteriosa.

– Se ele realmente falou com você em seus sonhos – acrescentou Zeke. – Então ele sabe quem você é.

T’Challa afastou a ideia, embora soubesse que provavelmente era verdade.

– O que ele quer de mim?

Ele se lembrou da feira estadual e do sorriso assustador. Achebe olhara diretamente para ele.

Ele precisava fazer algo. Qualquer coisa. Encontrar Achebe e confrontá-lo.

T’Challa suspirou. Ele ia mesmo se envolver em outra aventura como fizera em sua última visita? Seu pai certamente não aprovaria.

Mas…

O sonho…

Devia estar lhe dizendo algo.

Se o sr. McGuire estava em perigo, não era o dever de T’Challa ajudar? E se Achebe roubou um livro contendo todos os feitiços malignos do universo, não caberia a alguém impedi-lo antes que o usasse?

– Não sei o que ele poderia querer com você, mas temos que levar isso em conta, T’Challa – disse a garota.

– Sim – disse Zeke. – Talvez ele tenha seguido você até aqui ou algo do tipo.

T'Challa sentiu suas entranhas revirarem.

– Não está ajudando, Zeke.

Zeke encolheu os ombros.

– Só dizendo.

– Precisamos de um plano – sugeriu Sheila. – Temos que encontrar aquele livro.

– Mas onde? – rebateu Zeke. – Não sabemos onde Achebe está, muito menos o livro.

T'Challa pensou no que seu pai faria se estivesse em seu lugar.

*Ele agiria.*

E foi o que ele decidiu fazer.

Na manhã seguinte, T'Challa levantou cedo e se vestiu rapidamente. Zeke estava roncando na cama de cima, totalmente alheio ao mundo. O wakandano esperava que Sheila também estivesse dormindo. Rabiscou uma nota rápida e a deixou sobre a cômoda. *Saí para correr. Volto logo*.

Ele fechou a porta silenciosamente atrás de si e foi até o banheiro.

T'Challa se preparou, escovou os dentes e lavou o rosto. Disse a si mesmo que tomaria um banho mais tarde. Não queria que ninguém fosse acordado pelo som gorgolejante da água correndo nos encanamentos antigos da casa, como acontecera com ele algumas vezes nas manhãs interiores.

Ele olhou seu rosto no espelho. Uma linha de pelos muito sutil roçava seu lábio superior. Passando o dedo sobre ela, o jovem se perguntou se algum dia ela cresceria.

– Na verdade, não quero um bigode – sussurrou ele. – Talvez uma barba, um dia?

Ele saiu da frente do espelho e abriu a porta.

Para encontrar dona Rose no corredor.

Ela segurava um livro em uma das mãos e uma xícara de café quente na outra.

– T'Challa – disse ela, surpresa. – Acordou cedo.

T'Challa olhou para seus pés, depois para cima.

– Bom dia, dona Rose. Eu ia sair para correr.

Dona Rose o observou.

– Lembra do que eu disse a vocês na noite passada?

T'Challa engoliu em seco. Ele sabia que não devia contar nem mesmo uma mentira inocente, mas já era tarde demais.

– Sim – respondeu ele.

– Eu disse que não queria que vocês se afastassem muito, não foi? – Sim, senhora.

T'Challa sentiu uma gota de suor no rosto.

Dona Rose tomou um gole do café.

– Vá em frente e corra, mas fique nas ruas principais, ouviu?

– Sim, dona Rose.

Ela olhou para ele da cabeça aos pés.

– Você vai correr com essas calças e esses sapatos? Não tem uma roupa de ginástica?

T'Challa sentiu um nó na garganta.

– Eu, hã… esqueci de trazer roupas para isso. Mas vou ficar bem. – Ele sorriu. – Consigo correr com qualquer roupa!

Dona Rose lançou um olhar cético sobre ele.

– Vou fazer camarão e *grits* para o café da manhã. Por isso, se quiser um pouco, é melhor voltar antes que Zeke acorde.

T'Challa deu risada, apesar de seu humor soturno.

– Ótimo. Não vou demorar muito.

*Camarão e grits?*, ele se perguntou, enquanto ia até a porta.

– E tenha cuidado! – disse dona Rose, em voz alta.

– Pode deixar – respondeu ele.

T'Challa suspirou aliviado assim que fechou a porta atrás de si. Como que para provar a si mesmo que não acabara de contar uma mentira, começou a correr em um ritmo constante. O sol do Alabama já estava quente, e o calor em sua pele era agradável. Ele respirou fundo, exercitando os pulmões. O chilrear rítmico dos pássaros soava em seus ouvidos junto com o *tic*, *tic*, *tic* dos aspersores de água irrigando gramados já verdes. Ele correu por agradáveis ruas arborizadas, apreciando a vista. Casais mais velhos saíam para caminhadas matinais, e vários cães puxavam seus donos ansiosamente.

T’Challa chegou à loja do sr. McGuire e parou em frente por um momento, recuperando o fôlego. Enxugou a testa e olhou para o relógio: oito horas. Espiou pela janela. As luzes estavam acesas. Um sino soou quando ele girou a maçaneta e entrou.

– Olá? – chamou T’Challa. – Mika?

Nenhuma resposta.

T’Challa foi recebido mais uma vez pelo cheiro de livros antigos encadernados em couro. As tábuas do assoalho rangiam enquanto ele caminhava.

– Olá? – chamou ele novamente.

Passos soaram perto do fundo da loja.

– Quem está aí? – perguntou uma voz com sotaque francês. – T’Challa, é você?

Ele entrou mais ainda na loja. Mika surgiu das sombras.

– *Mon dieu!* – exclamou ela. – Você me deu um susto. Por que está aqui tão cedo?

– *Bonjour*, Mika. *Je suis désolé*. A porta estava aberta.

Mika acenou com a mão no ar.

– Não precisa se desculpar, *mon ami!* Cheguei cedo para fazer o, como se diz, inventário? – Ela olhou atrás dele. – Nada de Zeke ou Sheila?

– Não – disse ele. – Ainda estão dormindo.

– Ah, dorminhocos, né?

T’Challa pegou um pequeno elefante que parecia ter sido esculpido em ônix.

– Nenhuma notícia do sr. McGuire?

– Infelizmente não – disse Mika. – Espero que ele esteja bem. É um homem tão bom, sabe?

– É – respondeu T’Challa. – Foi o que Sheila me disse. Eu só o vi por alguns minutos outro dia. – Ele colocou o elefante gentilmente de volta na prateleira. – Escute – começou ele. – Aquele livro que foi roubado. Você disse que o sr. McGuire o encontrou no Marrocos?

– *Oui* – respondeu Mika. – Ele disse que foi há muito tempo. Cinco, seis anos? Não tenho certeza.

– Você o folheou ou algo assim?

Mika balançou a cabeça.

– Não. *Monsieur* McGuire disse que eu só podia tocar na capa usando luvas, mas nunca tive a chance de olhar dentro dele. – Ela ergueu uma sobrancelha. – Está interessado neste livro, T'Challa?

T'Challa mexeu os pés.

– Ah, bem. Não exatamente. Só estava pensando.

Houve um momento de silêncio. T'Challa de repente se sentiu atrapalhado, sem palavras. Engoliu em seco.

– O homem que veio e pediu o livro – continuou ele, cauteloso. – Disse algo estranho ou incomum?

Mika inclinou a cabeça.

– Estranho? Não. *Monsieur* McGuire disse a ele que não estava à venda. Disse a mesma coisa para a polícia. Aquele homem… Bob? Ele ficou… desapontado quando não conseguiu comprar, mas saiu sem dizer mais nada.

– Interessante – respondeu T'Challa. Ele tinha mais perguntas, mas sentia que já estava abusando da sorte. Mais um pouco e ela provavelmente ficaria desconfiada.

– Bem – disse ele. – É melhor eu voltar. A avó de Sheila está fazendo camarão e *grits* para o café da manhã.

– Ah – disse Mika. – *Fantastique*.

T'Challa agradeceu e se dirigiu para a porta.

– Espere! – gritou Mika.

T'Challa se virou.

Os ombros de Mika subiram e desceram, como se ela estivesse dando um longo suspiro. Ela olhou para ele, quase como se tivesse sido atingida. Abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

T'Challa deu um passo à frente.

– Mika?

Mas ela não respondeu.

Em vez disso, rachaduras, como terra seca no deserto, surgiram em seu rosto. Seus olhos ficaram vermelhos. Não apenas vermelho, mas da cor de mil sóis em chamas. Ela abriu a boca. E foi isso o que ela disse:

– *O Livro dos Malditos* está chamando,Jovem Pantera.Você é digno?

Depois ela jogou a cabeça para trás e riu.

T'Challa congelou, horrorizado.

– Não – sussurrou ele.

T’Challa correu alguns passos até Mika e a segurou pelos ombros.

– Mika! – gritou ele. – Mika!

A garota piscou lentamente, como se estivesse voltando a si, voltando do pesadelo que a dominara. Sua risada maníaca cessou, como se um interruptor tivesse sido acionado. Seus olhos perderam o brilho vermelho.

E então ela desabou no chão.

Mika bebeu outro copo de água. Era o terceiro.

– Não me lembro de nada – resmungou ela.

Seus olhos estavam límpidos e claros, mas T’Challa se lembrava de como estavam vermelhos apenas alguns momentos antes. E seu rosto como pergaminho rachado.

– Você se lembra do que disse? – perguntou ele.

Mika sacudiu a cabeça, parecendo ainda estar desorientada.

– Eu disse alguma coisa? Não me lembro de ter dito nada.

T’Challa engoliu em seco. *Melhor não contar a ela por enquanto. Poderia deixá-la ainda mais assustada.*

– Não – disse ele. – Só deu um grito.

Mika tomou outro gole d’água e então apoiou a testa em um punho fechado. Ficou quieta por um longo momento.

– Vou fechar a loja e ir para casa dormir um pouco.

– Bom – disse ele, ajudando-a a se levantar. – Essa é uma boa ideia.

– Ainda bem que você estava aqui, T’Challa. Se não, não sei o que teria acontecido.

Eles se olharam por um momento até que T’Challa se virou, envergonhado.

– Vamos – disse ele. – Posso te acompanhar até a sua casa?

– Não, *merci*, meu amigo. Eu tenho um carro. – Ela sorriu para ele. Notável, considerando o que ela acabara de vivenciar. – Tenho dezesseis anos, sabe?

Ela pegou a mochila e os dois saíram juntos. Mika trancou a porta atrás dela.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou T’Challa.

– Estou sim – disse ela. – Não se preocupe. Deve ter sido algum tipo de desmaio. Papai sempre diz que preciso comer direito de manhã em vez de só tomar café, então pode ter sido isso, não?

– Faz sentido – disse ele. – Descanse um pouco e depois passaremos por aqui para ver como você está.

Mika fez uma pausa novamente e, por um momento, T'Challa congelou, pensando que a terrível transformação estava prestes a se abater sobre ela novamente.

– Mika? – perguntou ele. – Você está bem?

Mas ela não respondeu de imediato.

T'Challa ficou tenso.

– Agora eu me lembro – disse Mika, por fim, com um olhar distante em seus olhos. – Aquele homem que veio aqui, Bob. Ele disse algo estranho.

T'Challa sentiu uma corrente elétrica percorrer seus braços, seus sentidos se preparando para o que estava por vir.

– O quê? – perguntou ele. – O que ele disse?

Mika ergueu os olhos por um minuto e suas sobrancelhas se uniram.

– Foi estranho. Ele disse: "Uma sala sem livros é como um corpo sem alma".

# CAPÍTULO TREZE

Zeke e Sheila ergueram os olhos, surpresos, quando T'Challa entrou na cozinha. A luz do sol entrava pela janela, e o cheiro de comida picante enchia o ar. Dona Rose o observou com olhos perspicazes.

– T'Challa – disse ela. – Você voltou. Como foi a sua… *corrida*?

– Hã, muito bem – respondeu ele, engolindo em seco e enxugando o suor da testa.

– Você ficou sem a sua tigela de camarão e *grits* – disse Zeke, pegando a última porção de sua tigela com a colher.

– Eu tentei guardar um pouco para você – disse Sheila. – Mas… – Ela acenou para Zeke com a cabeça, que deu de ombros inocentemente.

T'Challa tentou manter a compostura, mas sua mente ainda estava atordoada.

*O* Livro dos Malditos *está chamando, Jovem Pantera. Você é digno?*

– Hã, eu vou tomar um banho rápido, se estiver tudo bem?

– Claro – disse dona Rose. – Há toalhas limpas no segundo banheiro.

– Obrigado – disse T'Challa, saindo da cozinha. Ele sentia os olhos de Sheila em suas costas enquanto se afastava. Não gostava de ser mentiroso ou de até mesmo fingir. Via o olhar desaprovador de seu pai em sua mente.

T'Challa abriu a torneira quente e entrou no chuveiro. Deixou a água cair ritmada em seu pescoço e seus ombros. Respirou fundo, tentando apagar a cena bizarra com Mika de sua mente.

*Quem poderia fazer tal coisa? Bob? Zeke estava certo? Ele era realmente algum tipo de criatura sobrenatural?*

T’Challa fechou os olhos e deixou o vapor tomar todo o banheiro. Embora lá fora estivesse quente e um banho frio fizesse mais sentido, o calor da água era bom e parecia penetrar em sua alma.

*Alma.*

*Uma sala sem livros é como um corpo sem alma.*

O que aquilo queria dizer?

T’Challa desceu as escadas lentamente para a Base de Operações. Como poderia explicar o que acabara de ver para Zeke e Sheila? Eles ficariam apavorados. Mas era necessário. Não havia como evitar.

Seus amigos ficaram encarando quando ele entrou.

– Aonde você foi? – perguntou Sheila antes mesmo de ele chegar ao último degrau.

– É – disse Zeke. – Desde quando você sai para correr de manhã?

T’Challa sentou-se e ficou brincando com uma caneta na mesa, com os olhos baixos.

– T’Challa? – chamou Sheila, sua voz com certo tom de preocupação.

– Fui até a loja do sr. McGuire – confessou T’Challa, erguendo a cabeça. – Queria mais respostas e perguntei à Mika se ela sabia de mais alguma coisa.

– Sem a gente? – disse Zeke, ofendido. – Você sabe que teríamos ido junto.

– Eu sei – respondeu T’Challa. – Simplesmente sentia que precisava ir imediatamente. Precisamos de respostas e, bem, eu já estava acordado e tinha que fazer alguma coisa.

– Entendo – disse Sheila. – E você descobriu alguma coisa?

T’Challa largou a caneta.

– Descobri.

– O quê? – perguntou Zeke. – Alguma receita de torrada francesa ou algo do tipo?

Sheila olhou de soslaio para Zeke.

T’Challa não sabia o que fazer com as mãos, então pegou a caneta novamente.

– Aconteceu… uma coisa com Mika.

– O que você quer dizer? – perguntou Sheila, se inclinando.

T'Challa respirou fundo.

– Perguntei se ela sabia onde o sr. McGuire conseguiu o livro. O*… Livro dos Malditos*.

– E aí? – perguntou Zeke.

T'Challa fechou os olhos por um breve segundo. Um lampejo trouxe o momento de volta.

– Mika de repente entrou em algum tipo de transe. Seus olhos ficaram vermelhos e seu rosto… alterado. Ela disse: "O *Livro dos Malditos* está chamando, Jovem Pantera. Você é digno?".

Zeke e Sheila se engasgaram.

– Depois ela simplesmente… desmaiou – concluiu T'Challa.

– Desmaiou? – repetiu Sheila.

– Sim. Ela está bem agora. Eu a ajudei a se levantar e ela disse que não se lembrava de nada. Descreveu como se fosse culpa de beber muito café e não comer direito.

Zeke colocou a cabeça entre as mãos.

– Agora ele definitivamente sabe quem você é.

– Sei disso – disse o wakandano, sem emoção. – Não precisa me lembrar!

– De alguma forma, Achebe a tinha sob controle – sussurrou Sheila. – Ao menos por um instante.

– Mas o que isso significa? – perguntou T'Challa, frustrado. – O que Achebe está tentando fazer?

– Aquela pesquisa que você fez – começou Zeke. – Com aquela, hã, coisa booleana. Ela disse que ele era bom em hipnose. Será que está hipnotizando as pessoas?

Sheila assentiu.

– Esse é um bom detalhe, Zeke, mas não explica o que aconteceu com Mika. Hipnose pode fazer isso com alguém?

Houve um momento de silêncio desconfortável. T'Challa mexeu na caneta novamente. Seus nervos estavam à flor da pele, e sua amiga percebeu.

– O que mais? – perguntou ela. – O que mais aconteceu?

T'Challa ergueu os olhos. *Ela é muito perceptiva mesmo,* pensou ele.

– Bem – começou ele. – Quando perguntei se ela se lembrava de mais alguma coisa sobre Achebe, ela disse que sim.

– E?

– Mika contou que Achebe disse a ela: “Uma sala sem livros é como um corpo sem alma”.

Passou um momento em que ninguém falou.

– Verdade – disse Zeke, por fim. – Essa é uma citação de Cícero. Sabe? O estudioso romano.

Sheila olhou para Zeke com aprovação.

– Boa, Zeke.

– Obrigado – disse ele. – Algo muito estranho para Bob, ou Achebe, dizer, no entanto.

– Tem alguma coisa nisso que não me soa bem – disse T’Challa. – Não sei o porquê. É só uma sensação, como se houvesse uma mensagem lá, ou algo do tipo.

– Vamos descobrir o que isso significa – prometeu Sheila, e seus olhos se estreitaram com determinação. – Precisamos descobrir.

# CAPÍTULO QUATORZE

Sheila, Zeke e T'Challa sentaram-se pela sala e se entreolharam, tentando juntar as peças do quebra-cabeça. De vez em quando ouviam os passos de dona Rose soando no andar de cima. A caldeira gorgolejava e arrotava, fazendo todos pularem sempre que aquilo acontecia.

– Como Achebe conseguiu fazer aquilo com Mika? – perguntou Sheila. – Como?

T'Challa não tinha respostas. Ele sabia que uma alma era uma coisa poderosa.Todas as culturas do mundo, incluindo a de Wakanda, tinham histórias e mitos sobre a imortalidade da alma. Alguns até diziam que era algo tangível, algo que realmente podia ser visto e sentido.

– Ele precisa ter algum tipo de poder – disse Zeke. – É um mago ou, sei lá, um feiticeiro.

– A pesquisa que fizemos não nos disse nada sobre isso – disse Sheila, que começou a contar nos dedos. – Disse que ele era bom em hipnose, acrobacia e explosivos.

– E em inflamar a multidão – acrescentou Zeke. – Aquelas pessoas no comício pareciam responder ao discurso dele. Um feitiço pode fazer isso?

*Feitiço*, meditou T'Challa.

– Espere um pouco – começou ele. – Aquela pesquisa também disse que havia rumores de que ele vendeu a alma, certo?

Sheila e Zeke concordaram.

– Para alguém chamado… Mefisto – disse Zeke, que pareceu encolher, como se quisesse se esconder debaixo de um cobertor. T'Challa afastou o medo que começava a se agitar dentro dele.

Bateu em uma conta de sua pulseira Kimoyo. Mais uma vez, uma tela surgiu e ele acenou para a parede, onde ela se expandiu.

– Procure por Achebe, Mefisto e… – Ele olhou para os dois amigos. – Alma. Apenas resultados de texto.

Daquela vez, em vez da voz automatizada, a tela foi inundada com linhas de código verde. O trio esperou enquanto a projeção percorria o que parecia ser um cache de um milhão de palavras e frases. Depois de um momento, o texto que rolava pela tela desacelerou como o hodômetro de um carro antigo e parou. T'Challa se aproximou da tela e leu:

– "Achebe, também conhecido como Bob, ou o Bom Doutor, vendeu sua alma a Mefisto em troca de poder e vingança depois que sua família foi assassinada por rebeldes."

Um vazio tomou a sala. T'Challa sabia que todos estavam pensando a mesma coisa.

– Se ele vendeu sua alma – começou ele. – Talvez agora a queira de volta.

– "Uma sala sem livros é como um corpo sem alma" – sussurrou Zeke.

– Ele estava falando de si mesmo! – disse Sheila, se levantando um pouco da cadeira.

A sala de repente ficou mais quente, como se suas próprias palavras estivessem mudando o ar ao redor.

– Como, então? – perguntou Zeke. – Como alguém consegue uma alma?

– Um feitiço – disse Sheila. – E onde se encontra um ritual como esse? – Ela olhou para T'Challa e sorriu, como se já soubesse a resposta.

Foi então que T'Challa percebeu.

Soou como um sino em sua cabeça, alto e claro.

– Em um livro – disse ele. – Aquele que contém todos os feitiços malignos do universo. – Ele fez uma pausa. – O *Livro dos Malditos*.

Por um momento, ninguém falou, como se estivessem aproveitando o alívio de ter uma resposta, pelo menos uma delas.

– Mas por que está fazendo isso agora? – perguntou Zeke. – Por que aqui?

– Ele veio até aqui para encontrar o livro? – perguntou Sheila. – E se sim, como sabia que estava aqui? Onde o sr. McGuire o conseguiu?

– Mika disse que ele o encontrou no Marrocos, lembram? – disse Zeke.

T'Challa parecia perdido em pensamentos. Ele parou por um momento e acenou com a cabeça, como se estivesse formulando algo antes de falar em voz alta.

– Talvez Bob, Achebe, estivesse procurando por ele há muito tempo. Anos e anos, talvez. Depois de finalmente rastreá-lo até o Marrocos, descobriu que havia sido vendido a um livreiro nos Estados Unidos.

– O sr. McGuire – disse Sheila.

– Isso mesmo – respondeu T'Challa.

– E ainda não temos ideia de onde está – disse Zeke. – Ou como essas outras frases se encaixam: "onde a areia corre como sangue" e a outra.

T'Challa estremeceu. *O* Livro dos Malditos *está chamando, Jovem Pantera. Você é digno?*

O telefone de Sheila apitou e ela o pegou.

– Interessante – disse a garota.

– O quê? – perguntou T'Challa.

– Configurei alertas para cada vez que *Bob*, *Bom Doutor* ou *Achebe* aparecerem na internet.

– O que diz aí? – perguntou Zeke.

Sheila passou a mão pelo cabelo e recitou:

– "Junte-se ao Bom Doutor, Bob, para uma prefeitura interativa. Sintonize amanhã às 20h."

– Qual é o site? – perguntou Zeke.

Sheila examinou o tablet.

– Não tem um. Você só precisa clicar em um link.

– Hmm – murmurou Zeke, recostando-se. – Talvez seja algum tipo de vírus estranho que pode passar pelo seu computador ou algo assim.

– Não temos escolha – disse T'Challa. – Amanhã vamos clicar nesse link e… ver o que acontece.

# CAPÍTULO QUINZE

No dia seguinte, o trio ficou perto de casa. Um nó de preocupação se formava no estômago de T'Challa e foi se apertando ao longo da tarde. Naquela noite, eles iriam clicar no link para a palestra de Achebe. *É tolice fazer isso?*, T'Challa se perguntou. *É algum tipo de armadilha? E qual é o meu papel nisso tudo?*

*Jovem Príncipe. Vamos nos encontrar onde a areia corre como sangue.*

Havia algumas coisas que T'Challa sabia até aquele ponto. Um: Bob, Achebe, estava aparecendo nos mesmos lugares a que ele ia. Dois: ele tinha alguma conexão com Wakanda, sendo de um país vizinho. E três: de alguma forma, ele estava aparecendo em seus sonhos. Estava claro: Achebe estava interessado nele e T'Challa estava determinado a descobrir o motivo.

Depois de um jantar rápido, e também saudável, para desgosto de Zeke, o trio desceu as escadas. Parecia a T'Challa que suas férias passaram a se limitar à Base de Operações, comer e dormir.

Zeke pegou um saco de batatas fritas e abriu. Sheila o encarou, chocada.

– A gente acabou de jantar, Zeke!

Zeke tirou a mão do pacote e ergueu os olhos, com migalhas ao redor da boca.

– Eu preciso neutralizar todas aquelas coisas saudáveis!

T'Challa reprimiu um sorriso, embora isso tenha exigido certo esforço.

O tempo pareceu se arrastar enquanto esperavam pelas 20h. T'Challa olhou ao redor da sala, sem se concentrar em nada em particular. Ficou repentinamente interessado por um velho pôster na parede, sem dúvida deixado pelos filhos de dona Rose, que

mostrava um leopardo negro em um penhasco, pronto para atacar. T'Challa olhou para o pôster. Ele era o leopardo ou a presa logo abaixo?

Zeke comia suas batatas e balançava a perna direita para cima e para baixo em um gesto nervoso. O indicador de Sheila pairava sobre o link em seu tablet.

– Certo – disse T'Challa. – Está quase na hora. Vamos ver do que isso se trata.

Sheila olhou para ele e depois para Zeke.

– Lá vai – disse ela, clicando no link.

Os três esperaram, silenciosos, em expectativa.

Depois de um momento, uma página da internet com a foto de Achebe sobre um fundo vermelho ondulado apareceu.

– "Seu anfitrião estará com você em breve" – leu Sheila.

– Devíamos gravar – sugeriu Zeke. – Só para o caso de precisarmos estudar o que ele vai dizer.

– Boa ideia, Zeke – disse Sheila.

– Aqui. – T'Challa passou o pulso sobre o tablet de Sheila. A página da internet subiu da tela dela em forma de funil e, de algum modo, se espremeu em uma das contas da pulseira Kimoyo. Depois disso, ele tocou na conta uma vez, o que fez a imagem reaparecer na parede.

– Nunca me canso disso – confessou Zeke.

Sheila aproximou seu tablet e apertou Gravar.

Uma explosão de luz branca encheu a tela.T'Challa e seus amigos estremeceram, levantando a mão para cobrir os olhos.

– Mas que… – gritou Zeke.

T'Challa espiou por entre os dedos.

– Ela se foi – disse ele. – A luz.

– Isso foi estranho – disse Sheila.

– Você acha? – disparou Zeke de volta, piscando furiosamente.

– Detesto essa frase – declarou Sheila. – *Você acha?* Parece um insulto ou algo do tipo. Afe.

– Shh! – sussurrou T'Challa.

A luz branca, agora fraca, revelou Achebe sentado diante de uma escrivaninha. O fundo vermelho revelou ser uma cortina, ondulando lentamente como se agitado por uma brisa. As mãos de Achebe

estavam cruzadas diante dele, e suas costas estavam retas como uma tábua.

– Isso é estranho – disse Zeke. – Todo esse clima. Parece estranho.

– Eu sei – disse a garota.

– Bem-vindos – Achebe cumprimentou seu público virtual.

A câmera se aproximou mais de seu rosto. Um pouco perto demais, notou T'Challa.

– Dá pra ver o vermelho nos olhos dele – disse Zeke. – Bizarro.

*Vermelho*, lembrou-se T'Challa. *Vermelho sangue, como os olhos de Mika.*

– Hoje gostaria de falar com os cidadãos de Beaumont – começou Achebe. – Só vocês e eu. Gostaria de falar sobre… sacrifício.

– Sacrifício? – repetiu Sheila. – Do que ele está falando?

Achebe deu um olhar morto para a câmera.

– Não, não esse tipo de sacrifício…

Sheila trocou um olhar assustado com T'Challa.

– Estou falando sobre o sacrifício da própria *vontade*… para se entregar verdadeiramente a uma causa.

A voz de Achebe estava calma e comedida. Nem alta nem baixa, mas algo no meio-termo, um tom que atraía, palavra a palavra.

Ele pegou um objeto fora do alcance da câmera. Quando o puxou para dentro do enquadramento, T'Challa viu que era algum tipo de objeto de arte, como um suporte de metal e duas esferas de aço em um fio que batiam ritmicamente uma contra a outra. *Clique, claque, clique, claque.* Aquilo o lembrava do metrônomo que usava para aprender piano.

– Agora – continuou Achebe, juntando as mãos mais uma vez. – Preciso dizer que há uma grande necessidade no mundo de hoje. Uma necessidade de almas dispostas a se erguer. Esse é o propósito das Almas Ascendentes.

*Clique, claque, clique, claque.*

T'Challa estava obcecado pelo rosto de Achebe. Lembrou-se do sonho e da risada maníaca, e sentiu sua cabeça ficar tonta.

– O mundo hoje está clamando – disse Achebe, com a voz calma e firme, cada sílaba ritmada de acordo com o som das esferas batendo.

– Isso parece estranho – disse Zeke, piscando lentamente. – Minha cabeça está esquisita.

– Há tantas almas perdidas por aí – continuou Achebe, com os olhos vermelhos bem aberto. – Pessoas que precisam de uma causa, algo a que devotar suas vidas. Estou aqui para lhes mostrar. Para lhes apresentar a uma causa maior. Venham comigo… escutem. Irei chamá-los. Esperem pela minha voz…

*Clique, claque, clique, claque.*

T'Challa esfregou a testa.

– Está acontecendo alguma coisa – disse ele. – Alguma…

*Clique, claque, clique, claque.*

– Desligue – disse Sheila, tapando os ouvidos com as mãos.

T'Challa sentia uma onda de calma se espalhar por seu corpo, como a massagem com pedras quentes que recebera certa vez depois de uma longa corrida. Cada dúvida e receio dele começavam a se dissipar. Ele se sentia como se estivesse sendo puxado por uma forte corrente, cada vez mais longe no mar.

Então Achebe disse uma palavra. Uma palavra que nenhum deles jamais ouvira antes. Uma palavra que escapou de sua boca como a língua bifurcada de uma serpente.

– Solstitium – sussurrou Achebe lentamente, enunciando cada sílaba, sem piscar. – *Sols-ti-ti-um…*

– Desligue isso! – gritou Sheila.

T'Challa despertou de repente.

Ele se levantou. Por um momento, não soube onde estava, mas então viu Sheila cobrindo os ouvidos e Zeke recostado na cadeira como se tivesse adormecido com a boca aberta. Ele tocou na conta rapidamente e a imagem de Achebe desapareceu.

Houve um momento de silêncio.

– Vocês estão bem? – perguntou T'Challa.

Zeke coçou a cabeça, despertando. Sheila exalava pesadamente.

– O que aconteceu? – perguntou Zeke.

– Achebe – disse T'Challa em um sussurro sem fôlego. – Ele tentou nos hipnotizar.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

– Certo – disse Zeke. – Agora temos *certeza* de que ele é um vilão assustador.

T'Challa se sentou pesadamente.

– Pelo menos tivemos o bom senso de desligar o vídeo – disse Zeke.

– Nós? – retrucou Sheila. – Acho que fui a primeira a sair dessa.

– Bem – rebateu Zeke. – *Eu* disse que minha cabeça estava esquisita antes de você dizer *aquilo*.

– Gente! – gritou T'Challa.

Os dois tremeram com a explosão de T'Challa. Ele não levantava a voz com frequência, e os dois sabiam que aquilo era sinal de sua preocupação e frustração.

– E quanto às *outras* pessoas que estavam assistindo? – perguntou ele. – Não poderíamos ter sido os únicos. Elas desligaram? *Essa* é a questão.

– Problema, você quer dizer – disse Sheila, calmamente.

– Foi por isso que ele realizou aquela manifestação – disse Zeke. – Para que pudesse fazer com que as pessoas confiassem nele e clicassem naquele link.

– Acho que Zeke está certo – disse Sheila. – Lembra do que aquela pesquisa disse? Disse que era um bom orador.

– E que gostava de criar tumulto – acrescentou Zeke, ainda esfregando a testa.

T'Challa tocou as contas de sua pulseira.

– A gente acha que… ele tem o *Livro dos Malditos…* e que agora está tentando hipnotizar as pessoas.

– E o sr. McGuire ainda está desaparecido – acrescentou Sheila.

– Ai, cara – disse Zeke. – O que vamos fazer?

– Não sei – disse T’Challa. – Mas temos que fazer alguma coisa. E rápido.

O trio ficou acordado até depois da meia-noite, quebrando a cabeça atrás de mais pistas, mas nenhuma surgiu. T’Challa estava desanimado. Ele era o filho do Pantera Negra. Não deveria ser capaz de bolar um plano?

– Solstitium – sussurrou Sheila. – Essa palavra. Vocês ouviram?

Zeke esfregou a testa novamente.

– Só me lembro daquela luz branca… Me sinto… cansado.

T’Challa olhou preocupado para Zeke.

– Eu lembro. Solstitium. O que isso significa? Nunca tinha ouvido falar antes.

– Eu também não – disse Sheila, encolhendo os ombros.

Zeke ergueu os olhos, com espanto estampado em seu rosto. Ele olhou para T’Challa, depois para Sheila.

– Pera aí. Eu ouvi direito? Sheila não conhece a definição de uma palavra? – Ele deu um tapa na própria testa. – Alguém anote o dia! Sheila esboçou um sorriso fraco apesar da estranheza de tudo. Ela pegou seu telefone.

– Hmm – disse ela depois de um tempo. – Solstício vem da palavra latina *solstitium*. *Sol* é sol mesmo, e *sistere* é ficar parado. Astrônomos antigos o chamavam de o dia. – Ela franziu a testa e olhou para cima. – O dia em que o sol para?

A caldeira arrotou, fazendo todos eles darem um pulo em suas cadeiras.

– O que diabos isso significa? – perguntou Zeke.

– Solstício – sussurrou Sheila, mexendo no telefone mais uma vez.

– O que você está procurando? – perguntou T’Challa, mas ela não respondeu. Ele já a tinha visto daquele jeito. Depois de definir algo em sua mente, não havia como interromper.

– Aqui está – disse ela, finalmente.

– O quê? – perguntaram os garotos.

– O solstício de verão – leu Sheila. – Ocorre no dia 20 de junho.

– Isso é daqui a cinco dias, ou algo assim – disse T’Challa.

Uma compreensão repentina pareceu surgir para todos eles.

– Achebe tem algo planejado – disse T’Challa. – E vai fazer isso no solstício de verão.

# CAPÍTULO DEZESSETE

T’Challa se concentrou nas cores giratórias da lâmpada de lava. Bolhas redondas de vermelho, amarelo e verde se separavam e se juntavam novamente, como uma célula que se dividia infinitamente. Mais cedo, enquanto ele e seus amigos tentavam ficar acordados e fazer mais conexões, começaram a ficar cada vez mais sonolentos até que por fim todos foram para suas camas…

*T’Challa olhou ao redor do estranho lugar em que se encontrava. Estava escuro, mais escuro do que uma noite sem estrelas. Ele não sabia onde estava, apenas que aquele era um lugar onde não queria estar.*

*Uma sensação de pavor e solidão enchia seu ser.*

*Estendeu a mão, tentando sentir o caminho através da escuridão, mas não havia nada ali que lhe desse qualquer indício sobre onde estava. O solo sob seus pés era sólido, mas macio, quase como se estivesse caminhando na areia.*

*– Olá? – chamou ele, e sua voz ecoou de volta para seus ouvidos.*

*– Jovem Pantera – chamou uma voz.*

*T’Challa congelou.*

*Era mais um pensamento do que uma voz, percebeu ele, como se alguém falasse com ele dentro de sua cabeça.*

*– Por aqui – disse o fantasma. – Venha até mim.*

*T’Challa não queria, mas de alguma forma colocou um pé diante do outro, como se não tivesse escolha, e começou a andar muito, muito lentamente, um passo de cada vez.*

*Algo o impulsionava para a frente. Um grande desejo, mas ele não sabia pelo quê.*

*Mais alguns passos e ele se viu em uma sala onde a luz brilhava de um telhado invisível. Um pedestal preto estava diante dele, com pouco mais de um metro de altura. Algo estava disposto sobre ele, uma forma.*

*T'Challa fez uma pausa, tentando se concentrar, mas sem sucesso. Tinha apenas que seguir em frente.*

*– Venha – sinalizou a voz dentro de sua cabeça.*

*T'Challa parou diante do pedestal. O cabelo de sua nuca se arrepiou. Seu coração disparou furiosamente. Ele olhou para baixo.*

*Era um livro.*

*Um livro como ele nunca vira antes. A capa, se é que se podia chamar assim, era de um cinza férreo, com pequenos símbolos em cada canto. O mais perturbador, e o que o fez estremecer, eram os rostos agonizantes retratados em gritos silenciosos e boquiabertos. Eles mudavam de posição e se mexiam, como se estivessem presos em um sombrio pântano de desespero.*

*– Abra-me – convidou a voz. – Vire a página.*

*T'Challa estendeu a mão trêmula…*

Um lampejo de luz branca atirou T'Challa para fora da cama, com a respiração acelerada.

Ele estava seguro. Fora apenas um sonho.

Sua respiração voltou ao normal.

– O livro – sussurrou ele. – *O Livro dos Malditos*.

Os roncos de Zeke acima dele soaram alto em seus ouvidos. Um som reconfortante, ainda que irritante.

Ele tentou se lembrar de todos os detalhes do sonho, mas tudo o que conseguia recordar era uma escuridão sufocante e uma voz fria que o chamava.

*Era Achebe. Por que me dizer para abrir o livro?*

T'Challa suspirou e se acomodou na cama. Uma nesga do luar entrava pela janela.

Antes que percebesse, estava dormindo novamente.

T'Challa sentiu a dor de cabeça antes mesmo de abrir os olhos, uma pulsação em seu crânio que descia até o pescoço e as omoplatas.

Ele bocejou e saiu da cama, depois bateu no estrado da parte superior do beliche.

– Acorda, dorminhoco.

Sem resposta.

– Zeke? – disse T'Challa, subindo os primeiros degraus da escada para a parte de cima do beliche. Nada além de lençóis amarrotados. *Deve estar lá embaixo*, pensou ele.

O cheiro de panquecas de mirtilo e bacon o levou até à cozinha, onde dona Rose e Sheila já estavam comendo.

– Bom dia – disse ele.

– Já era hora de você se levantar – disse Sheila. – Onde está Zeke? Achei que o cheiro da comida fosse acordá-lo.

T'Challa coçou a cabeça.

– Zeke? Achei que estava aqui. Não está lá em cima.

Dona Rose balançou a cabeça.

– Estou aqui desde as seis e meia da manhã e não o vi.

Sheila bateu com o garfo na borda do prato.

– Talvez tenha saído para dar uma caminhada ou algo assim.

Mas T'Challa tinha outras suspeitas.

Alguma coisa estava errada.

Algo ruim acontecera com Zeke.

# CAPÍTULO DEZOITO

Sheila tirou T'Challa da cozinha e o arrastou para o porão quando dona Rose se levantou para fazer mais café.

– Não queria que ela surtasse – sussurrou ela. – Precisamos encontrá-lo. Tipo, *agora*!

– Para onde ele poderia ter ido? – perguntou ele.

– Não sei, mas estou preocupada. Zeke não é do tipo que simplesmente some sem avisar. Tem algo a ver com a noite passada. Tenho certeza. Aquele vídeo de Achebe. Sabia que não deveríamos ter assistido!

T'Challa não queria pensar no pior, mas o momento era preciso demais. Eles ouvem uma estranha mensagem hipnótica na noite anterior e um deles desaparece? Não podia ser coincidência.

Ele suspirou profundamente.

– Sheila – começou ele. – Tive um sonho esta noite. Foi estranho. Eu me sentia como…

– T'Challa – disse a garota, olhando-o diretamente nos olhos. – Zeke está desaparecido. Você pode me contar sobre o sonho mais tarde, certo?

Ele assentiu, envergonhado. A garota estava certa. Zeke estava desaparecido, e aquilo era o mais importante no momento. Ele gostaria de não ter dito nada.

– Nem o escutei sair da cama. Como pode simplesmente ter sumido?

O rosto de Sheila mostrava angústia.

– Acho que Achebe está por trás disso. Estou com um mau pressentimento.

A ideia de que Zeke estivesse em perigo real de repente surgiu na mente de T'Challa. Ele poderia se ferir, ou pior.

– Temos que fazer alguma coisa – disse ele, com a voz quase em pânico. – Não podemos só ficar aqui sentados!

– Eu sei – disse Sheila. – Estou pensando!

T'Challa estremeceu com a explosão de Sheila. Ele nunca tinha visto a amiga tão preocupada. De repente, se deu conta do quanto Zeke significava para ela. Por mais que discutissem e provocassem um ao outro, eram melhores amigos.

– Deixe-me tentar ligar para ele primeiro – sugeriu Sheila, se acalmando um pouco. – Ele está sempre colado no telefone. Talvez não esteja desaparecido.

T'Challa concordou, mas tinha certeza de que Zeke não estava apenas fazendo uma caminhada matinal.

Sheila procurou em seu telefone e discou o número de Zeke. Ela colocou a chamada no viva-voz. Um toque. Dois. Três. O coração de T'Challa ficava mais pesado a cada toque sem resposta. Quatro. Ela, por fim, desligou.

Passaram-se alguns minutos sem que qualquer um dos dois falasse. Ele se esforçava para encontrar uma resposta.

– É melhor pensarmos logo em um plano – disse Sheila. – Antes que vovó fique muito preocupada. Temos que encontrá-lo!

T'Challa brincou com as contas de sua pulseira Kimoyo, pensando.

– Espere – disse ele.

– O que foi? – perguntou ela, ansiosa.

– Posso tentar rastreá-lo.

– Com o quê?

– Com isso – disse T'Challa. Ele bateu em uma conta de sua pulseira e a pequena tela surgiu. Com um movimento do pulso, ela flutuou até a parede e se expandiu.

– Rastreamento – disse ele, depois de ler o número de Zeke em voz alta.

– Inacreditável – sussurrou Sheila. – Você consegue rastrear com apenas um número?

– Sim – respondeu ele, sem tirar os olhos da tela. – As tecnologias de Wakanda são incríveis.

– Tenho certeza de que *isso* é um eufemismo – respondeu Sheila.

Centenas de números verde surgiram rolando pela tela.T’Challa e Sheila esperaram em silêncio. Os números diminuíram. Houve um bipe e, em seguida, uma voz:

Localização encontrada. Parque Vulcano, Red Mountain, Alabama. Coordenadas 32,3182°N, 86,9023°W.

T’Challa se virou para Sheila:
– Mas o quê?
– O que ele está fazendo no Parque Vulcano? – perguntou ela.
– Não sei – respondeu ele. – Mas precisamos ir para lá. Agora!

– Acho que sabemos onde ele está, vovó – disse Sheila enquanto se dirigiam até a porta. – Nós vamos buscá-lo. Seu telefone deve ter ficado sem bateria.

Dona Rose pousou a xícara de café.
– E onde vocês acham que ele está?
Sheila engoliu em seco.
– Hã, achamos que ele está em Red Mountain.
– Red Mountain? – disse dona Rose. – O que diabos ele está fazendo lá tão cedo?
– Não tenho certeza – respondeu Sheila. – Mas acho que é onde ele está.

A dúvida estava clara no rosto de dona Rose.
– Hmpf – bufou ela. – Bem, é melhor ele estar lá. Se vocês não o encontrarem, vou chamar a polícia.
– Eu sei – disse Sheila. – Tenho certeza de que ele está bem.

T’Challa tentou disfarçar sua cara de angústia, como se Zeke sumir no meio da noite fosse algo que acontecesse o tempo todo. Ele não tinha certeza de que funcionara, no entanto, já que dona Rose dera a ele um olhar curioso antes de os dois saírem pela porta.
– Tenham cuidado – gritou ela pelas costas deles. – E venham direto para casa!

T’Challa e Sheila mal conversaram durante a viagem de ônibus para Red Mountain.

Ele olhava pela janela. Sua cabeça estava cheia de várias perguntas competindo por atenção.

*Zeke está seguro?*

*Como ele chegou até Red Mountain?*

*O que Achebe quer com ele?*

T’Challa se lembrou da voz fria: *“Abra-me. Vire a página”.*

A forte luz do sol incidia sobre o encosto diante dele, criando raios de luz oblíquos. *Solstitium*, pensou ele. *Solstício de verão. O que Achebe está planejando?*

Sheila o cutucou.

– T’Challa, estamos quase chegando.

Ele voltou a si. Olhou pela janela encardida do ônibus e viu a névoa ondulada de calor subindo do asfalto preto. O ônibus parou com um assobio dos pistões. Lá fora, o parque estava cheio de turistas, assim como em sua primeira visita. A estátua de Vulcano erguia-se alta e orgulhosa, olhando para seu domínio com a lança de ferro na mão. T’Challa se lembrou de como Achebe a escalara e saltara, com os braços estendidos como um pássaro em voo.

– E agora? – perguntou Sheila, olhando ao redor.

– Precisamos encontrar essas coordenadas exatas – disse ele.

Ele olhou ao redor com cautela e bateu em uma conta de sua pulseira. Uma imagem holográfica 3D surgiu e pairou no ar à frente deles. As coordenadas do GPS corriam ao longo da borda inferior. Ele cobriu a pequena tela flutuante com a mão livre.

– Por aqui – disse ele.

Eles caminharam para sudeste, e T’Challa manteve os olhos na pequena tela que pairava acima de seu pulso.

– Estranho – disse ele, parando no caminho.

– O quê?

– Isso nos leva para fora do parque. – Ele ergueu os olhos do holograma. – Para lá, em direção às montanhas.

– Estranho mesmo – disse ela. – Por que ele estaria ali?

– Não sei – respondeu T’Challa, ficando mais ansioso a cada passo.

A luz do sol brilhava nas copas das árvores altas diante deles enquanto T'Challa e Sheila saíam do parque. Ele continuou olhando para o mapa conforme caminhavam. Sheila tomou um gole de água de uma garrafa térmica e a entregou a T'Challa, que também bebeu.

A paisagem agora era de pedras e terra vermelha. O grito de um gavião ou falcão soou nos ouvidos de T'Challa, que olhou para cima e viu uma grande ave com enorme envergadura voando em círculos.

Sheila ergueu a cabeça e protegeu os olhos.

– Aquilo é um abutre – disse ela, com tom preocupado. – Um comedor de carniça.

T'Challa não respondeu.

Os dois caminharam por mais alguns minutos em silêncio. T'Challa se virou. O parque estava distante, mas Vulcano ainda podia ser visto, um gigante de ferro parado em pé.

O sol quente do Alabama batia em suas costas, e T'Challa enxugou o suor da testa. Depois de mais dez minutos de caminhada, a entrada de uma caverna surgiu à frente deles, escura e agourenta. Sheila deu um pulo quando uma voz anunciou:

Coordenadas corretas. Localização encontrada.

Os dois trocaram olhares inquietos.

– Ali? – arriscou ela. – Aquilo é uma mina antiga.

– Imagino que sim – respondeu T'Challa. Ele estava nervoso, mas os dois tinham que entrar. Não havia como evitar. Ele bateu em uma conta e a projeção se apagou. *Deveria ter trazido o traje*, disse ele a si mesmo. *Zeke está lá, e só Bast sabe o que mais.*

– A placa – disse Sheila, apontando para a esquerda. – Diz: "Não entre. Perigo".

T'Challa olhou para a placa enferrujada e crivada de balas.

– Bem – disse ele. – Eles estão certos. É perigoso, mas nosso amigo está lá dentro.

Os ombros de Sheila subiram e desceram.

E os dois entraram.

O ar úmido imediatamente acariciou seus rostos.T’Challa resistiu ao impulso de gritar o nome de Zeke. Ele ergueu a mão diante do rosto… escuridão.

– Não consigo enxergar para onde estou indo – disse a garota.

T’Challa tateou o pulso em busca de uma conta Kimoyo e bateu nela.

Um feixe de luz surgiu e se espalhou pelo chão da caverna.

– Essa pulseira é muito útil – disse Sheila. – Melhor do que uma lanterna de celular.

T’Challa olhava ao longo do solo por onde caminhava. À sua esquerda, uma placa dizia: MINA ISHKOODA NÚMERO 14. 1895 A 1941.

– O que é isso? – perguntou ele.

– Lembra que eu disse que meu avô costumava trabalhar nas minas? – disse Sheila. – Era aqui. Eles costumavam escavar em busca de minério de ferro.

T’Challa assentiu com a cabeça enquanto caminhava no escuro, a luz de sua pulseira Kimoyo fornecendo um caminho visível. Seus passos ecoavam em seus ouvidos. Uma gota d’água espirrou no sapato de T’Challa. Ele olhou para cima. As estalactites se agarravam ao teto como gigantes pingentes de gelo. O som de um gotejar constante de água encontrava seus ouvidos.

– O que vamos fazer se Achebe estiver aqui em algum lugar? – disse Sheila, baixinho.

Assim que ela falou aquilo, T’Challa ouviu um ruído e seu estômago se embrulhou.

– Ouviu isso? – perguntou ele, com a voz temerosa.

– Não – disse ela. – O que foi?

T’Challa não precisou responder.

Um gemido escapou da escuridão ao redor.

Sheila olhou em volta, nervosa.

– Por aqui! – disse T’Challa. – Está vindo daqui!

Ele disparou para a esquerda e correu pelo túnel.

– Espere! – resmungou Sheila atrás dele.

T’Challa parou e Sheila derrapou ao lado dele, espalhando lama.

– Ali! – apontou ela, respirando com dificuldade. – O que é aquilo?

T’Challa seguiu o dedo no escuro.

Uma forma volumosa estava à frente deles, esparramada no chão, com os braços estendidos.

– Ah, meu Deus! – sussurrou Sheila.

T'Challa, com toda bravura que foi capaz de invocar, caminhou em direção à forma.

À medida que se aproximavam, viram com horror o que era.

Zeke, deitado de bruços em uma poça de água rasa.

# CAPÍTULO DEZENOVE

– Zeke! – implorou T’Challa. – Acorde!

Sheila ajudou a virá-lo. As roupas dele estavam úmidas por causa da pequena poça de água turva da caverna, e ele tinha os olhos turvos.

– Zeke – disse T’Challa novamente.

Zeke olhou para os dois por um longo momento, como se nunca os tivesse visto antes, até que finalmente o reconhecimento pareceu surgir em seus olhos.

– Sheila? T’Challa?

T’Challa deu um suspiro de alívio e perguntou:

– Você consegue ficar de pé?

– Acho que sim – resmungou Zeke.

Os dois amigos ajudaram o garoto a se levantar, cada um o apoiando em um dos ombros. Zeke olhou ao redor da caverna escura, com os olhos arregalados.

– Que… lugar é esse? Como… como eu cheguei aqui?

– É o que esperávamos que você pudesse nos dizer – respondeu Sheila.

Meia hora depois, Zeke estava de volta em casa com seus amigos. Dona Rose deu um abraço de urso tão apertado que ele nem conseguiu respirar.

– Onde é que você estava, menino? – perguntou ela, interrompendo o abraço.

T’Challa congelou.

Eles estavam tão imersos no fato de Zeke estar seguro que se esqueceram de combinar uma história no ônibus para casa. Além do

mais, Zeke dormira a maior parte do caminho de volta.

O olhar vazio do garoto era óbvio.

Sheila interveio imediatamente.

– Você não sabia? – disse ela, um pouco ansiosa demais. – Em Red Mountain, como eu disse.

Dona Rose contraiu os lábios em uma linha fina.

– E o que estava fazendo lá tão cedo?

Zeke ficou inquieto, claramente sem palavras. T'Challa sentia por ele, mas não sabia o que dizer.

Zeke olhou para baixo, para seus pés, depois para cima. Seu rosto estava dolorido. Ele abriu a boca, mas a fechou novamente.

– Eu só… senti vontade de ir. – Foi o que, por fim, conseguiu dizer.

Dona Rose cruzou os braços.

– Seus sapatos estão todos molhados. Como isso aconteceu? Não choveu desde que vocês chegaram.

– Ele está cansado, vovó – disse Sheila, indo ao resgate de Zeke, algo que era claramente necessário. – Vamos dar a ele algum tempo para descansar, está bem?

– Aham – murmurou dona Rose. Ela olhou a neta de cima a baixo e sua expressão ficou ainda mais perturbada. – Sheila, em que moléstia você se meteu, menina? Está toda coberta de lama!

*Moléstia?*, T'Challa se perguntou. *Nunca ouvi isso antes.*

Sheila olhou para a lama em sua calça jeans e ergueu a cabeça. Pela primeira vez, não sabia o que dizer.

– É melhor vocês três se manterem longe de problemas, meus jovens – advertiu dona Rose. – Não estou brincando!

– Sim, senhora – disse Sheila.

T'Challa também seguiu a liderança da amiga.

– Sim, senhora. Pode deixar.

– Ótimo – disse a avó de Sheila, lançando um olhar fulminante aos três antes de ir embora.

T'Challa suspirou, feliz por estar fora da vista dela.

Depois que Zeke se limpou, o trio desceu as escadas para a Base de Operações.

Zeke se jogou no sofá.

– Sinto muito – disse ele, para ninguém em particular. – Não queria mentir para dona Rose.

– Claro que não – disse Sheila. – Mas… você *pode* contar para a gente. – Ela se sentou à mesa e apoiou o queixo nos punhos cerrados. – Agora, o que aconteceu? Por que você saiu no meio da noite?

Zeke olhou para ela, depois para T'Challa.

– Eu não sei – disse ele, e seu rosto estava perturbado. – Não me lembro!

– De *nada*? – perguntou T'Challa.

Zeke balançou a cabeça negativamente.

T'Challa olhou para o amigo, procurando por qualquer sinal de lesão.

– Você está machucado?

– Não. Só estou… cansado. Como se pudesse dormir durante dias. Minha cabeça dói um pouco, também.

– Você deve se lembrar de *alguma coisa* – disse Sheila.

Ele fez uma pausa, claramente confuso. Ficou em silêncio por alguns momentos. T'Challa e Sheila trocaram olhares nervosos, preocupados com seu amigo.

Zeke enfim quebrou o silêncio.

– Acabei de me lembrar de uma voz na minha cabeça me dizendo para sair.

– Então você se *lembra* de alguma coisa – disse Sheila, animada. – Que tipo de voz? Era de Achebe?

Zeke franziu a testa.

– Não sei. Acho que sim. Não me lembro.

– E o que você fez? – perguntou T'Challa.

Zeke suspirou frustrado.

– Bem, eu me lembro de descer a pequena escada do beliche. Você estava dormindo. Lembro de olhar para você, mas por algum motivo não consegui falar nada. Foi como… se eu não pudesse despertar daquilo.

T'Challa sentiu um calafrio repentino.

– Depois disso – continuou Zeke. – Não me lembro de mais nada, só de acordar onde vocês me encontraram.

T'Challa ouviu passos.

A porta no topo da escada se abriu.

T'Challa ficou tenso.

Um degrau rangeu.

Depois outro.

– Shh. – T'Challa levou um dedo aos lábios.

Ele se levantou em silêncio e saiu da linha de visão direta. Ficou esperando, de olho no rosto dos amigos.

Outro degrau rangeu.

T'Challa ficou tenso, pronto para entrar em ação.

Um sorriso de alívio se formou no rosto de Sheila.

Dona Rose desceu o último degrau.

– Achei que você iria querer comer alguma coisa, Zeke. Sei que não consegue passar mais de vinte minutos sem comer.

T'Challa suspirou e saiu do lado da escada.

– Obrigado, dona Rose – disse Zeke.

– Sanduíche de presunto e queijo, batatas fritas e um refrigerante – apontou dona Rose, pousando o prato. – Isso deve mantê-lo longe de problemas por um tempo.

– Obrigada, vovó – disse Sheila.

– Humpf – murmurou dona Rose, olhando ao redor da sala como se a estivesse vendo pela primeira vez. – O que é que vocês estão fazendo neste porão velho e bolorento, afinal?

T'Challa engoliu em seco.

– Nada – disse Sheila. – Está muito calor pra ficar do lado de fora o tempo todo, sabe?

Dona Rose a olhou daquele jeito, o jeito que T'Challa vira em diversas ocasiões.

– Aham – disse ela, em tom de dúvida. – Não preciso dizer novamente para vocês tomarem cuidado, não é? Não depois desse menino ter saído por aí. Me ouviram?

Todos eles responderam com um aceno de cabeça e os rostos arrependidos. Dona Rose deu uma última olhada ao redor e subiu as escadas.

T'Challa se sentou novamente, ainda com os nervos à flor da pele. Ele ouviu a porta no topo da escada sendo fechada.

– Bem, ele não perdeu o apetite – brincou Sheila, voltando-se para Zeke, que já consumira metade do sanduíche. – E o sr.

McGuire? Você o viu?

Zeke estava sentado no sofá, com os olhos mais vívidos. Ele engoliu mais uma garfada e mastigou bem devagar por um longo, longo tempo, o que fez Sheila dar um suspiro cansado.

– Não o vi – disse ele, por fim.

– Simplesmente não faz sentido – disse T'Challa, recostando-se. – Como você acha que chegou lá, naquela caverna?

– Não poderia ter caminhado até lá – disse Zeke, coçando a cabeça como se fosse encontrar uma resposta daquele jeito. – É muito longe. – De repente, ele deu a ambos um olhar assustado. – Não me digam que eu realmente entrei em um ônibus! Como um sonâmbulo ou algo assim!

Por um momento, nenhum deles falou nada.

– Achebe deve ter hipnotizado você de alguma forma – disse Sheila, baixinho.

Zeke olhou para ela, alarmado.

– Ontem à noite – disse T'Challa. – Aquele vídeo.

– Ah – disse Zeke. – É mesmo. Eu sabia que tinha alguma coisa estranha nele. E vocês? Como que não foram… hipnotizados? Se é que foi isso que aconteceu.

Sheila balançou a cabeça para a pergunta de Zeke.

– Pelo que li, alguns tipos de pessoas são mais suscetíveis à hipnose do que outras. Aquelas que se deixam… levar pela fantasia são influenciadas mais facilmente.

– Como eu – disse Zeke.

Sheila concordou com a cabeça.

– Além disso – disse T'Challa – Sheila tapou os ouvidos com as mãos durante a transmissão do vídeo, e provavelmente também…

– Também o quê? – interrompeu ela.

T'Challa procurou pelas palavras certas. Não queria dizer a coisa errada.

– Bem, acho que você talvez seja cética demais para ser influenciada.

– Talvez – disse ela, provando o que ele acabara de dizer.

– E você, T'Challa? – perguntou Zeke. – Por que não saiu de casa às três da manhã ou em qualquer outro horário?

Ele pensou naquilo por um tempo.

– Bem – começou ele – na verdade eu não sei. Sabia que tinha alguma coisa acontecendo, então talvez minha mente tenha criado algum tipo de mecanismo de defesa.

Sheila deu uma longa olhada em Zeke.

– Por que Achebe faria com que você fosse até a caverna só para… deixar você lá?

– Ele queria que o encontrássemos – disse T'Challa. – Esse é o único motivo em que consigo pensar.

*Será que era verdade?*, ele se perguntou. *Tudo aquilo era algum tipo de armadilha?*

Zeke deu um gole no refrigerante e o colocou sobre a mesa.

– Lembro da escuridão e das vozes. – Ele apertou os punhos, irritado. – Não consigo lembrar de mais nada! Realmente não consigo! Está bem lá no fundo da minha cabeça, mas não consigo lembrar!

– E o livro? – perguntou T'Challa. – *O Livro dos Malditos.* Você o viu ou ouviu algo sobre ele?

Zeke ergueu a cabeça.

– Não. Não me lembro de nada disso. Lembro de uma forma que poderia ser um homem, mas tive dificuldade em me concentrar. Como se estivesse enfeitiçado ou algo assim. – Ele esfregou a testa. – Estou cansado – disse ele, bocejando. Então empurrou o prato. – Chega de perguntas. Preciso dormir um pouco.

– Tudo bem, Zeke – disse T'Challa em um tom tranquilizador. – Vá descansar um pouco.

– Sim – disse Sheila. – Durma um pouco e conversaremos mais tarde.

Zeke não respondeu, mas encostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

T'Challa e Sheila foram se sentar do lado de fora enquanto Zeke descansava o quanto precisava. Raios quentes de sol banhavam o jardim com uma luz dourada. Dois cardeais piaram e esvoaçaram entre os cestos de flores pendurados, e T'Challa os observou com um sorriso. Aquele era um momento raro, percebeu ele, de repente.

– Simplesmente não faz sentido – disse T’Challa, mais para si mesmo do que para Sheila.

– É, eu sei – respondeu ela.

Eles não falaram mais nada por um longo tempo, apenas ficaram sentados juntos, vagando em seus próprios pensamentos.

– Escute – T’Challa por fim começou. – Aquele sonho que eu ia te contar…

A porta de tela traseira se abriu com um estrondo e T’Challa saltou de sua cadeira.

Era Zeke.

– Eu lembrei! – gritou ele, agitando os braços no ar. – Me lembrei de outra coisa!

# CAPÍTULO VINTE

– O quê? – perguntou T’Challa, com a ansiedade de repente no máximo. – O que é?

Zeke fechou os olhos por um instante, como se desenterrando uma memória que preferia esquecer.

– Lembrei agora há pouco, assim que adormeci. Voltou à minha memória. Duas pessoas discutindo. Eu as ouvia, mas não conseguia ver seus rostos. Uma delas tinha uma voz esquisita e aguda, e mandava a outra calar a boca e dizia que sabia o que estava fazendo. Acho que ouvi o nome… Daki.

– Daki? – repetiu T’Challa, em tom de questionamento.

– Sim – continuou Zeke. – Daki. E alguém disse aquela palavra… aquela palavra que ouvimos enquanto Achebe estava fazendo aquela parada na internet. Sol… sol…? – Ele parou.

– Solstitium? – arriscou Sheila.

Zeke bateu as mãos, em palmas.

– Isso! Solstitium. – Ele murmurava para si mesmo, como se estivesse tentando se lembrar de mais. – “Solstitium”, disse a voz. “O solstício está… perto.”

Sheila fechou os olhos e tornou a abri-los.

– O solstício de verão.

T’Challa exalou. Todas as peças estavam se encaixando, mas ele ainda não sabia como elas estavam conectadas.

– Tem uma coisa que eu preciso contar a vocês – começou ele. – E só agora estou tendo a chance.

Os dois amigos esperaram enquanto T’Challa se levantava e andava de um lado para o outro, esfregando as mãos nervosamente.

– Tive outro sonho ontem à noite. Falei sobre aquele em que vi Achebe e ouvi a voz dele. Mas neste eu estava em um lugar frio e escuro, tipo… a caverna em que o encontramos, Zeke. – Ele fez uma pausa. Sua boca estava seca. – Eu vi um livro.

– *O* livro? – perguntou Sheila.

– Acho que sim – disse ele. – Mas não foi só isso. Ele estava apoiado em um pedestal, como se tivesse sido colocado lá para mim. Depois escutei uma voz dizer: “Abra-me. Vire a página”.

Zeke engoliu em seco.

– Agora o *Livro dos Malditos* está falando com você? Nos seus sonhos?

T’Challa já vacilava com a perspectiva de Achebe saber quem ele era. Por que o estava tentando com o *Livro dos Malditos?*

– O que fazemos agora? – perguntou Zeke.

Os dois olharam para T’Challa.

T’Challa soltou um suspiro profundo e pesado.

*Eles estão* esperando que eu ajude*, como se eu tivesse todas as respostas.*

Mas ele não tinha. Não daquela vez.

Naquela noite, depois do jantar, o trio saiu para o quintal e foi se sentar ao ar livre. O calor do sol do Alabama era atenuado pelo lento escurecimento das nuvens. Dona Rose sugeriu colocar algumas tochas de citronela para manter os mosquitos afastados, o que Zeke se ofereceu para fazer. Eles estavam sentados, observando as trilhas de fumaça rala com cheiro de limão que pairava ao redor deles.

Zeke usava uma escova para esfregar a lama de seus tênis. Uma fina terra vermelha caía no chão a seus pés, formando um pequeno monte. T’Challa olhou para ele, fascinado.

– Por que está olhando para os meus tênis? – perguntou Zeke.

– Não estou olhando para eles – respondeu T’Challa. – Estou olhando para a terra.

– Interessante – disse Zeke. – Me avise se descobrir alguma coisa.

Sheila ergueu os olhos de sua pesquisa.

– A terra – disse T’Challa. – Parece mais… areia. Areia *vermelha*.

Zeke olhou para Sheila como se o amigo estivesse falando uma língua que ele não entendia.

– Como… *sangue* – continuou T'Challa.

A boca de Zeke formou um O.

– Onde a areia corre como sangue – disse Sheila, com os olhos brilhando. – Minério de ferro! É o que costumavam minerar nas cavernas! A poeira do minério de ferro dá ao solo uma tonalidade avermelhada. – Ela fez uma pausa e engoliu em seco, como se não conseguisse pronunciar as palavras com rapidez suficiente. – É o lugar onde Achebe disse que o encontraria, T'Challa.

*Poderia ser?*, T'Challa se perguntou. Eles não tinham muito tempo para esperar e descobrir. O solstício estava se aproximando rapidamente.

– Temos que voltar – disse ele calmamente.

– O quê? – perguntou Zeke, mas T'Challa tinha certeza de que seu amigo o ouvira da primeira vez.

– Temos que voltar – repetiu ele. – Para a caverna.

A recusa de Zeke foi clara quando ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Não. Não. Não.

– Vamos ter cuidado – disse Sheila. – Vamos garantir que nada aconteça com você novamente. É nossa melhor chance. Foi lá que você ouviu Achebe falando, não foi? Além disso, o sr. McGuire pode estar lá também.

– Não sei quem eu ouvi – disse Zeke. – Tudo o que escutei foram as vozes e alguém sendo chamado de… Daki, seja lá quem for.

– Zeke – disse T'Challa, se aproximando. – Vamos proteger você. Juro que vou protegê-lo da melhor maneira possível. É uma promessa.

*Espero ser capaz,* pensou T'Challa. *Sei que consigo.*

Zeke olhou para seus dois amigos, sua expressão indecifrável. Ele esfregou o pescoço.

– Bem – disse ele, por fim. – Se vocês acham que é isso que precisamos fazer, estou dentro. – Sua carranca lentamente se transformou em um leve sorriso. – T'Challa? – perguntou ele, com um tom sincero.

– Sim?

– Posso usar o seu traje?

– Não – disse T’Challa, quase rindo.

*Quase.*

Eles ficaram sentados em silêncio por um longo tempo, como se a decisão de voltar para a caverna os tivesse deixado em uma espécie de choque em que não conseguiam mais falar. T’Challa olhou para a lua, quase invisível naquele ponto. Pensou em seu pai, em sua casa, e percebeu que não falara com ele, apenas com Shuri. Ele esperava que ela tivesse dado a mensagem de que ele chegara em segurança. Aquilo era algo que ele prometera antes de deixar Wakanda, que manteria contato regularmente.

– Já volto – disse ele, e foi até o outro lado do quintal, onde uma frágil cerca fora estrangulada por trepadeiras rastejantes e resistentes. – Lá vai – disse ele em voz alta, e bateu em uma conta de sua pulseira Kimoyo. Uma pequena tela pairou acima da conta, oscilando no ar noturno. Depois de um momento, seu pai,T’Chaka, o Pantera Negra e Rei de Wakanda, apareceu.

– Pai – disse T’Challa, com um tom de reverência em sua voz. Não se podia deixar de dirigir-se ao Pantera Negra com admiração e respeito. Ele inspirava aquilo apenas com sua presença, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância.

– T’Challa! – exclamou seu pai. – Já era hora de entrar em contato. Como estão você e seus amigos?

T’Challa afastou o corpo da janela da cozinha, para o caso de dona Rose estar olhando para o quintal.

– Estou bem. É ótimo ver Zeke e Sheila novamente.

Seu pai sorriu, o que não acontecia com frequência, e T’Challa aproveitou o momento. Ele lutava para saber o que dizer a seguir. Deveria perguntar sobre Achebe? Sobre *O Livro dos Malditos?*

Por sorte, seu pai falou primeiro e o salvou da decisão:

– Sua irmã disse para não se esquecer de escovar os dentes.

T’Challa riu alto e todo o estresse o deixou, mesmo que apenas por um momento. Aquela era Shuri de verdade. Eles discutiam e brincavam um com o outro, assim como Zeke e Sheila faziam.

– Pode deixar – disse ele. – Contanto que ela fique fora do meu quarto!

– Mensagem entregue – respondeu o Pantera Negra.

Houve um momento de silêncio

T’Challa hesitou por um instante, o menor sinal de angústia, mas foi o suficiente para seu pai perceber. O Pantera Negra inclinou a cabeça, preocupado.

– Está tudo bem, filho?

– Sim – respondeu ele, rapidamente. – Acho que ainda é por causa do fuso horário.

– Você já deveria estar se sentindo bem, agora. Está aí há algum tempo. Diga-me, há alguma coisa que eu deva saber?

T’Challa estava dividido e esperava que sua luta interna não estivesse óbvia em seu rosto. Não queria esconder coisas de seu pai, mas pensou mais uma vez em seu dever para com seus amigos. Não queria que enfrentassem Achebe sozinhos.

*Se eu contar sobre Achebe, o que ele vai dizer? O que vai fazer? Me colocar em um avião de volta para casa? Enviar ajuda?*

*Não. Isso depende de mim. Preciso tomar minhas próprias decisões. Não vou abandonar meus amigos. Agora não. Nunca.*

O Pantera Negra ergueu as sobrancelhas escuras.

– Estou bem, pai – disse T’Challa, por fim. – Mesmo.

– A última coisa que você precisa é se envolver em outra situação perigosa – advertiu seu pai. – Como antes. Prometa que vai tomar cuidado enquanto estiver aí, T’Challa.

– Eu vou – prometeu T’Challa.

– Meu rei. – T’Challa ouviu ao fundo, um sinal de que o Pantera Negra era necessário em outro lugar. Seu pai se afastou da tela, seu rosto de perfil.

– O dever chama, filho – disse ele, voltando-se. – Melhor eu ir. Mantenha contato.

A imagem piscou e se apagou.

T’Challa passou os dedos sobre uma conta em sua pulseira. Um pássaro dançava nos galhos altos da magnólia acima dele, assobiando sua canção noturna. A luta interior ainda girava dentro de sua cabeça.

*Eu deveria ter dito algo.*

*Não.*

*Consigo lidar com isso.*

*Já fiz isso antes e posso fazer de novo.*

Ele começou a andar para se juntar a seus amigos.

*Não vou deixar meus amigos, ou esta cidade, em perigo. Serei um tipo diferente de líder. Aquele que sempre…*

– Falando sozinho? – perguntou Zeke, interrompendo os pensamentos de T'Challa.

– Não – disse ele. – Era o meu pai. Estava falando com ele.

Zeke fingiu uma cara triste, baixando o lábio inferior.

– Queria que tivesse nos contado. Poderíamos ter dito um oi.

T'Challa deu risada.

– Ele estava muito ocupado, por isso…

– T'Challa – disse Sheila, sua voz de repente preocupada. – Zeke.

Os dois se viraram para ela.

Ela engoliu em seco e olhou para o tablet.

– Acabei de descobrir uma coisa. Uma coisa que vocês dois precisam ver.

T'Challa se sentou em uma das cadeiras do gramado. Ele não sabia quantas surpresas mais seria capaz de aguentar, e preparou sua mente para outra.

– Lembram quando Zeke sugeriu que gravássemos o discurso de Achebe? – perguntou ela.

Os dois assentiram.

– Bem – continuou ela. – Foi uma boa ideia.Transcrevi o discurso dele na noite seguinte para poder estudar mais de perto. Há uma… mensagem subliminar.

– Subliminar? – perguntou Zeke.

– Sim – respondeu a garota. – Não fiquei olhando para o vídeo enquanto estava escutando, não queria ser hipnotizada nem nada, por isso anotei as palavras. Sabia que havia algo estranho na maneira como ele estava falando. Ele colocou ênfase nas palavras que queria que as pessoas *realmente* ouvissem!

Sheila girou o tablet para que os dois amigos pudessem ver. A tela brilhava no escuro quase completo.

– Leiam as palavras em negrito – disse ela.

T'Challa e Zeke se juntaram e leram a página:

*Agora, **preciso** dizer que há uma grande necessidade no mundo de hoje.*

*Uma necessidade **de almas dispostas a** se erguer.*
*Esse é o propósito das Almas Ascendentes.*
*O mundo hoje está clamando.*
*Há tantas almas perdidas por aí…*
*Pessoas que precisam de uma causa, algo a que **devotar suas vidas.***
*Estou aqui para lhes mostrar.*
*Para lhes apresentar **a uma causa maior.***
*Venham comigo… escutem.*
*Irei chamá-los.*
*Esperem pela minha voz.*
***Solstitium.***
***Solstitium.***

T'Challa ficou entorpecido.

– Preciso de almas dispostas a… – disse ele.

– Devotar suas vidas a uma causa maior – concluiu Zeke. – Isso é completamente insano! Quem diria uma coisa dessas?

– Alguém que esteja procurando por almas – disse Sheila.

Houve um momento de silêncio.

– Bom trabalho, Sheila – disse T'Challa, por fim. – E você também, Zeke, por pensar em gravar o vídeo.

– Teve aquele lampejo branco no começo – disse Zeke. – Lembram? Talvez fosse parte disso. E aquele som estranho de metrônomo e a cortina vermelha ondulando.

– Tudo contribuiu para criar um efeito hipnótico – concluiu Sheila.

T'Challa se sentou novamente e passou a mão pelo cabelo.

– Sheila, quando você disse que era o solstício?

Ela tirou o telefone do bolso. Seus polegares batiam furiosamente.

– Daqui a quatro dias. Vinte de junho. – Ela fez uma pausa. – Aqui diz que o solstício de verão é o dia mais longo do ano, e a noite mais curta. É uma época de… – Ela ergueu os olhos do telefone. – Renascimento.

T'Challa engoliu em seco.

– Renascimento – repetiu Zeke. – Como conseguir uma nova alma.

– Não temos muito tempo – disse T’Challa. – O que quer que Achebe esteja fazendo, vai acontecer em breve.

Ele se recostou na cadeira.

Qual era o plano de Achebe?

Quantas pessoas ouviram a mensagem?

Quantas dariam atenção a ela?

E, mais importante, o que Achebe faria quando atendessem ao seu chamado?

# CAPÍTULO
# VINTE E UM

T’Challa se levantou pouco antes de o sol nascer e foi para o quintal. Queria passar um tempo sozinho antes que todos acordassem. Precisava pensar antes de encontrar mais revelações surpreendentes. Que outros eventos estranhos poderiam acontecer durante o dia?

Ele atravessou a cozinha e saiu para o quintal. A umidade já estava alta e ele sentia o ar abafado se agitar ao redor. Sentou-se em uma das cadeiras do gramado e apoiou os pés em um banquinho. A pilha de areia vermelha ainda estava no piso de concreto do quintal. *Onde a areia corre como sangue. Será que a caverna é mesmo o lugar?*

Os pássaros cantavam e dançavam nas árvores, pulando de galho em galho. O sol era uma faixa alaranjada no céu da manhã. Ele respirou fundo. O perfume das flores de dona Rose encheu suas narinas. Mas foi um momento fugaz.

*Preciso de almas dispostas a devotar suas vidas a uma causa maior.*

Ele repassou todas as frases misteriosas que ouvira nos últimos dias, tentando ver como elas se conectavam.

*Uma sala sem livros é como um corpo sem alma.*

*Jovem príncipe. Vamos nos encontrar onde a areia corre como sangue.*

*Abra-me. Vire a página.*

*O* Livro dos Malditos *está chamando, Jovem Pantera. Você é digno?*

Nada daquilo se encaixava. Eram todas frases separadas que tinham seus próprios significados, mas o que queriam dizer juntas?

O sol nasceu, espalhando uma luz amarela entre as copas das árvores.T'Challa sentiu seus raios quentes tocando sua pele. Lembrou-se de casa mais uma vez.

*Casa.*

*Pai.*

*Eu deveria falar com ele novamente. Ele provavelmente conhece Achebe, ou pelo menos já ouviu falar dele.*

T'Challa lutava consigo mesmo, sua mente fugidia, não permanecendo em um assunto por tempo o bastante para ter qualquer ideia de verdade.

*Solstitium. Daqui a três dias.*

A porta de correr se abriu.

– Arre! – disse Sheila. – Você me deu um susto.

T'Challa saiu de seus pensamentos.

– Zeke e eu estamos lá embaixo. Nenhum de nós conseguiu dormir. Não vimos você e, bem…

– Estou são e salvo – disse T'Challa. – Só pensando.

Sheila fechou a porta e se sentou em outra cadeira. Ela olhou para o sol da manhã, com uma xícara de chá na mão.

– Que férias, hein? – perguntou ela.

T'Challa quase riu.

– Talvez um dia possamos apenas ter férias *normais*.

– Sim – disse ela. – Zeke e eu podíamos ir para Wakanda, e você poderia nos mostrar o lugar.

– Eu gostaria – disse ele.

– Então, como isso funciona? – perguntou Sheila. – Quem realmente pode visitar Wakanda?

T'Challa sabia a resposta e ficou com vergonha de pensar que não poderia contar a ela, embora fosse uma de suas amigas mais próximas. Ele conhecia segredos de estado e precisava mantê-los privados.

– Ninguém, na verdade – disse ele.

– Como assim?

T'Challa ergueu os pés do banco.

– Bem, as pessoas vão até Wakanda, embaixadores de outros países e tal, mas só veem o que *queremos* que vejam…

– Deus do céu! – gritou uma voz.

– Vovó! – gritou Sheila, enquanto ela e T'Challa pulavam de suas cadeiras.

T'Challa abriu a porta de correr tão rapidamente que ela se estilhaçou ao bater na outra extremidade.

Eles correram para dentro, esbarrando um no outro enquanto o faziam.

Dona Rose estava sentada imóvel no sofá, com os olhos grudados na TV. Zeke estava paralisado ao lado dela, com uma tigela de cereal nas mãos.

Sheila correu para o lado dela.

– Vovó! O que está errado? O que aconteceu?

Mas ela não precisou responder, porque o apresentador na TV falou tudo:

– *É isso mesmo, Jim. Notícia triste para relatar no* WBEA Ao Vivo*. Esta manhã, vários residentes de Beaumont relataram o desaparecimento de amigos e familiares. Ainda estamos esperando por uma contagem oficial da polícia, mas nossos primeiros relatórios indicam que cerca de… vinte pessoas simplesmente… desapareceram. A polícia está pedindo aos cidadãos que fiquem em suas casas, por enquanto. Agora vamos falar ao vivo com Connie Cline, da* WBEA*, que tem as últimas novidades.*

T'Challa ficou imóvel.

– Não – sussurrou Sheila. – Não pode ser.

– Deus do céu – disse novamente dona Rose. – O que diabos está acontecendo?

T'Challa olhou de soslaio para seus amigos.

Eles sabiam o que estava acontecendo.

Era Achebe.

# CAPÍTULO
# VINTE E DOIS

A cidade entrou imediatamente em alerta máximo, e os carros da polícia patrulhavam as ruas a toda hora. Folhetos de pessoas desaparecidas começaram a aparecer em todos os lugares: colados em postes de luz e de telefone, passados por debaixo das portas e colocados sob os limpadores de para-brisa dos carros.

T'Challa e seus amigos tinham certeza de uma coisa: as pessoas desaparecidas eram aquelas que assistiram ao vídeo de Achebe.

Dona Rose não os deixaria ir muito longe, e passaram o dia seguinte na Base de Operações tentando descobrir mais coisas. Faltavam apenas dois dias para o solstício de verão e eles precisavam de respostas.

– Olhem – disse Zeke, navegando em seu notebook. – Vai ter uma vigília à luz de velas no Parque da Cidade amanhã, para as pessoas desaparecidas.

– Achei que a polícia tivesse mandado as pessoas ficarem em casa – disse T'Challa.

– Ninguém diz às pessoas no Alabama o que fazer – destacou Sheila. – Precisamos ir. Às vezes os criminosos gostam de se misturar e observar as consequências de seus próprios crimes.

– Talvez Achebe esteja lá – disse Zeke, antes de perceber o quão assustador aquilo seria.

T'Challa também estava com medo.

Mas ele não deixaria o medo vencer.

T'Challa se sentiu preso pelo resto do dia, mas não havia nada que eles pudessem fazer sob os olhos atentos de dona Rose. Em vez

disso, repassaram as mesmas pistas e informações que encontraram antes.

– Não estamos chegando a lugar algum – disse T'Challa.

– Também não podemos sair de casa – queixou-se Zeke, que parecia estar tão fora de sincronia que nem estava beliscando.

– Só temos que esperar, então – disse Sheila.

E foi o que eles fizeram, por mais que fosse difícil.

*Amanhã*, pensou T'Challa enquanto tentava cair no sono naquela noite. *A vigília é amanhã. Precisamos de mais respostas. Ou ir direto para as cavernas.*

Enquanto entrava e saía do sono,T'Challa pensava em sua viagem e no que se metera. Dias de turismo e comida gostosa transformaram-se em um pesadelo. Como tantas pessoas podiam simplesmente desaparecer? Como Achebe tinha tanto poder?

Era sobrenatural. Tinha que ser.

Ele voltou a dormir com as palavras de Achebe ecoando em seus ouvidos.

*Preciso de almas dispostas*…

A noite estava caindo quando eles saíram e caminharam até o Parque da Cidade, no dia seguinte. O estômago de T'Challa passara o dia agitado e, por mais que ele e seus amigos quisessem se apressar, dona Rose liderava o caminho lentamente, com o rosto firme e determinado.

– Ficar em casa é o… meu pé. Temos que mostrar apoio ao sr. McGuire e aos outros.

T'Challa viu a ferocidade nos olhos de dona Rose e soube que não era bom se meter com ela.

Outros cidadãos de Beaumont também estavam nas ruas, caminhando em silêncio para a vigília. Placas de DESAPARECIDO se destacavam em postes de energia e telefone. Homens, mulheres, crianças, todos sumiram. Desapareceram. Não parecia haver nenhum padrão, percebeu T'Challa. Eram pessoas de todos os tipos e todas as idades. Seus retratos os mostravam sorrindo ou dando risada; no trabalho ou no lazer; com família, amigos e animais de estimação.

– Precisamos ajudá-los – sussurrou T'Challa. – Precisamos.

Ele viu as velas antes de ver as pessoas. Elas se alinhavam por todos os lados no Parque da Cidade, pequenas chamas de esperança iluminando a escuridão. Um grande cartaz exibia o rosto dos desaparecidos, e os familiares acariciavam as fotos, como se de alguma forma seus entes queridos pudessem sentir seus toques. T'Challa pensou que seu coração iria se partir só de olhar para aquelas pessoas.

A noite estava quente e os vagalumes piscavam e flutuavam no ar noturno. Policiais uniformizados estavam espalhados entre a multidão. Grupos sentavam-se em cobertores ou cadeiras de jardim. Uma senhora idosa distribuía copos de bebidas geladas enquanto uma jovem dedilhava uma melodia em um violão. Se não fosse pela situação sombria, teria sido uma reunião agradável e alegre.

– Fiquem de olho – disse T'Challa a seus amigos.

– No quê? – perguntou Zeke.

T'Challa olhou para um lado, depois para o outro.

– Qualquer coisa.

Dona Rose aceitou uma cadeira de jardim de um homem e se sentou. T'Challa e seus amigos ficaram sozinhos.

Um homem negro com uma barba grisalha chamou a atenção da multidão. Ele era alto, calvo e usava um óculos de armação de arame.

– Se eu puder ter a atenção de vocês por um momento – disse ele, batendo em um microfone. – Atenção, por favor.

O burburinho cessou.

O homem tossiu um pouco e começou a falar.

– Muitos de vocês aqui me conhecem, mas para os que não conhecem, meu nome é Henry Toodle, e eu sou o prefeito de Beaumont.

Várias pessoas na multidão aplaudiram levemente.

– Fico feliz em ver todos vocês aqui esta noite, nesta grande demonstração de solidariedade a nossos entes queridos que estão desaparecidos.

T'Challa olhou ao redor enquanto o homem falava. Sentia algo no ar, algum tipo de tensão, mas não conseguia definir exatamente o que era.

– A polícia local de Beaumont se juntou a nós aqui – continuou o sr.Toodle. – O FBI também está contribuindo com sua experiência…

O prefeito fez uma pausa e esfregou a testa, depois tirou um lenço branco e enxugou o rosto. Ele olhou para a audiência. – Eu… hã… Eu tenho… uma mensagem.

T'Challa ficou tenso.

A voz do sr. Toodle estava diferente de um momento atrás, mais lenta e mais hesitante.

– Tem alguma coisa errada – sussurrou T'Challa.

– Sim – continuou o sr. Toodle. – Tenho… uma mensagem.

O prefeito engoliu em seco e foi captado pelo microfone. Era como se estivesse lutando para recuperar seus próprios pensamentos e ações, algo que T'Challa vira acontecer apenas uma vez antes.

Com Mika.

O prefeito Toodle tossiu e voltou a engolir em seco, como se tivesse algo preso na garganta.

– A mensagem diz: *O Livro… O Livro dos Malditos* está esperando, Jovem Pantera…

T'Challa congelou.

– Não – sussurrou Sheila.

– Mas que… – disse Zeke.

Um murmúrio confuso percorreu o Parque da Cidade.

O prefeito Toodle olhou para os cidadão reunidos e, embora estivesse a vários metros de distância, T'Challa viu o lampejo vermelho em seus olhos.

– Você é… – continuou o prefeito, seus olhos procurando algo. – Você é digno?

– Alguma coisa aconteceu com ele – sussurrou Sheila. – De algum jeito, Achebe o dominou!

O prefeito de repente se endireitou e balançou a cabeça, como se despertasse de um sonho.

– Olá? – disse ele, com a voz vacilante. – Tive uma pequena enxaqueca aqui. Eu estava… Onde eu estava?

– Mas o que é que está acontecendo nesta cidade? – sussurrou dona Rose.

T’Challa observou a multidão, procurando alguma coisa incomum. Achebe estava lá, escondido e zombando deles? Por que estava fazendo aquilo com o prefeito?

Havia muitas perguntas. Muito no que pensar. Ele cerrou e abriu os punhos, quando uma onda de adrenalina começou a percorrer seu corpo.

No dia seguinte, no solstício, ele teria respostas.

# CAPÍTULO
# VINTE E TRÊS

Novamente em casa, o trio se retirou para a Base de Operações. Dona Rose foi para a cama depois de uma xícara de chá, ainda chocada e confusa com o comportamento do prefeito.

– Eu diria para sairmos escondidos e irmos até a caverna esta noite – exigiu Sheila. – Por que estamos esperando Achebe? Se formos agora, podemos pegá-lo de surpresa!

– Se ele estiver na caverna – disse Zeke. – Ainda supondo que é o lugar onde a areia corre como sangue.

T'Challa ponderou a sugestão de Sheila.

– Não sei, pessoal. É como se ele estivesse jogando algum tipo de jogo e a gente tivesse que obedecer às regras se quisermos ter uma chance de derrotá-lo. Ele mencionou o solstício por alguma razão. Acho que devemos esperar pela luz do dia para sair.

Zeke pareceu aliviado com a opinião de T'Challa.

– E como vamos sair? Perguntou ele. – Amanhã, digo.

– Isso é fácil – respondeu Sheila. – Todos os sábados, vovó sai para comer com a sra. McGuire e algumas de suas outras amigas. São todas aposentadas. Ela chama de Grupo do Café da Manhã.

– Bem – disse T'Challa. – Se ela não for, vamos precisar encontrar uma saída que não a deixe desconfiada.

Todos ficaram em silêncio por um longo tempo. Sheila bocejou, e depois Zeke fez igual.

– Vamos dormir um pouco – disse T'Challa. – Amanhã vai ser… Ele fez uma pausa. A dúvida e o medo estavam claros como dia no rosto de seus amigos.

Ele nem terminou a frase.

T’Challa se deitou na cama. Lembrou-se de caminhar para casa, de volta da vigília, pouco tempo antes. Por cada casa que passavam, ele se perguntava se seus moradores estariam sentindo a ausência de um ente querido, se estariam atormentados pela dor e consolando uns aos outros. Pelo menos vinte pessoas tinham desaparecido, de acordo com a reportagem. *Vinte*, pensou ele, enquanto adormecia. *Vinte almas…*

A luz que entrava pela janela na manhã seguinte era apenas um ponto brilhante, já dizendo a T’Challa que aquele seria um dia escuro.

Ele acordou e percebeu que Zeke não estava no quarto. Por um breve momento, pensou que talvez seu amigo tivesse sido sequestrado novamente e ficou aliviado quando o viu na cozinha.

– Bem – disse ele baixinho ao entrar na cozinha. – Dona Rose está aqui?

– Não – respondeu Sheila. – Ela saiu mais cedo para encontrar as amigas e tomar café da manhã.

T’Challa relaxou os ombros, deixando a tensão de lado.

– Ela disse alguma coisa? Tipo, “não vão a lugar nenhum?”.

– Disse – respondeu Sheila. – Mas então eu perguntei por que ela podia sair e a gente não.

– Isso deixou ela perplexa – disse Zeke.

– Eu disse a ela que tomaríamos cuidado se saíssemos. De estarmos sempre juntos e tudo mais, e ela pareceu acreditar.

– Bom – disse T’Challa.

*Mas por quanto tempo ficaremos fora?*, ele se perguntou.

Seu estômago se revirou. Era isso. Eles iriam para a caverna esperando perigo. Não havia outro jeito. Precisavam pegar o *Livro dos Malditos* e depois…

– Não – sussurrou Sheila, olhando para o tablet. – Não, não, não!

T’Challa saltou à procura de um intruso ou inimigo.

Mas não havia nenhum.

Era Sheila, paralisada, com o tablet nas mãos.

– O que foi? – perguntou ele, se aproximando.

Sheila virou o tablet para que todos pudessem ver.

DESAPARECIDA
MIKA BELLOUARD

A polícia de Beaumont está pedindo informações sobre o desaparecimento de Mika Bellouard, uma funcionária de verão de dezesseis anos do Empório de Antiguidades McGuire. Bellouard é a vigésima primeira pessoa desaparecida nos últimos dias. Seu empregador, o notável cidadão de Beaumont, Charles McGuire, foi um dos primeiros a desaparecer. Qualquer pessoa com informações sobre o desaparecimento da senhorita Bellouard ou de qualquer outra pessoa deve entrar em contato com a polícia de Beaumont.

T'Challa abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu. Ele sentiu um turbilhão de emoções. Medo. Raiva. Tristeza.

– Mika – sussurrou ele. Viu o sorriso brilhante da garota em sua mente. *Ela tem que estar bem*, pensou ele. *Tem que estar*.

– Não há tempo a perder – disse Sheila, assumindo a liderança e trazendo T'Challa de volta ao momento. Ela colocou o tablet na mesa e bateu palmas.

– Vamos, Zeke! Largue essa torrada! Pegue suas coisas. Precisamos chegar àquela caverna… agora!

T'Challa correu para o quarto, subindo os degraus de dois em dois. Abriu sua bolsa de couro preto e removeu alguns itens para revelar o traje de pantera.

– Achei que não precisaria de você – disse ele em voz alta, passando os dedos pelo tecido. Ele se lembrou da última vez que vestira o traje. Foi em Chicago. Uma cidade diferente, contra uma ameaça diferente. Ele suspirou e fechou o zíper da bolsa. Depois, jogou-a sobre o ombro e desceu as escadas.

Sheila e Zeke carregavam mochilas com água e lanternas adequadas, juntamente com uma diversidade de suprimentos: um

isqueiro, uma bússola e vários pacotes de petiscos para trilhas, que Zeke insistia em levar.

– T'Challa? – perguntou Sheila. – Está pronto?

Ele deu um suspiro.

– Estou pronto – disse ele e, em seguida: – Pessoal. Escutem.

Zeke e Sheila pararam.

T'Challa olhou para os dois por um momento e sustentou o olhar.

– Certo. Estamos rumando para o desconhecido. Precisamos ter cuidado.

– Claro – disse Zeke.

– O que quero dizer é... – continuou T'Challa. – Se tivermos problemas, deixem que eu resolva. Não quero que vocês se machuquem. Se eu disser para correr, quero que vocês *corram*, certo?

Zeke e Sheila se olharam fixamente.

– T'Challa – disse a garota. – Você já deve saber, depois da última vez, que estamos nessa juntos. Nunca o abandonaríamos no meio do perigo. Se ficar muito ruim, *todos* nós vamos sair correndo de lá. Certo, Zeke?

Zeke cruzou os braços sobre o peito.

– Wakanda para sempre! – disse ele.

T'Challa sorriu, percebendo que tinha dois dos melhores amigos que alguém poderia desejar.

– Vamos em frente – disse Zeke.

T'Challa olhou para o amigo. Estava orgulhoso dele. Mesmo depois do que Zeke passara, ele ainda estava disposto a rumar para o desconhecido. T'Challa prometeu a si mesmo mais uma vez que o manteria seguro.

Lá fora, T'Challa olhou para cima e estudou o sol. Solstício de verão. Solstitium. Tempo de renascimento. Ele pensou em seus ancestrais, nas cinco tribos de Wakanda. Eles contemplaram aquele mesmo sol há milhares de anos.

– Ancestrais, me deem forças – disse ele calmamente. – Bast me proteja.

O sol estava forte quando eles chegaram ao Parque Vulcano, que já estava cheio de turistas matutinos. Eles se dirigiram para a

cordilheira no mesmo instante. Zeke balançou a cabeça enquanto caminhavam.

– O que foi? – perguntou T'Challa.

– Não consigo me lembrar de nada – disse Zeke, frustrado. – Quero dizer… como eu vim parar aqui?

– Esperamos encontrar respostas – disse Sheila.

Infelizmente, pensou T'Challa, o otimismo dela não pareceu muito convincente.

Zeke colocou a mochila nos ombros. Ele gemeu.

– Ei, Sheila. Você não disse que iríamos embarcar em outra aventura quando nos convidou para o Alabama.

Sheila bufou.

– Hã, não foi ideia minha.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Zeke.

– Exatamente o que eu disse. Você não foi o primeiro a falar sobre as férias de verão, já que sabia que minha vó estava aqui?

– Não – disse Zeke.

Sheila enxugou o suor da testa. Ela fez uma pausa e interrompeu a marcha.

– Sério? O Alabama não foi ideia minha. Foi sua, T'Challa?

T'Challa sentiu um zumbido de apreensão rodeá-los.

– Não – disse ele. – Eu me lembro das videochamadas, mas não me lembro de quem sugeriu a viagem.

– Isso é estranho – disse Zeke.

O grito de um falcão soou acima. T'Challa já conseguia ver a entrada da caverna, não muito adiante. Uma névoa de calor pairava ao redor da entrada.

– Então – disse T'Challa. – Estamos todos dizendo que nenhum de nós teve a ideia de vir para cá?

– Se não foi nenhum de nós – disse Zeke, com cautela. – Então quem foi?

Todos sabiam a resposta, mas nenhum deles falou em voz alta.

– Sonhos – disse T'Challa. – Nós sabemos que Achebe esteve em meus sonhos. Ele deve ter estado nos de vocês, também.

– Mas não me lembro de Achebe em nenhum dos meus sonhos – retrucou Sheila.

– Eu também não – disse Zeke.

T’Challa balançou a cabeça.

– Talvez ele quisesse assim. Talvez só esteja em meus sonhos agora para que eu…

– Pra quê? – perguntou Sheila.

– É só isso – respondeu T’Challa. – Não sei o que ele quer.

T’Challa fez uma pausa em seu pensamento. Havia algo que ele nunca tinha considerado. Com toda a conversa sobre quão maligno era o *Livro dos Malditos*, ele nunca pensou no que fariam com ele uma vez que o conseguissem. *Se* o conseguissem. Como poderiam destruí-lo? A pesquisa dissera que ele fora escrito em pergaminho indestrutível. Com aquele pensamento melancólico, eles apertaram o passo novamente e continuaram avançando.

Poucos minutos depois, chegaram à entrada da caverna. O ar que saía era frio. T’Challa se virou para seus amigos e deu a eles um sorriso amarelo.

– Fiquem alertas.

A luz do dia se transformou na mais profunda noite quando eles entraram na caverna. T’Challa usou uma conta Kimoyo para iluminar. Zeke e Sheila apontaram suas lanternas para o chão.

– Está frio aqui – disse Zeke.

– Esquecemos de trazer casacos – disse Sheila.

– Agora não dá para fazer nada quanto a isso – disse T’Challa.

Eles caminharam em silêncio por um tempo, e T’Challa pensou no que Sheila dissera, que não fora ela quem planejou a viagem. Ele não queria imaginar o pior, que Achebe tivesse atraído os três para o Alabama de alguma forma, mas precisava levar aquilo em conta. De que outra forma poderia ter acontecido?

T’Challa manteve os olhos e ouvidos atentos para qualquer movimento brusco. Ele fez os dois amigos pararem. Achebe era perigoso, não havia dúvidas quanto a isso. Precisava proteger a si e aos outros dois, e só havia uma maneira de fazer aquilo.

– Só um minuto – disse ele.

Ele tirou a bolsa do ombro e a colocou no chão úmido.

Sheila franziu o cenho.

– Você vai sujar essa bolsa bonita com lama.

T’Challa abriu o zíper da bolsa.

– Tê? – perguntou Zeke. – O que você está fazendo?

Dentro da bolsa, dobrado em um quadrado perfeito, havia um pedaço de tecido. T'Challa o puxou com um ar de reverência.

Os olhos de Zeke brilharam.

– Uau – disse Sheila, apontando a lanterna para o traje de cima a baixo. – É o mesmo de antes?

T'Challa deixou o tecido se desdobrar, e ele caiu em cascata até seus pés como uma onda de seda preta.

– Sim, mas é mais leve. Minha irmã, Shuri, sugeriu alguns ajustes.

– Shuri? – perguntou Zeke, ajeitando os óculos no rosto. – Ela não é só uma criança?

T'Challa sorriu.

– Bem, se crianças pequenas entendem o conceito da teoria das cordas e sabem escrever código, então sim, ela é só uma criança.

– Uau – disse Zeke. – Ela é tipo uma mini Sheila.

– Espero que ela possa conhecê-los um dia. Sei que ela iria adorar você, Sheila.

Sheila sorriu.

– Ficaria feliz em conhecer a princesa Shuri.

– Um segundo – disse T'Challa, enquanto corria alguns passos curtos para um canto escuro. Ele manuseava o traje com cuidado, como se fosse um gatinho recém-nascido ou um ovo que pudesse quebrar facilmente. Tirou as roupas e as colocou na sacola para pegá-las mais tarde. *Assim espero*, pensou ele, de repente.

T'Challa vestiu o traje. Sentiu-se como se tivesse acabado de deslizar para dentro de um frasco de tinta preta luxuosa. O que pareciam estrelas cintilantes brilhavam dentro do tecido de malha de vibranium. Era mais forte do que uma cota de malha e tinha uma fração de seu peso. Ele percebeu como era bom vesti-lo novamente. Se encaixava perfeitamente em seu corpo, mas também dava espaço para se mover livremente.

Aquele traje não tinha uma máscara, como o de seu pai, mas tinha milhares de módulos de vibranium embutidos no tecido, que, uma vez em contato com a pele, dava a seu usuário proteção extra e um maior senso de alerta. T'Challa esticou o pescoço em um círculo e saltou na ponta dos pés algumas vezes. Socou o ar e correu no lugar por vinte segundos. As nanitas monitoravam seu pulso, frequência cardíaca e respiração. Ele se sentiu capaz de

correr mais de cem quilômetros. Qualquer golpe ou dano que sofresse enquanto vestia o traje seria absorvido pelo material e redirecionado como energia cinética de volta ao oponente.

T’Challa soltou um suspiro.

– Vamos lá – disse ele.

# CAPÍTULO
# VINTE E QUATRO

– Aí sim! – disse Zeke.

T’Challa se sentiu constrangido em seu traje por um breve momento, mas a sensação sumiu rapidamente.

– Parece ótimo – disse Sheila.

– Só estou usando isso para o caso de termos problemas – disse T’Challa aos amigos. – Não é por diversão.

– Gostaria de ter um traje – reclamou Zeke.

T’Challa teria dado risada, se a situação em que estavam não fosse tão ruim. Ele teve uma súbita lembrança de Zeke no ano anterior, quando vestiu uma fantasia feita em casa e disse se chamar Raio Vermelho quando os três estavam em sua missão. Daquela vez, T’Challa notou que a roupa de Zeke era diferente. Sua camiseta dizia: NERDS PRETOS, UNI-VOS.

– Sigam-me – disse T’Challa.

Ele liderou o caminho, com todos os sentidos em alerta máximo. Sua visão, audição e até mesmo a percepção do cheiro úmido e mofado da caverna aumentaram. *Preciso encontrá-los*, pensou ele. *O sr. McGuire e Mika. Todos. Preciso encontrá-los.*

– Vocês sabem como é possível lembrar da diferença entre estalactites e estalagmites?

– Não – disse Sheila, que com certeza sabia. – Por favor, nos explique.

– Bem – disse Zeke. – Eu costumo pensar na palavra estalactite como “estalacteto,” porque ela fica no teto das cavernas. E estalagmite eu troco para “estalagmato,” porque fica no chão, como mato.

– Fascinante – disse Sheila.

Os passos de T’Challa eram silenciosos, absorvidos pelo solo sob seus pés. Um som de clique provocou seus sentidos.

– O que foi isso? – perguntou ele, fazendo uma pausa.

– O que foi o quê? – perguntou Zeke olhando ao redor, nervoso.

– Um som de clique – disse T’Challa. – Foi meio agudo.

– Não ouvi nada – disse Zeke.

– Deve ser o traje – observou T’Challa. – Captando os menores ruídos.

Sheila apontou a lanterna para os cantos escuros.

– Lá estão os culpados – disse ela.

T’Challa olhou para cima.

– É um bando de morcegos! – resmungou Zeke.

– Shh! – Sheila sussurrou alto. – O nome correto é colônia. É uma colônia de morcegos. Quando estão em voo, podem ser uma revoada ou uma nuvem.

– Humpf – disse Zeke, impressionado. – Uma nuvem de morcegos. Posso aproveitar essa ideia para uma história em quadrinhos algum dia.

– Os morcegos usam sons de alta frequência para comunicação – continuou Sheila. – Os humanos normalmente não conseguem ouvir.

– A menos que você seja o incrível Pantera Negra – disse Zeke, um pouco alto demais.

– *Ainda* não sou o Pantera Negra – corrigiu T’Challa. – Meu pai que é. Um dia, pode ser que eu seja capaz de usar o manto.

– *Manto* – repetiu Zeke. – Por que chamam de manto, e não de traje?

T’Challa fez uma pausa.

– Essa é uma boa pergunta, Zeke. Imagino que há muito tempo os Panteras Negras de antigamente utilizassem um manto, e ele fosse passado de geração em geração. Ou talvez antigamente a palavra *manto* fosse mais popular do que a palavra *traje*. Eu não sei.

– Interessante – disse Sheila.

T’Challa reparou no bom humor de Zeke. Talvez fosse apenas uma defesa contra o medo. O nervoso que precisava ser direcionado para longe da situação de mau agouro em que se encontravam.

– Bem – disse Zeke, apreensivo. – É melhor tomar cuidado, de qualquer jeito. Não quero ser mordido.

– Está tudo bem – disse Sheila. – Morcegos não atacam pessoas.

– Ah,é? – rebateu Zeke.– Você já viu aquele filme *Morcegos Zumbis*?

A garota apontou a lanterna para Zeke, que protegeu os olhos com as mãos.

– Certo. Aquilo é só um filme. Não existe uma classificação de morcegos zumbis.

– Tá bom – disse T'Challa. – Já chega…

O que parecia ser uma gargalhada abafada ecoou ao redor deles.

T'Challa assumiu uma postura defensiva no mesmo instante. Ele olhou ao redor, vasculhando a caverna escura. Zeke e Sheila ficaram imóveis como estátuas.

– Veio daqui – disse T'Challa, apontando para a direita. – Vamos. Sigam-me.

Eles pararam. Zeke olhou para o amigo.

– Deixa eu ver se entendi direito. Estamos caminhando na direção de uma gargalhada maluca?

– Foi para isso que viemos aqui, Zeke – respondeu T'Challa. – Nós *estamos* caminhando na direção dela.

– Isso – disse Sheila. – Agora é tarde demais para voltarmos.

Zeke e Sheila ficaram atrás de T'Challa enquanto ele liderava o caminho mais uma vez. A passagem ficou tão estreita que eles tiveram que andar em fila única. T'Challa na frente e Sheila na retaguarda. Mal havia espaço o bastante para esticar os braços para os lados sem tocar nas paredes úmidas.

– Alguma coisa aqui parece familiar, Zeke? – perguntou T'Challa, sua voz ecoando.

– Não. Nada.

– Ai! – gritou Sheila, agitando a mão furiosamente diante do rosto.

T'Challa se virou rapidamente, pronto para atacar.

– Estou bem – disse Sheila. – Parecia que tinha alguma coisa no meu cabelo.

– Morcego zumbi – disse Zeke.

T'Challa se virou e continuou andando. Sentia-se seguro com o traje e desejou que seus amigos também tivessem algum tipo de

proteção. *Esse é o meu papel*, percebeu ele, de repente. Ele era o protetor dos amigos. Era dever dele manter os dois seguros. Era o que os super-heróis faziam.

Conforme continuavam, tudo o que T'Challa ouvia eram os passos de seus amigos e o gotejar constante de água do teto da caverna.

– T'Challa – chamou Zeke, de repente. – Onde você está?

– Bem aqui – disse ele, virando-se.

Zeke balançou a cabeça.

– Uau. Você estava apenas alguns passos à nossa frente e eu não conseguia te ver!

– É o traje – disse T'Challa. – Os recursos de Furtividade dele ajudam a me integrar em qualquer ambiente.

– Incrível – disse Sheila.

Depois de mais alguns minutos, um tom mais claro de preto surgiu diante deles.

– Tem alguma coisa acontecendo aqui – sussurrou T'Challa.

Decerto, o túnel se expandiu para uma área cavernosa com uma terra fina avermelhada e algumas rochas grandes. Os restos enferrujados de vários carrinhos de mineração estavam empilhados contra uma parede e espalhados pelo chão, seus pedaços lembrando alguma fera mecânica esquecida.

T'Challa contornou o maquinário quebrado com cuidado.

Ele congelou.

– Pessoal – disse ele.

Zeke e Sheila o alcançaram.

– Essa… terra – disse ele, apontando. – É vermelha.

– E é mais fina – disse a garota. – Mais parecida com areia, agora.

– "Onde a areia corre como sangue" – sussurrou T'Challa.

Sheila olhou para o amigo, a silhueta dele quase invisível no escuro.

– Então é isso. Aqui é o lugar onde Achebe disse que o encontraria.

T'Challa olhou ao redor da caverna, procurando, seus olhos observando cada canto.

– Bem – gabou-se ele. – Então que venha.

Zeke deu ao amigo um sorriso de aprovação, e perguntou:

– Por que aqui? O que esse lugar tem de tão especial?

Mas não obteve resposta.

– O que foi isso? – disse Sheila.

Pequenas luzes bruxuleantes ondulavam com uma brisa imperceptível vários metros à frente deles. A princípio, T'Challa pensou que fossem vaga-lumes, mas quando se aproximaram, pôde ver o que realmente eram: velas brancas e grossas presas em montes de terra avermelhada. Elas formavam um círculo ao redor de um pedestal preto de cerca de um metro de altura. E havia alguma coisa sobre ele.

– Já vi isso antes – disse T'Challa. – Nos meus sonhos.

*Abra-me*, ouviu ele dentro de sua cabeça. *Vire a página*.

– É *O Livro dos Malditos* – disse ele, com a voz sem emoção.

Zeke e Sheila se entreolharam, cautelosos.

T'Challa se sentiu puxado para a frente, um puxão ao qual não conseguia resistir.

– T'Challa – disse Sheila, com um tom de medo em sua voz geralmente confiante. – O que você está fazendo?

*Venha*, chamou a voz na cabeça de T'Challa. *Abra-me. Vire a página.*

Naquele momento, tudo pareceu desmoronar para T'Challa. A caverna, seus amigos, tudo. O livro o estava chamando. Ele tinha que atender.

Ele sentiu suas entranhas se revirando, um desejo como ele nunca sentira antes, um ímã que o atraía cada vez mais para perto…

Ele deu um passo à frente.

E outro.

– T'Challa! – gritou Zeke. – Não toque nisso!

Mas ele tocou.

# CAPÍTULO
# VINTE E CINCO

T’Challa parou diante do pedestal e olhou para o livro. Assim como em seu sonho, a capa mostrava vários rostos em agonia… gritos silenciosos dos condenados.

*Abra-me*. *Vire a página*.

Lentamente, como se estivesse prestes a tocar em uma cobra peçonhenta, T’Challa estendeu a mão esquerda. Os rostos atormentados se contorceram e retorceram, como se tentassem se libertar.

– T’Challa – sussurrou Zeke, sua voz em tom de aviso.

T’Challa tocou na capa.

Ele esperava que algo acontecesse. Que relâmpagos caíssem do teto, o chão se abrisse ou qualquer tipo de catástrofe. Mas tudo estava em silêncio, exceto pelo sangue circulando em suas têmporas. Zeke e Sheila suspiraram de alívio e se arrastaram para o lado dele.

O livro era de um tom cinza férreo e frio ao toque, tão profundamente frio que era quase quente. Os símbolos que Mika desenhara estavam claramente gravados na superfície: estrela, lua e corrente partida. Mas naquele momento T’Challa via outro símbolo, que só poderia ser descrito como um inseto de várias pernas. Palavras estavam queimadas na superfície, as letras vermelhas e ardentes. Ele olhou mais de perto.

– Está em xhosa! – disse ele. – As palavras estão na língua do meu país!

Sheila olhou por cima do ombro de T’Challa. Ela inclinou a cabeça.

– Não. Não estão. Do que é que você está falando? Estão em inglês.

– Sim – disse Zeke. – Também estou vendo em inglês.

T'Challa passou o dedo pela capa. As palavras claramente estavam escritas em xhosa.

– "Abandonai toda a esperança, vós que entrais" – leu ele.

– Que bom! – disse Zeke. – Parece algo normal.

– É da *Divina Comédia* – explicou Sheila. – "Inferno", *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*.

– Exibida – disse Zeke. – Como pode estar em idiomas diferentes?

– Porque o livro mostra aos leitores o que eles querem ver – gritou uma voz.

E não era de nenhum deles.

O trio se virou.

A sombra de Achebe surgiu diante deles, uma figura imponente que se espalhava ao longo da parede da caverna como uma rachadura de tecido negro. Mas ele não parecia mais um acrobata. Estava vestido com uma longa túnica vermelha com bordas douradas e segurava algo nas mãos, que T'Challa não conseguia ver o que era. Achebe parou a quase dez metros em frente a eles.

– Onde está ele? – desafiou Sheila. – Onde está o sr. McGuire?

– E Mika e os outros – disse Zeke.

O sorriso do Gato de Cheshire de Achebe pousou em Zeke.

– Ah, aí está você. Zeke, não é? Sabia que voltaria.

T'Challa inclinou a cabeça, curioso.

– Então foi você *mesmo* me trouxe aqui – disse Zeke. – Por quê? E por que me deixou ir embora?

– De que outra forma eu poderia ter certeza de que você voltaria? – disse Achebe, presunçoso. – Com seu amigo… principesco, é claro.

– Onde eles estão? – disse T'Challa, fazendo o possível para se concentrar e não cair no joguinho de Achebe. – O que fez com eles?

Achebe ergueu a mão esquerda e começou a falar. E foi aí que T'Challa viu o que era que ele segurava. Era um fantoche de mão parecido com Achebe, vestindo o mesmo manto vermelho e dourado. As semelhanças, até mesmo no sorriso louco do homem, eram surpreendentes.

– Você escutou isso, Daki? – disse Achebe. – Ele quer saber onde estão as minhas almas.

*Daki*, pensou T'Challa. *Zeke mencionou algo sobre alguém chamado Daki. Um fantoche?*

T'Challa semicerrou os olhos e estudou Achebe e o estranho fantoche. Lembrou-se da pesquisa que tinham feito um tempo antes. Dizia que Achebe era inteligente e talentoso, mas que sua personalidade estava marcada pela loucura.

O olhar de Achebe se voltou para T'Challa.

– Eu sabia que você viria. Assim como seu pai, o poderoso Pantera Negra. Simplesmente incapaz de não se envolver, não é? Ele alguma vez lhe contou que eu quase o derrubei em um golpe?

T'Challa não respondeu, mas Zeke tinha sua própria opinião para compartilhar:

– Ah, claro. Ele teria chutado a sua…

– É verdade – interrompeu Achebe. – Estou surpreso que não conheça mais sobre a história de seu país, T'Challa.

– Tire o nome dele da sua boca – sussurrou Sheila.

T'Challa não tinha tempo para aulas de história. Ele teria que investigar aquilo mais tarde. Naquele instante, a ameaça estava ali, bem diante dele. Ele cerrou os punhos. Era realmente possível escutar o material do traje se esticando enquanto o fazia.

– Como você entrou na minha cabeça? – perguntou Zeke. – Como me fez vir aqui na outra noite?

Achebe fez uma cara de inocente, o que parecia difícil, considerando seu sorriso louco.

– Não fui só eu. Tive uma ajudinha.

Como se fosse uma deixa, uma forma emergiu da escuridão ao redor. T'Challa ficou tenso e de prontidão. A figura veio à tona. Seu rosto era mortalmente pálido, e uma mecha rebelde de cabelos negros se erguia em sua cabeça.

– Por favor, conheçam um amigo meu – anunciou Achebe. – O nome dele é Pesadelo.

Uma memória repentina tomou a mente de T'Challa.

Ele vira aquele homem antes.

Era o mesmo homem com quem esbarrara depois de saírem do fliperama.

O mesmo homem que fizera o gesto de dormir com as mãos.

O Homem de Terno Verde.

Pesadelo baixou a cabeça em saudação, como se tudo aquilo fosse natural. Por um instante, T'Challa pensou ter visto os olhos do homem ficarem vermelhos.

– Você quer saber – começou Pesadelo – como eu entrei na sua cabeça, não é? – Seus olhos percorreram o trio de amigos. – Sabe o que costumam dizer, não? Os sonhos são as janelas da alma.

T'Challa tentou se lembrar de qualquer menção a uma criatura com o nome de Pesadelo, mas não conseguiu.

– Foi muito simples, na verdade – continuou ele. – Eu sou o Rei dos Sonhos, mas prefiro ser o Leviatã da Meia-Noite. Soa bem, não acha? Meu poder reside no estado não desperto. Ou, como alguns dizem, n'A Terra de Nod.

T'Challa notou que Pesadelo parecia estar aproveitando seu momento, como se tudo aquilo não passasse de algum tipo de jogo, e não uma questão de vida ou morte.

– Meu amigo aqui pediu um favor – continuou Pesadelo. – Entrar nos sonhos de três… crianças, e plantar uma sugestão. Para que viessem até aqui. Até o Alabama. – Ele ergueu as mãos como se estivesse oferecendo um prêmio, revelando vários anéis de prata. – Muito fácil, na verdade. Melzinho na chupeta.

Pesadelo deu alguns passos à frente. T'Challa recuou, com os joelhos flexionados e os punhos erguidos.

– Não há necessidade de lutar – disse Pesadelo. – Na verdade, eu abomino a violência. Prefiro atormentar através do poder dos sonhos. Como aquele em que eu disse para você vir até aqui, onde a areia corre como sangue.

T'Challa balançou a cabeça. Nada daquilo estava de acordo com o que ele imaginara.

– Sim, fui eu – continuou Pesadelo. – Eu coloquei aquela voz em sua cabeça.

Achebe encolheu os ombros magros e olhou para T'Challa.

– Você não achou que tinha sido *eu*, não é? – perguntou ele, com falsa sinceridade. – Reconheço que sou poderoso, mas não sou forte o bastante para plantar vozes em sua cabeça. Meu poder está na hipnose e em outras… habilidades necessárias.

– E quanto ao seu rosto? – perguntou T'Challa. – Foi o seu rosto que eu vi nos meus sonhos.

Pesadelo fez um pequeno gesto para ele, chamando a atenção de volta para si.

– Tudo eu – disse ele.

– O prefeito – gritou Sheila. – O prefeito Toodle. Por que você… o possuiu?

Pesadelo olhou para Achebe.

– Não olhe para mim – disse o último.

Pesadelo olhou de volta para os três amigos.

– Toodle? Que raio de nome é esse? Não faço ideia do que você está falando.

T'Challa tentou se concentrar. *Se não foi Achebe nem Pesadelo que possuiu o prefeito Toodle, quem foi? E quanto a Mika?*

– Tudo o que meu amigo pediu em troca foi que eu usasse meus poderes para lhe trazer uma recompensa. Uma recompensa na forma de almas, de pessoas dispostas a devotar suas vidas a uma causa maior. Vocês poderiam chamá-las de almas ascendentes.

Pesadelo se curvou dramaticamente.

– Cativante, né? – disse Achebe. – Almas Ascendentes. – Ele deu uma risadinha. – Tão óbvio.

*Preciso de almas dispostas*, lembrou-se T'Challa, *a devotar suas vidas a uma causa maior.* Ele sentiu um desconforto no estômago. Achebe estivera brincando com eles o tempo todo.

– Ele vai se banquetear com os sonhos delas – disse Achebe suavemente, mas com a voz cheia de ameaça. – Ah, os horrores que as aguardam!

T'Challa estremeceu. Eles tinham sido levados até lá por meio de magia sombria. Pesadelo entrara em suas mentes. E lá estava ele, com Zeke e Sheila, enfrentando dois dos inimigos mais perigosos que se podia imaginar.

– Elas não estavam dispostas – disse T'Challa, em desafio. – São pessoas inocentes. Onde estão elas?

– Ninguém é realmente inocente – disse Achebe. – Você quer ver seus amigos? Então veja. Eles estão ali. Como pode não os ter visto? Não viu os rostos deles?

T’Challa seguiu o dedo de Achebe, que estava apontando para o livro. *O Livro dos Malditos.*

– Mostre a eles – disse Achebe, em sua voz de Daki, um grito agudo que fez as costas de T’Challa se arrepiarem. – Isso, mostre a eles!

Achebe virou o fantoche para encará-lo.

– Não seja tão dramático! O que eu disse a você sobre se intrometer?

Achebe realmente andou em círculo e usou sua voz de Daki para responder:

– Quem é você para me dizer o que fazer? Eu estou no comando aqui, idiota!

Achebe bateu no fantoche com a mão livre.

– Cale-se! Chega de bobagens!

Pesadelo uivou uma risada.T’Challa recuou. Não era engraçado. Era perturbador.

– Era com ele que Achebe estava discutindo quando eu fui trazido para cá – sussurrou Zeke. – Aquele fantoche esquisito.

T’Challa se virou para o livro, continuando atento a qualquer movimento brusco de Achebe. Zeke e Sheila seguiram seu exemplo. Ele olhou para a capa e piscou.

Não era possível.

– Não – disse ele, enquanto os rostos do sr. McGuire e de Mika apareciam, junto com outros. Suas feições distorcidas como se estivessem em um espelho deformado. – Não!

Mas também havia um novo rosto. Um que ele não esperava.

Sheila estendeu a mão, trêmula.

– Vovó? – chamou ela, com a voz falhando. – Vovó Rose!

Sheila se virou, seu rosto uma máscara raivosa.

– Deixe-a sair – gritou ela, se aproximando de Achebe. – Pare com isso!

– Tarde demais – disse Daki. – Tarde demais! Tarde demais! Tarde demais!

Achebe largou o fantoche no chão e se abaixou para pegar um punhado de areia avermelhada.

– Onde a areia corre como sangue – disse ele. – Você sabia que, certa vez, chamaram essa terra de Cinturão Negro, por causa de

seu rico solo escuro? Mas há outro elemento que me trouxe aqui. Um dos únicos componentes nesta terra com idade suficiente para ser usado neste ritual.

Ele deixou a areia vermelha cair de suas mãos para pousar na bainha de seu manto.

– É minério de ferro. Com bilhões de anos de idade, e um ingrediente vital no processo de transferência de alma.

T'Challa engoliu em seco.

*Transferência de alma.*

– Eu busco uma conexão divina entre a alma humana e o universo – continuou Achebe. – É tudo o que peço.

T'Challa pensou no símbolo do Homem Vitruviano e sua referência à alma.

– Mas não é uma alma qualquer que procuro – disse Achebe. – Desejo uma poderosa. Uma forte o bastante para derrotar os mais bravos oponentes, até o próprio Pantera Negra.

Achebe começou a se mover na direção de T'Challa, como uma serpente preparando o bote.

– Mas primeiro – disse ele. – Há algo de que preciso. Algo muito importante.

T'Challa se inclinou para a frente, prevendo um ataque.

– O quê? – perguntou ele.

– Seu sangue! – Achebe gritou e saltou para cima de T'Challa.

# CAPÍTULO
# VINTE E SEIS

Achebe parecia uma bola de borracha dura que acabara de ser lançada. Seus longos braços e pernas pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e T'Challa sofria para acertar um golpe.

Achebe agarrou T'Challa com força em um abraço de urso e chocou sua testa contra a dele. T'Challa caiu para trás, atordoado. Ele se sentiu como se tivesse sido atingido por uma pilha de tijolos. Zeke e Sheila estavam prontos para ajudar, procurando uma abertura, mas as duas figuras estavam tão engalfinhadas que eles não tiveram chance. Pesadelo estava nas sombras, socando o ar em uma exibição simulada.

T'Challa se levantou e atacou com o pé direito, girando o corpo para trás em um chute mortal. Achebe levou o golpe no queixo, mas aquilo não o deteve. Em vez disso, ele enfiou a mão no manto. T'Challa viu o brilho prateado do aço no escuro. Uma adaga longa e curva com pedras preciosas embutidas no cabo estava na mão direita do acrobata.

T'Challa cerrou o punho esquerdo e depois o abriu novamente. Cinco garras com ponta de vibranium saltaram de seus dedos enluvados, com as pontas de metal reluzindo.

– Uma gota – disse Achebe, jogando a lâmina de uma mão para a outra. – Uma gota de sangue real não é pedir muito, não é mesmo?

*Sangue?* Pensou T'Challa, sua mente pensando em mil coisas. *O que ele quer com o meu sangue?*

O jovem contornou Achebe, que de repente voltou a usar a voz aguda de Daki:

– Uma gota de sangue vai libertar a minha alma. Liberte a minha alma. Liberte a minha *ALMA*!

Achebe saltou no ar como se tivesse molas nas botas. Ele desceu com força, perto de T'Challa, e brandiu a faca na direção da barriga do garoto, que recuou bem a tempo. Ele chegou a sentir o ar deslocado pelo golpe. Mas seu oponente errara. Daquela vez.

– Muito bom – disse Achebe, dançando ao redor de T'Challa. – Você é rápido. Mas é rápido o bastante?

O vilão subiu rapidamente por uma pilha de pedras altas à sua direita e, em seguida, usando suas habilidades acrobáticas, se enrolou em uma bola e se jogou na direção de T'Challa, caindo de pé no último segundo.

T'Challa, surpreso com a rapidez do movimento de seu oponente, tropeçou para trás, mas não antes de ser atingido no queixo por um golpe da mão esquerda de Achebe.

Ele levou a mão instintivamente à boca.

Ela saiu escorregadia de sangue.

– Ah – sussurrou Achebe, esfregando os dedos. – Agora eu o tenho. O… sangue!

A atenção de T'Challa foi atraída para longe quando um borrão surgiu em sua visão periférica. Era Sheila.

Sem nem ao menos hesitar, ela correu e estendeu a mão para o livro.

– Essas almas são minhas! – gritou Pesadelo, de repente, correndo na direção de seu prêmio.

Mas Sheila foi mais rápida.

Ela pegou o livro.

– Aaaai! – gritou ela, jogando-o no chão. – Queima!

Zeke correu para o lado dela e tentou recuperar o livro, mas teve o mesmo destino. Ele se afastou, agarrando a mão de dor.

T'Challa ainda lutava contra Achebe quando Pesadelo falou com Zeke e Sheila.

– Crianças – disse ele, calmamente, como se não estivesse acontecendo uma batalha de vida e morte a passos de distância. – Vocês devem mostrar respeito antes de tocar em um talismã tão valioso.

Ele se abaixou e pegou o livro. Por um momento, nada aconteceu.

– Vejam – disse Pesadelo. – Muito simples.

Mas então…

Uma luz brilhou nos olhos de Pesadelo. Lentamente, como água passando sobre uma rocha, uma miríade de rachaduras começou a se formar em seu rosto. Zeke e Sheila deram um passo para trás.

Pesadelo tocou sua bochecha.

– Não – disse ele, largando o livro. – Não!

Ele gritou, depois caiu no chão.

Achebe e T'Challa rodeavam um ao outro. *Por que eles não podem tocar no livro?* Pensou o jovem príncipe enquanto a loucura e o caos giravam ao redor dele. *Eu toquei. Por que eles não conseguem?*

T'Challa se moveu para a esquerda, e Achebe também. Então ele girou para a direita, e seu oponente o acompanhou. Ele estava imitando seus movimentos. Como poderia antecipar os movimentos de T'Challa tão rapidamente? Era como olhar uma pura imagem refletida de si mesmo.

T'Challa fintou para a direita e depois se moveu rapidamente para a esquerda. Ele atacou, mas Achebe se abaixou quando as garras do traje de pantera arranharam a parede áspera da caverna, lançando uma chuva de faíscas.

Achebe riu e se lançou sobre ele, com a adaga erguida, mas T'Challa se abaixou, girou e deu uma rasteira em Achebe, que caiu atingindo o solo e levantando uma nuvem de poeira vermelha.

T'Challa mergulhou sobre a figura caída e de alguma forma conseguiu agarrar e torcer o pulso de seu oponente, fazendo-o gritar de dor e soltar a adaga.

Achebe lutou contra o peso de T'Challa, tentando se libertar com seus braços fortes e esguios, mas o jovem o imobilizou em uma manobra de luta livre, com um braço em volta do pescoço do acrobata e o outro segurando os joelhos do homem. Mas o wakandano não tinha muita certeza do que fazer a seguir. Ele relaxou por um momento, prestes a dar a Achebe uma chance de se render, mas aquilo foi um erro fatal. Tudo o que o homem precisou para escapar da imobilização de T'Challa foi um pequeno alívio da pressão. Achebe empurrou o jovem e se levantou rapidamente.

Usando o choque de T'Challa a seu favor, Achebe saltou na direção onde o *Livro dos Malditos* fora colocado.

– O sangue! – gritou ele, como um demônio. – O sangue real!

Zeke, vendo o que estava prestes a acontecer, correu na direção do acrobata.

– Não! – gritou Zeke. – Wakanda para…

– Solstitium – sussurrou Achebe, e Zeke desabou no chão. Sheila correu para o lado do amigo.

Achebe ergueu os braços no ar e se lançou na direção do livro.

Como se estivesse em câmera lenta,T'Challa observou enquanto o longo braço estendido de seu oponente manchava a capa do *Livro dos Malditos* com seu sangue.

– Não! – gritou Sheila.

Uma coluna de chamas roxas e vermelhas disparou do tomo e queimou o teto da caverna. As estalactites chiaram e derreteram, transformando-se em torrentes de rocha e água. O minério de ferro ao redor do pedestal se inflamou como em uma fornalha e lançou labaredas para o ar. O chão tremeu.T'Challa sentia como se as placas tectônicas da Terra estivessem se movendo sob seus pés.

– Aaaaah! – gritou Achebe, mas T'Challa não sabia se era de satisfação ou de dor.

Achebe ergueu os dois braços para o céu.

– Oh, Livro dos Pecados! – gritou ele. – *Livro dos Malditos*, Pergaminho de Chthon! Retire a alma da jovem pantera de seu corpo e entregue-a para mim!

Uma luz vermelha começou a surgir na espinha do tomo negro, como se uma lâmina de fogo estivesse rastejando ao longo das bordas. A capa se abriu e as páginas se agitaram quando uma terrível rajada de ar sulfuroso encheu a caverna.

T'Challa sentiu como se seus pulmões fossem explodir com a fumaça acre.

A chama que irrompia do minério de ferro girou e se dobrou sobre si mesma. Azul, roxo, vermelho e dourado, girando como lava. As chamas de repente pareceram se transformar em uma figura, que rapidamente se constituiu.

T'Challa recuou com o que viu.

Era tão alto quanto um homem, envolto em uma nuvem de chamas e fumaça. Havia apenas a impressão de um rosto humano, mas a boca era visível, um profundo abismo de vermelho ardente.

– Eu sou o Outro – uma voz falou, e as paredes da caverna pareceram estremecer com seu poder.

*O Outro*, lembrou-se T'Challa, com temor. *Não. Não pode ser.*

Ele se lembrou do que tinham descoberto dias antes, durante a pesquisa.

*Chthon existe em uma dimensão alheia a este mundo e não pode assumir forma física na Terra. Em vez disso, usa uma entidade chamada "o Outro" para realizar seus desejos.*

*Estamos perdidos*, percebeu T'Challa. *Foi tudo em vão. Vamos morrer aqui, nessa caverna.*

Para seu espanto, Pesadelo se mexeu no chão e se levantou com as pernas trêmulas, seu rosto um mapa de ranhuras. Ele olhou para T'Challa, depois para Achebe, e saltou para o livro.

O Outro ergueu a mão e Pesadelo se ergueu no ar como se tivesse sido levantado por fios invisíveis. Ele se debateu e gritou, agitando os braços e pernas.

– Ele me prometeu! – gritou ele. – Essas almas são minhas! Eu preciso dos sonhos delas para me alimentar!

O demônio girou seu punho de fogo, e Pesadelo virou de cabeça para baixo, a cabeça voltada para o chão enquanto continuava gritando.

T'Challa assistiu tudo se desenrolando diante dele. Estava sem fôlego, e sua respiração vinha em impulsos.

– Fale! – disse o Outro a Achebe.

Achebe caiu de joelhos, tremendo.

– Sim, perdoe-me, ó grandioso. Eu… eu não queria perturbá-lo.

O Outro se moveu na direção do homem prostrado.

– Mas perturbou, tolo. Perturbou. Assim que o *Livro dos Malditos* foi aberto, eu fui invocado.

Achebe rastejou no chão, aparentemente tentando reunir suas palavras.

– Sim, sim. Agora eu vejo. É uma longa história, mas vou encurtá-la para o senhor, ó grandioso.

T'Challa sabia que não havia como recuperar o livro naquele momento. Aquele era um demônio das profundezas mais sombrias do universo.

Achebe continuou ajoelhado, se contorcendo. Esfregou as mãos quando começou a falar:

– Grande mestre. Veja, certa vez, há muito tempo, eu estava perto da morte. Mas Mefisto, um feiticeiro de grande poder, me trouxe de volta. Perdi minha alma na barganha, pois esse era o preço dele. Renunciar a minha alma para viver novamente.

*Mefisto*, pensou T'Challa. *Dizem que Achebe vendeu a alma a uma entidade chamada Mefisto em troca de poder.*

Um halo flamejante ao redor da cabeça do Outro brilhou intensamente, enchendo a caverna com tons de verde e vermelho. Sheila tinha conseguido despertar Zeke o suficiente para afastá-lo da batalha, e eles estavam encolhidos contra uma parede, paralisados de medo.

– Há um feitiço no *Livro dos Malditos* – continuou Achebe. – Um que dá ao invocador o poder de extrair uma alma humana. Ele só funcionará se for executado no mesmo dia em que foi escrito pela primeira vez, há muito, muito tempo. E hoje é esse dia, Mestre, o dia em que o sol para. O solstício. – O homem baixou a cabeça. – Isso é o que eu desejo.

Ele ergueu a cabeça e apontou para T'Challa.

– Lá está ele, o filho do poderoso Pantera Negra. Que melhor vingança do que tomar a alma de seu filho para mim? – Achebe abaixou novamente a cabeça em deferência.

*Vingança?* Pensou o garoto. *Do que ele está falando?*

Houve outra labareda da figura flamejante. T'Challa sentia o calor ondulando ao longo do ar. Uma estalactite restante derreteu e pingou no chão da caverna.

O Outro arrotou uma rajada de chamas roxas.

– Você ousa invocar Chthon! O Destruidor! Por isto?

Achebe abaixou ainda mais a cabeça.

– Sim, mestre. Por favor!

– Tolo! – sibilou o Outro.

Ele ergueu a mão flamejante e Achebe voou pela sala como se na verdade fosse uma marionete, batendo contra a parede da caverna.

– Por favor! – implorou o homem, levantando-se lentamente, seu manto antes limpo agora cortado e manchado de lama. – Conceda-me este único desejo!

– Sim – disse o Outro. – Concederei este desejo.

Os olhos enlouquecidos de Achebe se iluminaram.

– Mas não neste mundo – prometeu o Outro a ele.

E então, enquanto T'Challa observava, uma névoa vermelha se ergueu do tomo e percorreu um caminho serpenteante ao longo do chão. Avançou deslizando até alcançar a bainha do manto de Achebe. Mas não parou ali.

O Acrobata Louco olhou para baixo, o horror surgindo em seu rosto enquanto a névoa aumentava cada vez mais, subindo por seu braço e ombro.

– Não! – gritou ele na voz de Daki, um terrível som de lamento. – O que está acontecendo?

– Você está se tornando… – disse o outro – Uno com *O Livro dos Malditos*, o Livro de Shiatra.

A videira de névoa vermelha continuou a subir pelo braço do homem. Houve um solavanco repentino e Achebe caiu de cara no livro. E então o livro o consumiu. A marionete, jogada de lado, se retorceu e virou cinzas. T'Challa ouviu um último grito fraco de Achebe, e apenas o silêncio se seguiu.

Zeke gemeu quando a hipnose o abandonou, e Sheila ajudou-o a terminar de acordar, ambos com os rostos brilhantes de suor e as roupas arruinadas.

O Outro se virou para Pesadelo, que ainda balançava no ar.

– Não! – implorou Pesadelo. – Não me mate! Eu só fiz o que ele pediu!

O Outro ergueu os dois braços de fogo no ar e empurrou, enviando Pesadelo ao chão, onde ele desabou. T'Challa pensou que o homem estava morto, mas para sua surpresa, ele se levantou e correu para a saída da caverna.

O Outro se virou para encarar T'Challa.

T'Challa assumiu uma postura defensiva e estalou as garras, mas sabia que não havia nada que pudesse fazer para derrotar aquela criatura. Era um deus demoníaco de outro mundo.

O Outro não falou nada por um longo momento. Seu olhar se voltou para Zeke e Sheila, que se afastaram de sua aura brilhante.

– Os segredos do *Livro dos Malditos* não são para aqueles… fracos como Achebe – disse o Outro. – O tomo precisa de alguém

de mente e espírito fortes. Venha. Vire a página.

E foi então que T'Challa se tocou.

Não era Achebe quem o chamava. Achebe era um homem mortal com habilidades terrenas. Era Chthon quem o estava tentando. Chthon que possuíra Mika e o prefeito Toodle. T'Challa engoliu em seco.

– Não dê ouvidos a ele, T'Challa! – gritou Sheila.

O jovem olhou para seus amigos e depois de volta para o demônio flamejante.

– O tomo clama por aqueles que têm o poder de usá-lo – disse o Outro. – É mais poderoso do que o Necronomicon. Mais antigo que os oráculos de Zoroastro.Tudo o que sempre desejou está ao seu alcance. Pode destronar seu pai e tomar o poder! Eu exijo apenas… lealdade a mim.

T'Challa sentia uma atração, uma onda de energia, e se era por causa de sua própria vontade ou por algum poder sobrenatural do Outro, não sabia dizer.

Ele precisava tomar uma decisão. Seu pai sempre falava sobre sacrifício. Sacrifício era algo que os governantes tinham que fazer de vez em quando para manter seu povo seguro. Se ele podia salvar dona Rose e os outros, tinha que fazer aquilo, mesmo que custasse sua própria vida. Vinte e uma almas em troca de uma. Não parecia um acordo injusto.

– Solte-os – disse T'Challa, tomando o controle de seus pensamentos. – Liberte nossos amigos do livro e farei o que você diz.

– Não! – gritou Zeke. – Você não pode fazer isso, é muito perigoso!

O Outro estendeu a longa mão. Línguas de fogo percorriam seus dedos.

– Pegue a minha mão, Jovem Príncipe. Pegue a minha mão e caminhe comigo. Vou deixar seu povo ir, se é isso o que deseja. Eles não significam nada para mim. As almas que o tolo Achebe tomou serão libertadas e eu cuidarei dele… de outras maneiras. Venha. Abra o livro. Vire a página. Busque o poder e você se tornará um semideus na terra.

T’Challa hesitou. Perguntou-se por um momento se deveria pular e atacar a monstruosidade diante dele. Ele cerrou os punhos.

– Faça agora – disse T’Challa. – Liberte-os.

O Outro virou a cabeça na direção do *Livro dos Malditos*, que jazia no chão da caverna, ainda rodeado pela névoa vermelha. Ele virou as palmas das mãos para cima e sussurrou. As chamas dançaram em suas palmas. T’Challa não conseguiu entender as palavras. Elas eram de uma língua nunca ouvida nesta terra.

Zeke e Sheila vacilaram, como se as próprias palavras pudessem levá-los ao tormento e ao desespero.

– Está feito – disse o Outro.

– Onde eles estão? – exigiu Zeke, voltando a si. – Como sabemos que podemos confiar em você?

Os olhos flamejantes do Outro pousaram sobre Zeke, que tremeu e se virou.

Fiapos do que parecia fumaça começaram a saltar das páginas fechadas do livro, como se estivessem pegando fogo.

– Eles serão devolvidos a você como estavam – disse o Outro. – Não sofreram dano algum. Venha, Jovem Príncipe. Fizemos um pacto, você e eu.

– Não! – Zeke e Sheila gritaram ao mesmo tempo.

T’Challa olhou para seus amigos.

– Preciso ir. Fiz uma promessa e não vou quebrá-la.

Ele respirou fundo e deu um passo em direção ao Outro.

# CAPÍTULO
# VINTE E SETE

Escuridão. Por todos os lados. Um vazio sufocante que parecia a morte.

O vento rugia nos ouvidos de T'Challa, mas ele não via nenhum outro sinal de seus efeitos. Havia apenas o… nada.

O vazio.

T'Challa ergueu os olhos. Uma abóboda estrelada cintilava acima dele.

*Que lugar é esse?*

Ele não conseguia ver o chão sob seus pés, mas deu um passo cauteloso e pisou suavemente em terra firme. E então se lembrou de tudo.

Achebe e seu fantoche insano.

Zeke e Sheila tentando ajudar e sendo queimados por sua bravura.

Pesadelo pendurado no ar, indefeso.

Achebe espalhando o sangue de T'Challa no *Livro dos Malditos*.

E, o mais perturbador,T'Challa se oferecendo ao Outro em troca da liberdade de seus amigos e do povo de Beaumont.

Uma súbita rajada de vento agitou o ar diante dele. Era como se estivesse além do tempo e do espaço. *Chthon*, ele se lembrou. *Eu estou no reino de Chthon?*

– Sim – falou uma voz. Ela parecia vir de nenhum lugar e de todos os lugares ao mesmo tempo.

– *O Livro dos Malditos* está chamando, Jovem Pantera. Você é digno?

T'Challa estremeceu.

– Onde você está? – perguntou ele. – Quem é você?

– Eu sou O Que Mora Abaixo – respondeu a voz.

Foi então que T’Challa viu a origem da voz: um homem com uma capa esfarrapada, que surgiu ao longe, com o rosto oculto em um capuz profundo. A única coisa visível eram dois pontos em brasa no lugar dos olhos.

A figura se aproximou. Ela se movia como se um vento silencioso a impulsionasse para a frente. Mesmo que estivesse usando o traje Pantera, uma arma poderosa por si só, não havia como derrotar Chthon. Ele estava além da morte. Era a própria morte.

– É tudo o que você realmente deseja? – Chthon o tentou, já a apenas alguns passos de distância. – Libertar aquelas almas humanas lamentáveis das páginas do meu livro?

– Sim – disse T’Challa, evitando o olhar do demônio. – O que você quer? Eu prometi que viria.

T’Challa não conseguia distinguir o rosto de Chthon. Havia apenas o vazio naquela capa encapuzada. Vazio e sofrimento eterno.

– Venha – disse Chthon, levantando a mão. T’Challa viu que ela estava queimada, com rachaduras vermelhas e secas, assim como o rosto de Mika, quando a garota estava possuída. – Olhe e veja o que pode vir.

T’Challa ficou imóvel por um momento, imaginando o que estava prestes a acontecer. Uma luz brilhante ofuscou sua visão. Ele acenou com a mão diante do rosto. Uma miríade de imagens passou diante dele, como se estivesse olhando através de um caleidoscópio.

O jovem se viu de volta a Wakanda, mas não era um príncipe. Era o *Rei* T’Challa, sentado no Trono da Pantera, seus súditos curvados diante dele. Montes de joias, rubis e ouro empilhados a seus pés, em oferendas. As massas gritavam seu nome em louvor. T’Challa! T’Challa! T’Challa!

Ele se viu vestido com roupas cerimoniais, o colar de garras ao redor de seu pescoço, sua força de segurança particular, as Dora Milaje, ao seu lado, suas lanças afiadas prontas para serem usadas sob seu comando. A polícia secreta de Wakanda, os Hatut Zeraze, também estavam lá, com rostos duros e implacáveis.

Ele viu nações de todo mundo tremerem ante a menção de seu nome. Pantera Negra, Imperador de Wakanda.

Ele viu uma grande caravana de cidadãos fiéis, atravessando um deserto de areias ondulantes apenas para estar perto dele.

Viu até Zeke e Sheila sentados ao seu lado, vestidos com roupas wakandanas tradicionais.

Tudo aquilo foi vislumbrado em segundos. Seu destino. Tudo o que precisava fazer era estender a mão e… pegar.

– Posso dar a você a imortalidade – disse Chthon, quando a visão desvaneceu. – Você será um rei por toda a eternidade. Todo o poder que puder desejar estará ao seu alcance, se jurar lealdade a mim.

*Não*, pensou T'Challa, enquanto lutava com as imagens em sua cabeça. *Eu não quero isso.*

– Mas você quer – disse Chthon. – Todos desejamos o poder. É o grande equalizador.

A cabeça de T'Challa girava de dúvida e medo. Ele precisava voltar para Zeke e Sheila, mas como?

De repente, ele sentiu seu traje respondendo a… *algo*. Pequenos pulsos correram ao longo de seus braços e pernas, reagindo a outra presença próxima. Ele olhou para um lado e depois para o outro.

Foi então que viu.

Um tom mais escuro de preto surgiu atrás de Chthon. Dentro daquela forma, dois pontos de um azul brilhante reluziam. A imaginação de T'Challa preencheu o resto da forma, embora ela fosse sombria e quase transparente, como se ele estivesse vendo um fantasma: quatro patas fortes que pareciam ser esculpidas no mais escuro ébano. Uma cabeça enorme. Mandíbulas que pareciam capazes de partir uma pessoa ao meio.

E os olhos. Azul além do azul. Um azul mais profundo que o oceano e mais brilhante do que o céu claro. Olhos que viram o primeiro wakandano caminhar para fora das profundezas de uma floresta primordial.

*Bast*.

A Deusa Pantera.

Protetora do Clã da Pantera.

– Não pode ser – sussurrou T'Challa em voz alta.

– Venha – chamou Chthon. – Venha, meu príncipe.

*Não sou seu príncipe*, pensou o jovem.

O deus demoníaco estendeu o braço, que pareceu crescer em comprimento, como se fosse algum tipo de serpente, tentando-o. T'Challa precisou de cada grama de força de vontade para não fechar os olhos de medo.

*Bast*, sussurrou T'Challa em sua mente. *Venha em meu auxílio. Liberte-me deste pesadelo.*

– Venha – chamou novamente o deus demoníaco.

Um silêncio se instalou no lugar onde T'Challa se encontrava. Os olhos de Chthon foram de vermelho para verde, mudando diversas vezes, um camaleão em forma demoníaca.

– Ah – disse ele, virando a cabeça e farejando. – Alguém… alguma… *coisa*… está aqui… em meus domínios.

Uma luz brilhou na escuridão.T'Challa protegeu os olhos daquele poder puro. E no meio da luz, algo se revelou. Algo que estava lá na escuridão o tempo todo, mas que só naquele momento pôde ser visto.

Rostos.

Milhares de rostos fantasmagóricos pairavam no ar. Ele ouvia seus gritos e lamentos, sua angústia e desespero enquanto giravam ao redor dele. Estavam por toda parte, almas que pertenciam a Chthon. Presos ali para sempre.

T'Challa engoliu em seco. Aquele também teria sido seu destino, se confiasse na criatura.

*Corra, Jovem Pantera*, ouviu T'Challa dentro de sua cabeça. *Corra*.

A voz era feminina, forte e orgulhosa.

A voz de Bast.

T'Challa não esperou. Correu o mais rápido que pôde, passando pela figura encapuzada de Chthon e se afastando das almas que gritavam, para os tons mais profundos de preto que o aguardavam.

Ele correu e correu, sem saber para onde estava indo, sua única esperança de escapar da voz que continuava a gritar: *Corra, Jovem Pantera. Corra.*

Ele ouviu um rugido que o abalou profundamente, e então a escuridão veio.

# CAPÍTULO
# VINTE E OITO

T’Challa se sentiu caindo.

Foi como se tivesse corrido para a beirada de um grande precipício e saltado.

O vento soprava em seus ouvidos. Estrelas e luzes brilhavam diante de seus olhos. Ele estava em um vazio escuro, em um túnel sem fim…

Ele pensou que continuaria caindo para sempre, e esperava que aquele não fosse seu destino. Queria ver sua irmã novamente. Seus melhores amigos, Zeke e Sheila. Ele seria o Pantera Negra um dia, Rei de Wakanda, como seu pai antes dele… se passasse nos testes. Ninguém nunca falava sobre o assunto. Apenas presumiam que o filho do rei herdaria o manto. Mas T’Challa não queria que seu pai o favorecesse. Ele precisava provar a si mesmo e aos outros que era digno o bastante para governar o reino.

Muitos pensamentos passaram por sua mente:

A figura fantasmagórica de Bast…

Achebe engolido pelo *Livro dos Malditos*…

Chthon, um deus demoníaco que não pertence a esse mundo.

T’Challa fechou os olhos.

Ele viu, como se olhasse através de uma cortina de chuva, duas figuras engalfinhadas em combate. Uma era uma bola de chamas pretas e vermelhas que se transformou em uma criatura gigante humanoide. Sua oponente era uma poderosa pantera, com garras que cortavam e retalhavam.

*Istoéumsonho,ouestáacontecendodeverdade?*T’Challa se perguntou. *Existe um lugar em outro plano onde deuses antigos travam batalhas?*

– T’Challa! – Sheila e Zeke gritaram.

T’Challa rolou. Seus olhos focaram. Ainda estava escuro. A luz flamejante do Outro se fora. Ele não se lembrava de ter atingido o chão duro.

– O que aconteceu? – perguntou Sheila.

T’Challa balançou a cabeça. Por um longo tempo não soube onde estava. Tudo o que se lembrava era de cair, cair e cair.

– Eu não sei – disse ele, por fim. – Estava em um lugar… terrível, cheio de escuridão. – Zeke e Sheila olharam para ele, confusos.

O que mais ele deveria dizer aos dois? Ele se perguntou. Que Bast, a Deusa Pantera, dos mitos e lendas, interveio para salvá-lo? Que ele viu Chthon e Bast se enfrentando?

*Não*, pensou ele. *Essa história vai ter que esperar por outro momento.*

O reencontro do trio foi interrompido por vozes.

T’Challa se levantou num pulo.

– O que foi isso? – perguntou Zeke.

A resposta foi revelada quando vários vultos dobraram uma curva da caverna e surgiram diante deles.

– Para trás! – gritou T’Challa, estalando suas garras.

– Mais criaturas de Chthon – disse Zeke. – Vieram acabar com a gente!

– Não – disse Sheila. – Acho que não.

T’Challa observou descrente e em choque quando as figuras de dona Rose, de Mika, do sr. McGuire e de muitos outros apareceram diante deles, suas vozes um burburinho confuso.

– Onde estamos?

– O que aconteceu?

– Não me lembro de como cheguei aqui.

Sheila correu para a avó e a abraçou.

– Sheila? – perguntou dona Rose, com os olhos arregalados e ainda espantada. – Onde estamos? O que aconteceu?

T’Challa se virou para ver Mika, que jogou os braços em volta dele, pegando-o desprevenido.

– O que aconteceu? – perguntou ela. – T’Challa? Você também está aqui?

Ele assentiu com a cabeça. Não sabia mais o que fazer. Ainda estava chocado com o contato físico do abraço de Mika.

Os olhos de dona Rose encontraram T’Challa no escuro.

– Como todos nós chegamos aqui? – Ela esfregou a testa. – Não entendo.

T’Challa tentou falar, mas as palavras não saíram.

– Vocês foram sequestrados – disse Sheila, para a multidão atordoada. – Mas nós resgatamos vocês. Houve um vazamento de metano na caverna. Vocês estavam desmaiados. Nós os encontramos bem a tempo.

*Boa ideia*, pensou T’Challa. *E rápida!*

– Sim – acrescentou Zeke. – Hã, estávamos em uma excursão pela caverna e, hã…

– O que importa é que agora estão todos seguros – disse Sheila.

– Certo – interrompeu Zeke. – Agora precisamos tirar vocês daqui. Vamos lá, todo mundo. Façam uma fila e deem as mãos!

O alívio tomou o corpo de T’Challa. Ele esfregou o queixo onde Achebe o golpeara e sentiu a ponta de uma das garras em sua pele. Ele parou por um instante.

*O traje Pantera! Ainda estou com ele!*

Ele lançou uma olhadela rápida para Zeke e ergueu um dedo, dizendo-lhe para esperar.

Zeke inclinou a cabeça, confuso, mas logo abriu a boca e assentiu com a cabeça, como se entendesse.

T’Challa saiu de fininho em silêncio e tirou o traje. *Será que acabou mesmo?* Ele se perguntou. *Onde eu fui parar? Realmente fui salvo por Bast?*

Ele colocou o traje na bolsa e a jogou por cima do ombro.

Enquanto ajudavam todos a sair da caverna, Sheila usou seu telefone para ligar para a emergência. Havia uma história que precisava ser contada. Os cidadãos de Beaumont tinham sido encontrados, e T’Challa e seus amigos seguiram as pistas para resgatá-los. Não havia sinal do bandido que os levara, mas todos estavam seguros, e aquilo era tudo o que importava.

# CAPÍTULO
# VINTE E NOVE

– Não consigo acreditar – disse Zeke. – A gente realmente teve outra aventura maluca. Por que isso só acontece quando você está aqui?

O dia seguinte ao solstício de verão estava claro e ensolarado, e o trio se sentou do lado de fora da casa, no quintal de dona Rose. Dois cardeais vermelhos esvoaçavam e dançavam nas magnólias. A escuridão de qualquer dimensão em que T'Challa se encontrara estava desaparecendo lentamente.

– Essa é uma boa pergunta – disse Sheila, estreitando os olhos para T'Challa, fazendo uma cara que certamente tinha o objetivo de causar risadas. – Por que você sempre está envolvido em tanto drama?

– Não sei – respondeu ele.

Mas ele sabia.

Era o filho de T'Chaka, o Pantera Negra. Problemas e perigos o seguiriam pelo resto de sua vida.

A porta de tela se abriu com um rangido e dona Rose saiu segurando uma bandeja.

– Achei que vocês gostariam de um chá gelado – disse ela, pousando a bandeja em uma das mesinhas e enxugando a testa com as costas da mão. – Aqui está mais quente que a sala de espera do inferno.

T'Challa pegou um copo. Gotas de condensação escorreram. Cubos de gelo tilintaram quando ele o levou aos lábios e deu um longo gole.

– Ah! – exclamou ele. – Obrigado, dona Rose. Era exatamente o que eu estava precisando.

– Aham – disse dona Rose. – E o que eu preciso da minha neta é uma explicação do que realmente aconteceu. Uma policial veio tomar meu depoimento depois que falaram com vocês, mas não me lembro de nada. Ela disse que todos deram a mesma resposta, que acordaram nas minas, atordoados e confusos. – Ela olhou para a neta. – Quero saber como é que vocês, crianças, acabaram naquela caverna em Red Mountain. Como eu cheguei lá? Eu não… – Ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

T'Challa viu Sheila engolir em seco, nervosa. A expressão de Zeke era facilmente lida como "não olhe para mim".

Sheila pousou o copo. Todos seus movimentos eram muito deliberados, percebeu T'Challa, como se ela estivesse se dando tempo suficiente para pensar em uma resposta. *Por favor, tenha uma resposta*, pensou ele.

– Bem – disse Sheila, finalmente e, para espanto de T'Challa, ela contou a verdade sobre o que aconteceu. Bem, quase toda a verdade.

T'Challa prendeu a respiração quando Sheila contou à avó que o homem que se autodenominava Bob usava hipnose como arma, que ele queria sequestrar os cidadãos de Beaumont e obter um resgate do governo; que ela, Zeke e T'Challa descobriram o plano quando ele fez seu discurso na internet, usando hipnose e palavras-gatilho para forçar as pessoas a obedecerem aos seus comandos. Claro, T'Challa ficou aliviado ao perceber que ela não mencionou que eles tinham encontrado um demônio flamejante de outra dimensão.

Ele estremeceu.

Ainda não conseguia entender o que acontecera naquele lugar além do tempo e do espaço. Bast.

A Deusa Pantera.

Quando ele era criança e seu pai lhe contou sobre sua linhagem, disse que Bast responderia a seu chamado se ele se encontrasse em grave perigo. Cada Pantera Negra ao longo da história de Wakanda teve uma conexão com a Deusa Pantera através da erva-coração, a planta que dava força para aqueles que governariam o reino e vestiriam o manto.

Mas ele ainda não era o Pantera Negra.Talvez tivesse sido algum tipo de mensagem, imaginou ele. Que um dia subiria ao trono.

Dona Rose concordou com a explicação de Sheila, mas com um ar saudável de ceticismo. Ela fez uma pausa, e sua expressão mudou para perplexidade.

– É mesmo, eu assisti aquele vídeo. Estava circulando por e-mail. Alguém mandou para mim. Não sei quem foi. Foi um pouco antes de eu encontrar minha turma do café da manhã. – Ela inclinou a cabeça e sua voz ficou mais suave. – Eu assisti. Agora me lembro. Não conseguia desviar o olhar. Era como se estivesse sendo…

– Hipnotizada? – arriscou Sheila.

– Sim – disse dona Rose. – Era como se estivesse sendo hipnotizada. – Ela fez uma pausa, voltando a si. – Bem, e o que aconteceu com esse tal de… Bob? A polícia disse que não o encontrou.

Uma imagem de Achebe sendo consumido pelo *Livro dos Malditos* passou pela mente de T'Challa.

Ele olhou para Sheila, que abriu a boca, mas parecia estar se atrapalhando com as palavras.

– Ele deve ter fugido – disse T'Challa. – Não o encontramos, então ele deve ter descoberto nosso plano para resgatar a todos e depois fugiu.

Dona Rose olhou para T'Challa e assentiu. Aos olhos dele, ela ainda parecia atordoada.

– Não sei como três crianças fizeram tudo isso – disse ela. – Mas acho que a cidade está em uma grande dívida de gratidão com vocês.

– Talvez possamos ganhar as chaves da cidade! – disse Zeke, entusiasmado, e depois continuou. – Pera, o que as pessoas abrem com as chaves da cidade, afinal de contas?

Houve uma pausa e T'Challa riu. Sheila se juntou a ele e, por fim, dona Rose também teve que rir.

– Ainda tenho algumas dúvidas – disse T'Challa.

– Eu também. – Zeke e Sheila responderam ao mesmo tempo.

O porão ainda era a Base de Operações, embora a sala não tivesse mais o ar dramático de intriga e descoberta. As fotos e artigos de notícias tinham sido retirados da parede, e o lugar parecia um porão comum mais uma vez.

– Aquela palavra – disse Zeke. Ele fez uma pausa e baixou a voz. – *Solstitium*. Eu desmaiei quando Achebe disse.

– Era algum tipo de gatilho – disse Sheila. – Lembra do discurso dele? Ele disse algo como: “Irei chamá-los. Esperem pela minha voz”. E depois disse: “Solstitium”.

Zeke esfregou a testa, como se Achebe ainda tivesse controle sobre seus pensamentos e ações.

– Quando você foi sequestrado – disse Sheila. – Talvez ele tenha usado essa palavra para controlar você e os outros.

– Mas como foi que chegamos lá? – perguntou o garoto. – Na caverna. Ainda não entendo.

– Talvez ele tenha tido ajuda – disse T’Challa. – Talvez algumas daquelas pessoas com camisetas do Homem Vitruviano o tenham levado até lá. Elas estavam no protesto, protegendo o palco, lembra? Como guarda-costas ou algo do tipo. Talvez também estivessem hipnotizadas.

Zeke assentiu.

– Eu me lembro disso. – Ele fez uma pausa e esfregou a mão. – Por que Achebe não comprou o livro do sr. McGuire? Por que precisou sequestrá-lo?

– Também estava me perguntando isso – disse Sheila. – Mas lembra o que Mika disse? Ela disse que o livro não estava à venda. Por isso, se Achebe o quisesse, teria que roubá-lo e, em seguida, tirar o sr. McGuire de cena para que não pudesse identificá-lo ou dar queixa na polícia.

– Acho que faz sentido – disse Zeke.

– E – continuou Sheila – acho que ele queria oferecer pessoas… almas… ao Pesadelo como uma espécie de recompensa, por isso ele sequestrou o sr. McGuire.

– É como matar dois coelhos com uma cajadada só – disse T’Challa. – Ainda que eu deteste essa expressão.

– Que tal alimentar dois coelhos com uma cenoura só? – sugeriu Zeke.

– Zeke! – exclamou Sheila. – Brilhante! Até que você não é tão ruim assim. Não me importo com o que os outros falam sobre você.

– Ha ha ha – respondeu Zeke, e esfregou a mão novamente. T'Challa estremeceu e se lembrou de quando seus amigos tentaram segurar o *Livro dos Malditos*, e pagaram por aquilo com um ferimento que carregariam para sempre.

Ele deu uma olhada mais de perto na mão aberta de Zeke. Uma listra vermelha descia ao longo de sua palma.

– Isso dói?

– Na verdade não – disse Zeke. – Mas coça.

– O meu também – disse Sheila, acariciando suavemente a palma da mão com o outro polegar. – Eu esfreguei um pouco de pomada nele.

T'Challa sentiu uma pontada de… algo que não sabia o que era. Culpa? Raiva?

– Lamento que isso tenha acontecido – disse ele. – Vocês dois foram corajosos. Mais corajosos do que muitas pessoas teriam sido.

– Bem – disse Zeke. – É aquilo que costumávamos dizer, não?

– O quê? – perguntou T'Challa.

– Um por todos… – disse Sheila.

– E todos por um – terminou Zeke.

T'Challa sorriu.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo, e T'Challa observava as árvores e plantas floridas. O ar quente refrescou um pouco, e a brisa em seu rosto era agradável.

Ele virou uma conta de sua pulseira Kimoyo distraidamente.

– Então Achebe convenceu Pesadelo a entrar em nossas cabeças e nos trazer até aqui porque ele queria…

– Sua alma – disse Zeke. – O ritual doido dele precisava do seu sangue real, como ele chamou.

– Disso e de minério de ferro – acrescentou Sheila.

O estômago de T'Challa se embrulhou.

– Ele disse que buscava vingança – disse Sheila. – Seu pai, T'Challa, deve ter feito algo a ele, talvez antes de você nascer. É por isso que não tinha ouvido nada sobre ele.

T'Challa balançou a cabeça diante da estranheza de todas aquelas revelações. Ele precisaria perguntar a seu pai ou pesquisar

por conta própria. Ainda não tinha certeza se contaria o acontecido ao pai. *Mas provavelmente vou contar*, pensou ele. *É a coisa certa a se fazer.*

– Aquele outro homem – começou T'Challa. – Pesadelo. Eu o vi quando estávamos saindo do fliperama. Lembram que eu disse que tinha visto um cara esquisito?

– Sim – disse Zeke. – Eu lembro.

– Fiquei surpresa por Chthon não o ter matado – disse Sheila.

T'Challa de repente sentiu uma pontada de tristeza por Achebe. Mesmo depois do que ele fizera ou tentara fazer. Será que ele ainda estava vivo? Sendo consumido pelas páginas do *Livro dos Malditos*? Preso na dimensão sombria que Chthon chamava de lar? T'Challa estremeceu só de pensar naquilo.

Mas estava terminado.

Ele fez o que precisava ser feito para manter as pessoas seguras.

E aquilo era o que o Pantera Negra estava destinado a fazer.

# CAPÍTULO TRINTA

Depois de um jantar com bolo de carne, purê de batata, feijão verde e inhame doce caramelado, o trio se retirou para o quintal. T'Challa deu um tapinha na barriga. Ele sabia que logo teria que pagar o preço por todos os seus… excessos. Ele viu Themba, seu treinador, novamente em sua cabeça.

– Não dá pra dizer que você não fez nada durante o verão, não é? – disse Zeke.

T'Challa sorriu.

– Não. Acho que não.

– Não se preocupe – disse Sheila. – Logo ele estará de volta.

T'Challa inclinou a cabeça.

– Claro que sim. Um dia desses.

– Bem – disse a garota. – Tenho certeza de que será mais cedo do que o esperado. – Ela deu um sorriso malicioso.

– Do que você está falando? – perguntou ele, que realmente não fazia ideia do que a amiga queria dizer.

– Para ver Mika, é claro – disse Zeke.

– Mika?

Sheila suspirou.

– T'Challa, eu e Zeke vimos. Você está apaixonado.

– Boa escolha de palavras – disse Zeke.

– Apaixonado? – repetiu T'Challa.

– Sim – disse Zeke. – Ela te abraçou na caverna.

– E quando vocês estavam falando em francês um com o outro, na loja, estavam com os olhinhos brilhando – acrescentou Sheila.

T'Challa engoliu em seco, nervoso. Ficou constrangido e sentiu uma gota de suor escorrer por sua testa. Ele gostava de Mika. Simplesmente ainda não admitira para si mesmo.

– Ela me deu o número dela – confessou ele. – Quando saímos da caverna.

O queixo de Zeke caiu.

– Meninão! – disse Sheila.

– Ah, parem com isso – gritou T'Challa. – Já deu!

Mas eles não pararam, e continuaram o provocando o resto da noite.

O trio tentou fazer o máximo de atividades possível antes que T'Challa tivesse que voltar para casa. Mas ainda havia uma coisa que ele tinha que fazer.

No andar de baixo, Zeke e Sheila se reuniram a ele. T'Challa bateu em uma conta de sua pulseira Kimoyo.

– Para quem você está ligando? – perguntou Zeke, sem fôlego. – O Pantera Negra? O de verdade?

Sheila deu uma risadinha.

A pequena tela apareceu e o rosto de uma jovem surgiu nela.

– Ei, mana – disse T'Challa.

– T'Challa – exclamou Shuri.

– Ei – disse Zeke, curioso. – É a sua irmã.

– Esse aí é o Zeke? – perguntou Shuri. – Deixe-me vê-lo.

T'Challa passou a mão pela tela, que flutuou até a parede e se expandiu.

Shuri acenou furiosamente, e Zeke e Sheila retribuíram o gesto.

– Já ouvi falar de vocês – disse Shuri. – Zeke gosta de histórias em quadrinhos e Sheila gosta de ciência e tecnologia.

– Também ouvimos muito sobre você – respondeu Sheila.

Shuri deu um sorriso largo, e ficou séria de repente.

– Então! Eu tenho algumas perguntas para você.

– Para mim? – perguntou Sheila, surpresa.

– Sim – disse a jovem. – O que você sabe sobre as três leis da termodinâmica?

– Oh – disse Sheila. – Nossa. Bem…

Depois de uma longa discussão que entrou por um ouvido e saiu pelo outro das cabeças de T'Challa e Zeke, o jovem príncipe foi se despedir de sua irmã.

– Espere – disse ele, antes de desligar. Ele olhou para Zeke e Sheila e depois de novo para sua irmã.

– Você já ouviu falar de um homem chamado Bob, o Bom Doutor? Ou Achebe? Ele é de Ghudaza.

Shuri franziu o rosto por um momento.

– Por que você quer saber isso?

– Hã… – T'Challa gaguejou. – Vou contar tudo a vocês quando chegar em casa.

Shuri assentiu e estendeu a mão para algo que estava fora do enquadramento. Um segundo depois, ela estava segurando um pequeno globo na palma da mão. A garota tocou nele uma vez, e o objeto começou a girar, aparentemente sozinho.

– Ghudaza – disse ela.

Uma linha vermelha traçou o contorno do país no globo e, então, para o espanto de Zeke e Sheila, ela se afastou do globo e pairou no ar. Os detalhes eram incríveis e a topografia do país era claramente vista, desde cordilheiras a rios e florestas.

– Uau – sussurrou Zeke. – Como é que você não tem um desses, T'Challa?

T'Challa olhou para o amigo.

– Não dava para trazer tudo, né?

– Achebe – disse Shuri, concentrando-se no assunto em questão. – Wakanda. Ghudaza. Bob, o Bom Doutor. Associações e história.

O pequeno holograma de Ghudaza se transformou em uma imagem tridimensional.

– O globo de pesquisas detalhadas tem muito mais funcionalidades do que a minha pulseira Kimoyo – disse T'Challa a Zeke e Sheila. – Está conectado à rede de supercomputadores Kimoyo.

Os dois não responderam, estavam boquiabertos.

Blocos de texto começaram a se formar em torno do mapa, cada um repleto de informações.

– Legal, né? – disse Shuri, sorrindo.

Um bipe soou, e um dos quadrados pulsou com um contorno vermelho ao redor. Shuri leu:

– O reverendo Doutor Michael Ibn al-Hajj Achebe. Uma guerra civil irrompeu em seu país e ele, junto com muitos outros

deslocados, buscou refúgio em… – Shuri fez uma pausa. – Wakanda.

Shuri se afastou da imagem. Ela olhou para T'Challa.

– O que você está tramando, irmãozão?

Zeke e Sheila ficaram tensos, como se tivessem sido pegos bisbilhotando. T'Challa engoliu em seco.

– Vou contar para você depois – respondeu ele. – Talvez.

Shuri deu um olhar curioso a ele, depois olhou rapidamente para Zeke e Sheila.

– E…está tudo bem para…hã…dar essa informação? Tipo,agora?

– Ah – disse T'Challa. – Eles sabem. O pai também sabe sobre eles. Confie em mim, está tudo bem.

Shuri sorriu.

– Gostaria de poder contar a alguns de meus amigos internacionais sobre nossas vidas – disse ela.

– E você vai poder – disse T'Challa. – Logo, logo. Então, e o mapa?

Shuri suspirou e voltou ao mapa.

– Uma vez em Wakanda – ela continuou lendo. – Achebe tentou derrubar o governo, mas foi impedido pelo… Papai?

T'Challa balançou a cabeça.

– Isso deve ter sido há muitos anos.

– Não me lembro de ter ouvido falar disso em meus estudos – acrescentou Shuri.

*Mais evidências do sigilo de minha própria nação*, ponderou T'Challa.

Zeke e Sheila continuaram quietos.

– Bem – disse T'Challa. – Avise a meu pai que voltarei em breve. Vejo você logo, mana.

Shuri acenou sobre o mapa e ele se apagou.

– Tudo bem – respondeu ela. – Não se esqueça de trazer algo para mim? Uma lembrança? Talvez um daqueles antigos telefones de disco. Ou, espere um minuto! Como se chama? Uma caixa de som! Veja se consegue colocar as mãos em uma dessas.

Zeke e Sheila riram.

– Certo, Shuri – prometeu T'Challa. – Vou tentar.

– Tchau! – Shuri acenou. – Bom finalmente… conhecer vocês!

– E você também – Zeke e Sheila responderam ao mesmo tempo.
A imagem na parede se apagou.
Sheila suspirou satisfeita.
– Ela é legal.
– Sim – acrescentou Zeke. – E é parecida com você.
As sobrancelhas de T’Challa se ergueram.
– Não é não.
– É sim – responderam os dois, em uníssono.
T’Challa franziu o cenho.
– *Sério?*

# CAPÍTULO
# TRINTA E UM

– Nunca fui ao Rio Tuscaloosa para aquele passeio de canoa – disse Sheila no dia seguinte.

T'Challa mordeu a língua. Lutar contra corredeiras violentas era a última coisa que gostaria de fazer. Ele estava exausto, física e mentalmente. O estranho conflito em que se encontravam havia terminado, mas ele ainda sentia uma névoa persistente de apreensão, como se Chthon pudesse aparecer a qualquer momento e arrastá-lo de volta para aquele submundo escuro.

– Ei – disse Zeke, olhando para o telefone. – Escutem. Vai rolar uma festa de verão na pista de boliche hoje à noite. Todas as crianças convidadas. Comida, boliche e prêmios.

– Parece um bom jeito de terminar sua viagem, T'Challa – disse Sheila.

T'Challa assentiu. Fazer algo divertido parecia uma boa ideia.

Ele só tinha uma pergunta.

O que, exatamente, era boliche?

T'Challa fez outra jogada perfeita.

– Inacreditável – disse Zeke pela terceira vez.

– Tem certeza de que nunca jogou antes? – perguntou Sheila.

– Nunca joguei – respondeu ele. – Acho que é um talento nato.

A pista de boliche estava repleta de crianças dos bairros vizinhos, e o barulho era ensurdecedor: o baque das bolas de boliche atingindo as pistas de madeira, o barulho dos pinos caindo e os gritos e berros de cerca de setenta e cinco crianças.

Era a distração de que T'Challa precisava.

Zeke se ocupou em comer o máximo de cachorros-quentes que podia, depois ficou abraçando a barriga de olhos fechados.

– Salsichas… demais – gemeu ele.

Sheila não pôde deixar de repreendê-lo:

– Bem feito pra você.

– Bem feito – retrucou Zeke, em uma imitação perfeita.

T'Challa ria da troca constante de provocações dos dois.

– *Bonjour*, T'Challa!

T'Challa se virou.

O sorriso brilhante de Mika parecia iluminar o salão. T'Challa engoliu em seco.

– Oi, Mika. Como vai?

T'Challa revirou os olhos internamente. *Como vai? Que coisa idiota de se dizer.*

– Estou bem – disse Mika. – Embora ainda não saiba como foi que eu cheguei àquela caverna. Aquilo foi, como se diz… muito doido?

– Isso – respondeu ele. – *Mucho* doido.

Sheila olhou para Zeke e ergueu uma sobrancelha.

– Foi você que ensinou isso a ele? – sussurrou ela.

– Não – respondeu Zeke.

Os dois ficaram observando T'Challa se atrapalhar com a conversa. Daquela vez em inglês, e eles ficaram felizes em escutar.

– Quer tentar? – perguntou T'Challa, oferecendo uma bola a Mika.

– Claro – disse ela.

– É fácil – disse Sheila. – Finja que o objetivo é derrubar o patriarcado.

A atenção de T'Challa foi atraída quando um grupo de garotos, a algumas pistas de distância, começou a gritar. A bola de Mika rolou pela pista, derrubando três pinos. Ela saltou e bateu palmas para si mesma.

– O que está acontecendo ali? – perguntou Sheila.

T'Challa viu um homem mais velho, com uniforme de segurança, repreendendo o grupo de garotos:

– Vocês são muito velhos para estar aqui. Esta noite é só para crianças.

Um dos garotos, que era uns trinta centímetros mais alto do que o segurança, o empurrou, fazendo o homem trombar em um carrinho com refrigerantes e cachorros-quentes, derrubando tudo e fazendo uma bagunça.

Os outros do grupo riram enquanto o homem limpava o refrigerante da calça e da camisa.

O sangue de T'Challa ferveu. Ele realmente não gostava de valentões. Lembrou-se de sua primeira visita aos Estados Unidos com seu amigo M'Baku, em que eles encontraram vários valentões enquanto se passavam por alunos do ensino fundamental em Chicago. Um garoto chamado Gemini Jones fora particularmente problemático. Aqueles caras pareciam ser do mesmo tipo. Quase todos eram pura bravata, e só perseguiam crianças menores ou aqueles que não pudessem revidar.

Um dos garotos agarrou o boné do segurança e dançou ao redor do pobre homem enquanto os amigos riam e o incentivavam.

– Já chega! – disse T'Challa, e foi na direção deles.

O garoto mais alto percebeu sua intenção quando ele se aproximou, e o encarou.

– Tá procurando alguma coisa?

T'Challa não respondeu.

– Você está bem, senhor? – perguntou ele ao homem.

– Tudo bem, filho. Eu posso dar um jeito nisso – respondeu o segurança.

Zeke, Sheila e Mika também e aproximaram, e estavam lá prestando atenção em tudo.

– Não ligue para eles, T'Challa – disse Mika. – *Ils sont fous*, sabe?

– Sim – disse T'Challa. – Parecem uns doidos.

O garoto alto se aproximou de T'Challa.

– Quem é que você tá chamando de doido?

E foi então que o garoto avançou com seu braço comprido.

T'Challa se abaixou e girou em seu próprio eixo, dando uma rasteira no valentão.

– Uau! – gritou um dos amigos do garoto alto quando ele caiu no chão. – Você viu isso, cara?

O valentão se levantou. De repente, uma multidão se juntou ao redor, murmurando e apontando. O segurança recuou, falando em

seu telefone.

– Você não deveria ter feito isso – disse o garoto, se preparando para atacar novamente.

Seu movimento foi tão lento que T'Challa na verdade teve que esperar um pouco antes de agarrar o braço do valentão e empurrá-lo para trás, fazendo-o cair no chão novamente.

– Podemos fazer isso o dia todo, se você quiser – avisou T'Challa.

O garoto se recompôs, e encarou o menino mais novo. Quando T'Challa não respondeu, ele se afastou resmungando.

Os amigos do garoto olharam T'Challa dos pés à cabeça ao passarem, medindo-o.

– Obrigado, filho – disse o segurança. – Você não é daqui, é?

T'Challa sorriu para Zeke e Sheila.

– Não – disse ele. – Não sou.

*Eu sou T'Challa*, disse ele em sua cabeça. *Príncipe de Wakanda. Filho de T'Chaka. E, um dia, eu vestirei o manto.*

COMECE POR AQUI

MARVEL

# PANTERA NEGRA

## O JOVEM PRÍNCIPE

PANTERA NEGRA.
SOBERANO DE

# WAKANDA.
# VINGADOR.

Seu destino é ser o Pantera Negra. Mas, por enquanto, ele é apenas T’Challa – um jovem príncipe de 12 anos que mora em sua terra natal, Wakanda, uma nação africana isolada e detentora de tecnologia de ponta. Quando T’Challa não está aprendendo o ofício de governar o reino com o pai – o Pantera Negra regente – ou testando sua última invenção tecnológica, ele sai para quebrar as regras junto a seu melhor amigo, M’Baku.

No entanto, quando um conflito começa a fermentar perto de Wakanda, o pai de T’Challa faz um anúncio surpreendente: enviará T’Challa e M’Baku para estudar nos Estados Unidos. E não se trata de uma instituição particular de prestígio: eles foram matriculados em uma escola de ensino fundamental no coração de Chicago. Embora tenha recebido um traje tecnológico e um anel de vibranium para serem utilizados apenas em casos de emergência, T’Challa percebe que talvez não esteja tão bem equipado quanto acreditava para lidar com a sua vida nos Estados Unidos. Ainda mais quando o assunto é firmar novas amizades ao mesmo tempo que esconde sua verdadeira identidade de príncipe de uma nação poderosa e evita Gemini Jones, um colega de sala ameaçador sobre quem há boatos de envolvimento com magia negra.

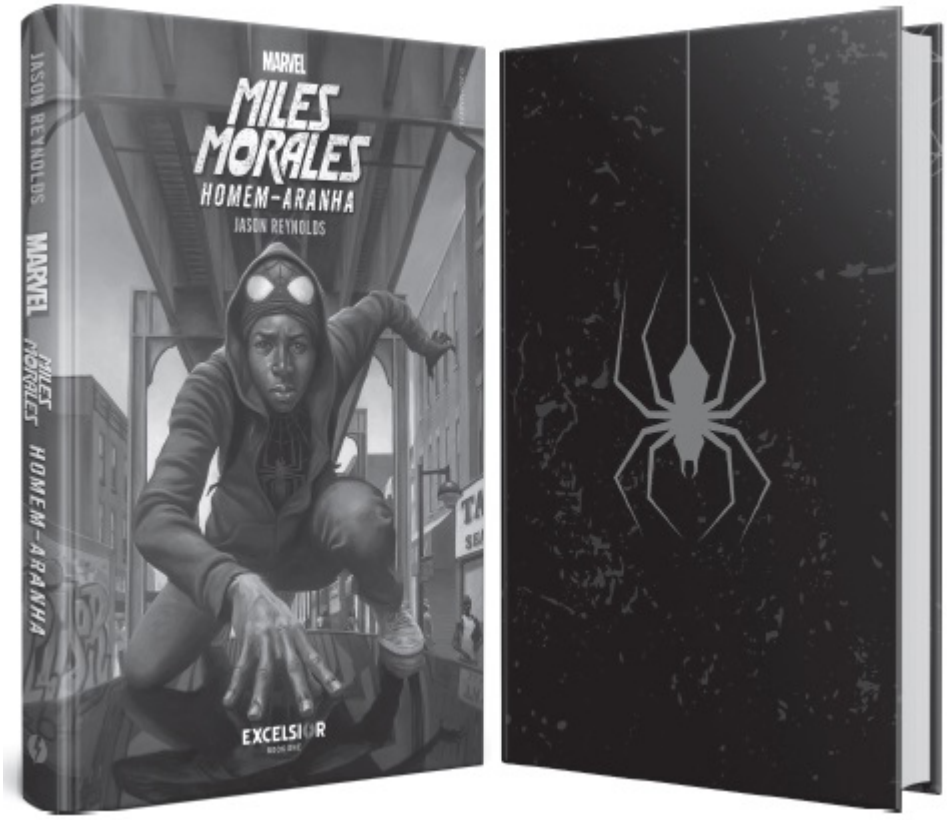
Quando eventos estranhos sucedem na escola,T’Challa se dispõe a descobrir sua origem. Contudo, acaba descobrindo algo bem mais sinistro do que jamais poderia ter imaginado e, a fim de proteger seus amigos e deter um mal antigo, T’Challa deve assumir o manto de herói, dando assim o primeiro passo na jornada para se tornar o Pantera Negra.

# LEIA TAMBÉM

**MARVEL**

## *MILES MORALES*

### *HOMEM-ARANHA*




“TODO MUNDO TEM RAIVA DE

# TRAPACEIROS, ESPECIALMENTE QUANDO SÃO VÍTIMAS DE UMA TRAPAÇA. E MILES SABIA QUE TRAPACEAR ESTAVA EM SUAS VEIAS.”

Miles Morales é um adolescente como todos os outros. Janta todos os domingos com os pais, joga games das antigas com o melhor amigo, Ganke, e tem uma queda por Alicia, a linda e inteligente poeta. Miles ostenta uma bolsa de estudos na prestigiada Brooklyn Visions Academy. Ah, sim, e ele também é o Homem-Aranha.

Porém, nos últimos tempos, o sentido aranha de Miles não tem mostrado boa forma. Quando um mal-entendido o leva a ser suspenso do colégio, Miles começa a questionar suas habilidades. Afinal, seu pai e seu tio já foram pivetes com fichas criminais nas ruas do Brooklyn. Talvez moleques como Miles não estejam destinados a serem super-heróis. Talvez Miles deva ouvir o conselho do pai e cuidar de si próprio.

Enquanto Miles tenta colocar sua vida escolar de volta nos trilhos, não consegue se livrar dos pesadelos vívidos que insistem em persegui-lo. Tampouco consegue evitar o zunido incessante do sentido aranha nas aulas de História, entre as falas suspeitas de seu professor sobre a escravidão e o sistema prisional moderno. Porém, quando sua bolsa de estudos é ameaçada, Miles descobre uma trama apavorante que ameaça a sua vida e a de todos à sua volta.

É hora de Miles vestir o uniforme.

## LEIA TAMBÉM

MARVEL

# A imbatível Garota-Esquilo

## DESBRAVANDO O MUNDO

“É FÁCIL FICAR MALUCO POR ESSA HEROÍNA.”
— KIRKUS REVIEWS

Doreen Green, de catorze anos, mudou da ensolarada Califórnia para o subúrbio de Nova Jersey. Ela precisa começar em uma escola nova, fazer novos amigos e continuar escondendo sua cauda. Isso mesmo, Doreen tem os poderes de um...esquilo!

Após falhar várias vezes na busca da sua nova melhor amiga, Doreen se sente solitária e presa, como um animal na jaula. Um dia Doreen usa seus poderes extraordinários para evitar que um grupo de bagunceiros faça travessuras na vizinhança, e a partir disso sua vida mudou completamente. Todos da escola estavam falando sobre isso! Doreen contempla tornar-se uma heroína pronta para voar para novas aventuras. E assim nasceu a Garota Esquilo!

Ela salva gatos de árvores, mantém as calçadas limpas e desencoraja vandalismos. Tudo corre bem até que um Super Vilão da vida real aparece das sombras e declara a Garota Esquilo sua arqui-inimiga. Será que Doreen conseguirá lidar com o fato de ser uma adolescente e uma heroína? Ou será que ela vai...pirar?

EDIÇÃO COM MINI HQ E 16 PÁGINAS COLORIDAS!

**SIGA NAS REDES SOCIAIS:**
@editoraexcelsior
@editoraexcelsior
@edexcelsior
@editoraexcelsior
editoraexcelsior.com.br

EU SOU T'CHALLA.
PRÍNCIPE DE WAKANDA.
FILHO DE T'CHAKA.
E, UM DIA, EU VESTIREI O MANTO.
T'Challa, com treze anos de idade, mal pode esperar para voltar aos Estados Unidos e visitar Sheila e Zeke, seus amigos, que estão hospedados na casa da avó de Sheila em Beaumont, uma pequena cidade do Alabama, durante as férias de verão. Ele está empolgado em passar suas férias longe de seus deveres como Príncipe de Wakanda por algumas semanas, e está aproveitando ao máximo as comidas incríveis e a rica história do sul dos Estados Unidos.
Mas enquanto continua a explorar a cidade, T'Challa percebe que um homem, que atende pelo nome comum de Bob, parece estar em todos os lugares que ele visita, e começa a acreditar que aquilo não é coincidência.
Quando os moradores da cidade começam a se aglomerar com a estranha mensagem de Bob e um cidadão importante desaparece, o Jovem Príncipe não tem escolha a não ser intervir.
T'Challa e seus amigos começam suas próprias investigações e, em pouco tempo, os três adolescentes se veem presos em uma trama que envolve um livro raro e antigo, e um homem que não é o que parece ser. Levados a confrontar um vilão maligno e inesperado, T'Challa, Sheila e Zeke precisam se unir para salvar o povo de Beaumont... antes que seja tarde demais.
MARVEL
© 2022 MARVEL
EXCELSIOR
BOOK ONE